



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



CLÁUDIA MÁRCIA DIAS SILVA

O LICEU ESCOLA E A EDUCAÇÃO CERAMISTA NO PARACURI:
uma experiência de ensino de História.

ANANINDEUA-PA

2022

CLÁUDIA MÁRCIA DIAS DA SILVA

O LICEU ESCOLA E A EDUCAÇÃO CERAMISTA NO PARACURI:

uma experiência de ensino de História.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Junior Ishihara Brito

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

ANANINDEUA-PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S586l SILVA, CLAUDIA.
O Liceu Escola e a Educação Ceramista no Paracuri :
uma experiência de ensino de História / CLAUDIA SILVA. —
2022.
122 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Adilson Brito
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional
em Ensino de História, Ananindeua, 2022.

1. Ensino de História. 2. Educação Patrimonial. 3.
Memória. 4. Cerâmica do Paracuri. 5. Icoaraci. I. Título.

CDD 373.2098115



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

CLAÚDIA MÁRCIA DIAS DA SILVA

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Adilson Junior Ishihara Brito e constituída pelos examinadores Profa. Dra. Anna Maria Alves Linhares e Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello, reuniu-se no dia 19 de dezembro de 2022, às 09:30 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Dissertação da mestranda **CLÁUDIA MÁRCIA DIAS DA SILVA** intitulada: "O LICEU-ESCOLA E A EDUCAÇÃO CERAMISTA NO PARACURI: uma experiência de ensino de História". Após explanação da mestranda e das arguições dos membros da Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que o presidente e os membros da Banca se retiraram da sala virtual. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestranda respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestranda construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **EXCELENTE**, com louvor e recomendações para publicação da Comissão Avaliadora, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Emitido em 19/12/2022

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado/2022 - CANAN (11.82)
(Nº do Documento: 320)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 19/12/2022 15:35)

ADILSON JUNIOR ISHIHARA BRITO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CANAN (11.82)
Matricula: ###165#3

(Assinado digitalmente em 19/12/2022 19:04)

ANNA MARIA ALVES LINHARES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CANAN (11.82)
Matricula: ##876#5

(Assinado digitalmente em 19/12/2022 15:55)

JANAÍNA CARDOSO DE MELLO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.527-##

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa oferecida aos professores que viabilizou minha dedicação ao PROFHISTORIA.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Adilson J. I. Brito por não desistir do trabalho que se propôs no início das orientações. De maneira humana usou de muita sensibilidade e me fez percorrer os caminhos que viabilizaram esse trabalho. Muito obrigada. Sempre lembrarei de sua determinação e perseverança.

Agradeço a todos/as os/as professores/as do PROFHISTÓRIA por contribuírem com seu conhecimento para a realização desta pesquisa no campo do ensino de História.

Um agradecimento mais que especial a todos os profissionais do Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso” que sempre se disponibilizavam e atendiam as demandas que surgiam no decorrer desse trabalho. Vocês foram maravilhosos, muito obrigada!

Aos meus colegas do PROFHISTÓRIA que participaram da minha trajetória e com palavras de motivação tornaram possível esta conquista. Agradeço principalmente a Marco Antônio Soares, Monica Malcher, Ana Maria Conceição e Denis Amorim (in memoriam). Foram horas sorrindo, conversando e aprendendo ao lado de vocês. Obrigada pelo apoio e parceria.

Aos meus familiares pelo apoio e incentivo em todo o tempo. Agradeço principalmente a minha mãe, por embalar meu filho Mássimus enquanto eu me debruçava neste trabalho durante as madrugadas. A minha sobrinha Vitória, por emprestar sua voz ao “*Insight* o Canal do Paracuri”, nosso produto final. Muito obrigada.

Agradeço a Miguel, a Sarah e a Mássimus por desempenharem papéis específicos neste trabalho. Obrigada filhos, obrigada por me motivarem.

Finalmente, agradeço a Deus e aos amigos do astral que me iluminaram nos momentos de escuridão, sustentaram-me nos dias de cansaço, energizaram-me nos dias de angústia e de tristeza. Eu sentia vocês e o amor de Deus por meio das boas energias que chegavam até mim. Muito obrigada por me manterem nessa missão. Gratidão! Sarah, eu não te esqueço.

A Cultura de um povo é o seu maior Patrimônio. Preservá-la é resgatar a História, perpetuar valores; é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato
(Nildo Lage)

RESUMO

O presente trabalho foi elaborado a partir da ideia de dinamizar as aulas de ensino de História no Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”. Localizada no Distrito de Icoaraci, município de Belém do Pará, que contém em seu currículo uma parte diversificada ligada à arte ceramista. Teoricamente, essa arte seria valorizada pela educação patrimonial presente nas aulas da parte diversificada do currículo dessa escola. Percebe-se que a arte ceramista é alijada pelos professores em suas práticas, que deixam de utilizar os saberes prévios adquiridos pelos alunos, moradores dessa comunidade, em suas aulas. Por meio da construção de uma formação continuada e de uma proposta de intervenção na prática dos professores de História, este trabalho utilizou ações voltadas para a inserção da metodologia da educação patrimonial no trato do fortalecimento da identidade dos alunos do Liceu. As dificuldades encontradas em nosso trabalho resultaram na criação do nosso produto final. Utilizando a história, a memória que cercam a produção de cerâmicas e a criação do Liceu Escola em Icoaraci, construímos um canal com vídeos, documentando nossa experiência na formação continuada no ensino de História e no trato com diversas fontes orais que recheiam a comunidade do Paracuri e, que a partir de agora, podem servir de norte para novas experiências nessa escola ou em outras que se interessarem por tal tema.

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; Memória; Identidade; Icoaraci-PA.

ABSTRACT

This work was elaborated from the idea to dynamize lessons of History teaching in the Lyceum School of Arts and Crafts “Mestre Raimundo Cardoso”. Located in the Icoaraci District, municipality of Belém do Pará. It’s curriculum contains a diversified part attained to ceramist art. Teorically, this art would be enriched by patrimonial education present on lessons of the diversified part of the school’s curriculum. It’s noticed that the ceramist art is jettisoned by teachers in their practices, who abandon previous knowledge acquired by students, residentes in this community in their lessons. Through the construction of a Continuing Education and a proposal of intervention in History’s teachers, this work used actions aimed for the insertion of patrimonial education methodology in the deal of strenghtening of Lyceum students identity. The difficulties found in our work resulted in the final product. Using History and Memory who surround ceramic production and the creation of Lyceum School in Icoaraci, we build a channel with videos documenting our experience in Continuing Education, in History teaching and in the deal with many oral sources who fills the Paracuri community and which from now can serve as a guide to this school or any other that is interested in this topic.

Keywords: History Teaching. Patrimonial Education. Memory. Identity.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: DAICO - Distrito administrativos e Icoaraci	19
Figura 2: Notícias sobre turismo no Distrito de Icoaraci	20
Figura 3: Feira de artesanato do Paracuri	21
Figura 4: Lojas de cerâmica na Feira de artesanato do Paracuri	22
Figura 5: Trecho de mapa estilizado do centro de Icoaraci	28
Figura 6: Desenhos estampados nos ônibus urbanos em Belém (1996)	29
Figura 7: Desenhos estampados nos ônibus urbanos que circulam de Icoaraci para Belém	30
Figura 8: Fachada do Bloco administrativo do Liceu	33
Figura 9: Mestre Raimundo Cardoso	33
Figura 10: Vista aérea do Liceu do Paracuri	35
Figura 11: Entrada da Galeria de Artes - Núcleo de Arte Laís Aderne	36
Figura 12: Oficinas de grafismo em peças de cerâmica	36
Figura 13: Interior da Galeria de Artes	37
Figura 14: Argila para as aulas práticas	38
Figura 15: Tornos elétricos	38
Figura 16: Presépio de cerâmica e peças diversas	38
Figura 17: Avaliação do Liceu do Paracuri no Ideb	40
Figura 18: Perfil dos alunos do Liceu Escola - 6º ano/2019	41
Figura 19: Recreio aberto	45
Figura 20: Paredes externas da cozinha	46
Figura 21: Detalhes dos bancos e pisos	46
Figura 22: Pisos e paredes com revestimento de cerâmica	47
Figura 23: Carrancas de cerâmica	47
Figura 24: Vasos e bancos de cerâmica	47
Figura 25: Passarela e detalhes de um banco	48
Figura 26: Projeto de construção em argila de Icoaraci	50
Figura 27: Convite do Arrastão Cultural do Liceu	52
Figura 28: Homenagem a Dalcídio Jurandir e a Ruy Barata	54
Figura 29: Apresentação do Etnoconexões	54
Figura 30: Capa do Projeto Interdisciplinar	72

Figura 31: Tornos manuais e elétricos do Núcleo de Artes do Liceu	74
Figura 32: Mestre Rosemiro confeccionando pratos de cerâmica.....	75
Figura 33: Organização das aulas a partir da Formação Continuada	76
Figura 34: Desenhos feitos pelos alunos	81
Figura 35: Vídeos publicados no canal do <i>YouTube</i>	88
Figura 36: Cerâmicas utilitárias produzidas no Paracuri	92
Figura 37: Estrutura física do Liceu Escola	94
Figura 38: Imagem no vídeo 3.....	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A PRODUÇÃO DE CERÂMICA NO PARACURI E A FUNDAÇÃO DO LICEU ESCOLA	15
2.1	Icoaraci e a produção de cerâmica no Paracuri.....	18
2.2	A Fundação do Liceu Escola e sua missão na comunidade do Paracuri. ...	32
2.3	A ausência de projetos de ensino de História ligados à cultura ceramista no Liceu.....	49
3	A TRADIÇÃO ORAL, RELATOS DE MEMÓRIAS E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE ENSINO DE HISTÓRIA.....	56
3.1	Tradição oral e relatos de memória: a história da cerâmica no Paracuri	57
3.2	A formação continuada e o Ensino de História a partir da Educação Patrimonial.....	63
3.2.1	“Pratos de Cultura”: um projeto interdisciplinar, engavetado.....	71
3.2.2	Uma experiência de Ensino de História e o uso da Educação Patrimonial	76
4	Um <i>Insight</i> no Liceu: o Canal da História, Memória e Educação Patrimonial no Paracuri.....	83
4.1	A importância do uso das novas tecnologias na Educação e o uso do <i>YouTube</i> como recurso pedagógico	84
4.2	A experiência no Liceu: a organização dos vídeos do <i>Insight</i> no <i>YouTube</i>	89
4.3	O Canal <i>Insight</i> : uma ferramenta pedagógica.....	89
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS.....	101
	APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O MESTRE ROSEMIRO PEREIRA	104
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROSILENE	112
	APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ.....	113
	APÊNDICE D – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARTINHA.....	115
	APÊNDICE E – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LEDA	116
	APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LEDA	117

1 INTRODUÇÃO

Em 1996, no Distrito de Icoaraci, em Belém do Pará, foi fundada uma escola diferenciada: O Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”. O Liceu Escola fazia parte de um grupo de cinco escolas criadas pela rede municipal de educação cujo principal objetivo era de “integrar os diversos segmentos da sociedade, ao seu “inteiro ambiente”, a partir da conscientização e valorização de sua história, de seu patrimônio natural e cultural” (MARTINS, 2014, p. 315).

No caso do Liceu, a história e o patrimônio que deveriam ser valorizados estavam ligados a produção de cerâmica que existe na comunidade do Paracuri, bairro onde está localizada a escola. As aulas teriam que envolver os alunos na área da história da produção ceramista presente em Icoaraci e principalmente no Paracuri.

Cerca de 85% da clientela do Liceu mora na área, são alunos acostumados com a presença de artesãos, peças de cerâmica, extração de argila e tantas outras coisas que envolve esse universo. Em seu Projeto Pedagógico (1996) original fala-se em uma “missão”, que seria formar os cidadãos críticos e utilizar os saberes prévios desses alunos como base para o ensino das disciplinas da Base Nacional Comum.

Desde 2013 estamos trabalhando no Liceu Escola como professora de história de turmas do Ensino Fundamental II. Durante algum tempo observando percebemos um problema na educação oferecida nessa escola: a proposta pedagógica da escola não era aplicada, não se usavam em projetos e aulas de história as experiências vividas pelos alunos na comunidade. Usar as experiências vividas pelos alunos nas aulas de história é a alavanca para o fortalecimento da consciência histórica do aluno.

Nossos alunos no Liceu não conseguiam explicar conceitos básicos que deveriam saber, por receberem uma educação patrimonial desde o primeiro ano do ensino fundamental I, como o de patrimônio cultural. Percebemos que havia uma lacuna na formação desses alunos.

A maioria dos professores não tinham noção da finalidade do Núcleo de Artes na escola, que é um espaço que contém diversas salas equipadas com equipamentos de produção de cerâmica além de materiais destinados a atividades culturais, como dança e capoeira. Acreditavam que o Núcleo estava ali no Liceu para ensinar aos alunos o ofício ceramista.

Em nosso trabalho final do Mestrado Profissional de Ensino de História resolvemos pesquisar a respeito dos problemas que os professores sentiam em

utilizar esse viés patrimonial em suas aulas no ensino de História. Assim, nosso trabalho está baseado na realização de uma Formação Continuada para os professores de História do Liceu. A ideia era analisar em conjunto com os professores o porquê da ausência de temas relacionadas ao cotidiano do aluno nas aulas de ensino de história e incluir o viés patrimonial nessas aulas.

Nossos alunos convivem diariamente com situações e problemas relacionados a essa produção, conhecem alguém ou tem familiares que produzem essas peças, dependem economicamente dessa produção, são ligados identitariamente a ela, mas não conhecem a história que envolve sua comunidade.

Esse trabalho mostra os caminhos percorridos para alcançarmos nosso objetivo: viabilizar a proposta pedagógica do Liceu escola em trabalhar o patrimônio ceramista do Paracuri nas aulas de História, disciplina do currículo formal, trabalhando questões relacionadas a identidade do aluno do Liceu, dividindo o trabalho em seções.

Nossa pesquisa é uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso, focada no Liceu Escola, em Icoaraci. E para alcançarmos nosso objetivo foram estabelecidos os seguintes parâmetros:

- Analisar o espaço no qual está inserida a escola, o distrito de Icoaraci, tanto no âmbito econômico quanto o social. Investigamos a origem do distrito e da produção de cerâmica em Icoaraci. A partir disso levantamos a intencionalidade da criação do Liceu nesse espaço.

- Compreender como os profissionais da educação lidavam com a ideia do uso de uma educação patrimonialista na Escola Liceu para que através da análise desse uso, oferecer recursos para tentar envolve-los no trabalho.

- Construir, por meio dos relatos de memória e da história do tempo presente, ferramentas que ajudassem a desenvolver o ensino de história e o currículo do Liceu e suas disciplinas específicas, nesse caso um canal de vídeos utilizando essas memórias e essa história foi construído.

A primeira seção se constitui a parte introdutória da nossa pesquisa em que elencamos os pontos importantes que serão tratados ao longo desse percurso que realizamos.

Na segunda seção, apresentamos o Distrito de Icoaraci, com suas principais especificidades, histórico, principais bairros e atividades econômicas, dando destaque para o Paracuri, bairro aonde existe uma grande concentração de olarias e produção de peças de cerâmica. É nesta seção também que apresentamos o Liceu Escola de

Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”, seus problemas e suas especificidades. Pontuamos o ato de sua fundação, analisamos seu currículo inovador e sua parte diversificada, dando atenção para a existência do Núcleo de Artes “Laís Aderne” em suas dependências e para as aulas da parte diversificada ligadas a arte ceramista e a cultura amazônica.

É nessa seção que apontamos o problema da escola: o alijamento das experiências vividas pelos alunos do Liceu em sua comunidade não utilizando-as nas aulas sistematizadas das disciplinas da base nacional comum do currículo do Liceu. Apontamos lacunas na formação dos alunos do Liceu, que mesmo estudando desde o primeiro ano do ensino fundamental na escola não conheciam conceitos básicos de patrimônio, mas tão somente o tradicional conceito ligado a monumentos e bens materiais.

Em nosso trabalho final do Mestrado Profissional de Ensino de História resolvemos pesquisar a respeito dos problemas que os professores sentiam em utilizar esse viés patrimonial em suas aulas no ensino de História. Assim, nosso trabalho está baseado na realização de uma Formação Continuada para os professores de História do Liceu. A ideia era analisar em conjunto com os professores o porquê da ausência de temas relacionadas ao cotidiano do aluno nas aulas de ensino de história e incluir o viés patrimonial nessas aulas.

Nossos alunos convivem diariamente com situações e problemas relacionados a essa produção, conhecem alguém ou tem familiares que produzem essas peças, dependem economicamente dessa produção, são ligados identitariamente a ela, mas não conhecem a história que envolve sua comunidade.

Na terceira seção, mostraremos todo o processo da Formação Continuada e da utilização da metodologia da educação patrimonial nas aulas do ensino de história. Debateremos a viabilidade de sua aplicação, se não seria mais um projeto utilizando o viés ceramista que seria finalizado e não teria êxito. Mostraremos como foi o processo de convencimento dos professores de história para participarem do projeto, a resistência dos mesmos, as dificuldades apontadas por eles, inclusive a ausência de um norte para a formulação desse tipo de projeto. Mostraremos como ocorreu o convencimento dos professores e como suprimos a carência de diretrizes para a formulação dos projetos interdisciplinares e de ensino de história.

Na quarta seção, apresentaremos o material utilizado na Formação Continuada transformado em produto final: um canal de vídeos publicados em uma plataforma

digital, o *YouTube*. É nessa seção que analisamos a importância de se lançar mão de tecnologias de informação para inovar as práticas dos professores em sala de aula.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, mostrando o quão largo e promissor é o uso do cotidiano do aluno para a viabilização do ensino de história e o quanto é viável a utilização das redes sociais e das novas tecnologias para a formação dos discentes do Liceu.

2 A PRODUÇÃO DE CERÂMICA NO PARACURI E A FUNDAÇÃO DO LICEU ESCOLA

O Distrito de Icoaraci, localizado em Belém do Pará, teve sua área ocupada ainda no período colonial brasileiro. De início, abrigou duas grandes olarias em sua área, as quais produziam telhas e tijolos para atender a população local. No decorrer de sua história, o Distrito passou a ser referência (e não apenas no Pará, mas em todo o Brasil) na produção de todo tipo de peças de cerâmica: vasos, potes alguidares, moringas, painéis, pratos, relógios, tijolos, telhas e também de refinadas réplicas de peças de cerâmicas dos primeiros povos que habitaram a Amazônia, como os marajoaras e os tapajônicos.

Atualmente, essa produção de cerâmica está concentrada em um dos bairros do Distrito, situado no bairro do Paracuri. Este concentra um expressivo número de artesãos que vivem da produção de cerâmica e que vendem peças artesanais para todo o Brasil. A produção de cerâmica do Paracuri gera renda para a população local e de outros bairros vizinhos, uma vez que Icoaraci sempre recebe turistas atraídos pela beleza das peças de cerâmicas, que são comercializadas nas ruas do Paracuri e também na orla do Distrito, que abriga a chamada “Feira do Paracuri”.

Essa feira é organizada e mantida pela Prefeitura Municipal de Belém e possui barracas padronizadas, nas quais cerâmicas produzidas são vendidas diariamente, principalmente, no bairro do Paracuri.

Ao notar a concentração de artesãos na área do Paracuri, a Prefeitura Municipal de Belém, em 1996, criou o Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, com a finalidade de incentivar o surgimento de novos ceramistas em Icoaraci e a geração de renda para um número maior de pessoas no Paracuri. Essa escola teria em seu currículo uma parte diversificada direcionada para a valorização do ofício ceramista, com várias disciplinas teóricas e práticas, as quais se incumbiriam de solidificar essa arte, através de uma educação patrimonial recebida por esses alunos e ensinadas por professores contratados para essa finalidade.

É muito recorrente encontrar alguns alunos vagando pela escola (*gazetando aula*) no horário das disciplinas da parte diversificada do currículo. Esses alunos - a maioria reside nas proximidades do Paracuri – têm pessoas da família ou conhecem alguém que trabalha com a produção de cerâmicas, porém constantemente se ausentam das aulas do Núcleo, mostrando um grande desinteresse pela aprendizagem da arte ceramista.

Quando o aluno se matricula no Liceu, ele sabe da especificidade do currículo da escola e que terá aulas ligadas ao saber ceramista. Então por que ocorre esse problema de aprendizagem na escola? Por que essa falta de interesse pela parte diversificada do currículo do Liceu?

Observamos que a educação patrimonial que o aluno recebe na escola é superficial e procura sempre ligar o conceito de patrimônio a prédios arquitetônicos do passado, a monumentos ou a peças antigas de cerâmicas produzidas no passado, sempre valorizando o antigo e não relacionando o estudo da arte ceramista a realidade do aluno. O conceito empregado nas aulas de Educação Patrimonial (uma das disciplinas da parte diversificada do currículo do Liceu) é aquele ainda conectado ao de patrimônio “histórico e artístico”. Além disso, ao fazer uma análise do Projeto Político Pedagógico da Escola, não encontramos - em qualquer outra disciplina da grade curricular - a preocupação de trabalhar a educação patrimonial, nem mesmo de forma transversal.

O ensino de História na escola também se isenta desse trabalho, deixando claro que seu objetivo maior é relacionar o aluno do Liceu a contextos mais gerais, de sociedades mais distantes, quase sempre utilizando a história europeia como perspectiva. Com isso, tem-se um modelo de ensino que renega a própria história do Distrito de Icoaraci e, mais especificamente, da comunidade do Paracuri, uma vez que não há trabalhos que envolvam elementos do contexto local, dificultando o interesse do aluno pela prática ceramista, tão peculiar à comunidade.

É importante ressaltar que a disciplina Educação Patrimonial é ministrada por um professor de história que, normalmente, é contratado para tal função, os contratos duram em média dois anos e podem ser renovados por um período de mais dois. A referida disciplina está há mais de três anos sem um professor.

Vários educadores passaram por essa disciplina no decorrer dos últimos seis anos, muitos abandonaram a função ao receberem propostas salariais mais vantajosas em outras instituições e por maior estabilidade, já que são professores contratados por um tempo determinado. As aulas da parte diversificada do currículo foram suspensas desde 2020, pois o contrato de todos os “oficineiros” (como são chamados os professores) foram encerrados, voltando a acontecer no segundo semestre de 2021 quando a Prefeitura Municipal de Belém, em sua nova gestão, lançou edital para contratação imediata desses profissionais que estavam ausentes da escola.

Toda essa rotatividade e carência de professores faz romper um possível diálogo entre os alunos e a proposta da escola. Os trabalhos perdem o vigor com a mudança dos professores, sofrem rupturas, bem como perdem o sentido com a mudança de metodologias empregadas pelos novos professores, que assumem as turmas e se perdem com a escassez desses profissionais.

Tendo em vista esses fatos, nosso trabalho tem como objetivo principal desenvolver uma proposta de Formação Continuada para suscitar a prática da educação patrimonial ligada à arte ceramista de Icoaraci, no Ensino de História, em turmas do Ensino Fundamental do Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso. É importante ressaltar que, em 2020, a escola passou a fazer parte do projeto do Governo Federal de escolas cívico-militares, concentrando o ensino fundamental, que antes funcionava no período da manhã e à tarde, apenas no turno da tarde. O currículo da escola não sofreu alterações até o momento, as aulas da parte diversificada foram mantidas, sendo interrompidas durante todo o ano de 2020, devido à pandemia de SARS-Cov-2 e à falta de oficinairos.

No primeiro do Distrito, o senhor Rosemiro Pinheiro. Rosemiro trabalha com a produção de cerâmica desde os 15 anos de idade, saber herdado do pai, que também era artesão. Esse artesão trabalhou por mais de 19 anos no Liceu Escola em uma disciplina específica da parte diversificada do currículo, chamada por ele de “Oficina de Torno”; procuraremos mostrar como a produção da cerâmica em Icoaraci passou a ser direcionada para a reprodução de réplicas de cerâmicas de povos ancestrais, principalmente da cerâmica marajoara e tapajônica, para atender ao mercado nacional, ávidos por esse tipo de peça; também analisaremos a fundação do Liceu Escola e seu currículo específico por meio da análise de seu Projeto Pedagógico (PP) e de documentos ligados à sua criação e à sua função; finalizaremos com a discussão da ausência do uso da educação patrimonial no ensino de História na escola e apresentaremos uma proposta de uma formação continuada para os professores de História do Ensino Fundamental do Liceu.

O município de Belém, capital do Estado do Pará, está dividido em oito distritos administrativos, sendo um deles o de Icoaraci. O primeiro nome recebido por Icoaraci foi Fazenda Pinheiro, passando por várias outras denominações até chegar ao nome atual de Icoaraci, que significa “frente para o Sol” ou “Mãe de todas as Águas”, (Icoara = águas e Ci = mãe), na língua Tupi Guarani. Abrigou, assim como todo o território

brasileiro, diversos povos provenientes da Europa. Os portugueses, principalmente predominaram na ocupação das terras desse lugar.

Com aproximadamente 33,15 km, Icoaraci foi transformado no 3º Distrito Administrativo da capital por intermédio da Lei Municipal nº 7.682, de 12 de janeiro de 1994, sob a sigla de DAICO – Distrito Administrativo de Icoaraci. A sua principal via de acesso é a Rodovia Augusto Montenegro, inaugurada em 1978, em substituição ao antigo ramal ferroviário que fazia parte da ferrovia Belém-Bragança e ligava o atual distrito a Belém. (COSTA; RAMOS, 2019, p. 992).

Está localizado na parte setentrional de Belém e distante aproximadamente 20 km do centro da cidade. Por meio da Lei Municipal nº 7.806, de 30 de julho de 1996, o DAICO foi constituído por 9 nove bairros: Águas Negras, Agulha, Campina de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera, Paracuri, Parque Guajará, Ponta Grossa e Tenoné (BELÉM, 1996, p. 1).

2.1 Icoaraci e a produção de cerâmica no Paracuri

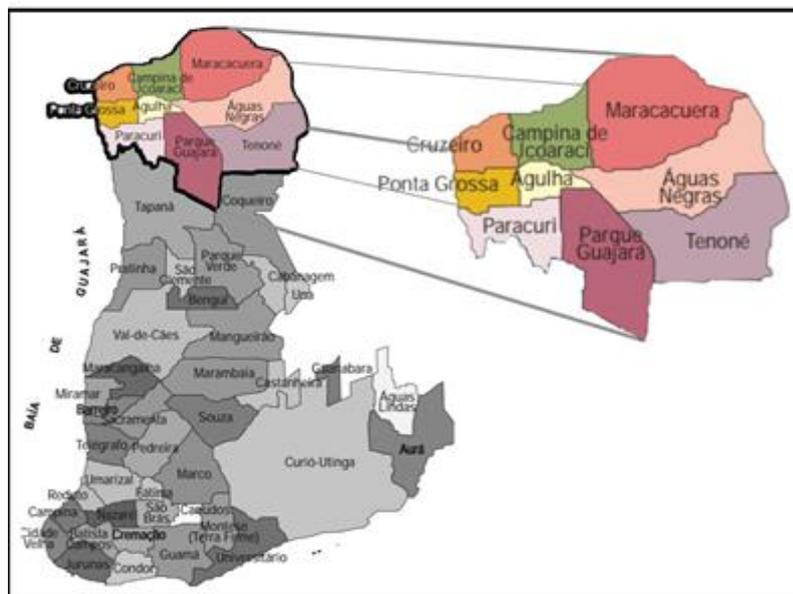
O município de Belém, capital do Estado do Pará, está dividido em oito distritos administrativos, sendo um deles o de Icoaraci. O primeiro nome recebido por Icoaraci foi Fazenda Pinheiro ou Pinheiro, passando por várias outras denominações até chegar ao nome atual de Icoaraci, que significa “frente para o Sol” ou “Mãe de todas as Águas”, (Icoara = águas e Ci = mãe), na língua Tupi Guarani. Abrigou, assim como todo o território brasileiro, diversos povos provenientes da Europa. Os portugueses, principalmente predominaram na ocupação das terras desse lugar.

Com aproximadamente 33,15 km, Icoaraci foi transformado no 3º Distrito Administrativo da capital por intermédio da Lei Municipal nº 7.682, de 12 de janeiro de 1994, sob a sigla de DAICO – Distrito Administrativo de Icoaraci. A sua principal via de acesso é a Rodovia Augusto Montenegro, inaugurada em 1978, em substituição ao antigo ramal ferroviário que fazia parte da ferrovia Belém-Bragança e ligava o atual distrito a Belém. (COSTA; RAMOS, 2019, p. 992).

Está localizado na parte setentrional de Belém e distante aproximadamente 20 km do centro da cidade. Por meio da Lei Municipal nº 7.806, de 30 de julho de 1996, o DAICO (Figura 1) foi constituído por 9 nove bairros: Águas Negras, Agulha, Campina

de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera, Paracuri, Parque Guajará, Ponta Grossa e Tenoné (BELÉM, 1996, p. 1).

Figura 1: DAICO - Distrito administrativos e Icoaraci



Fonte: Prefeitura Municipal de Belém (Data)-destaque feito pela autora

Segundo o *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*, a Fundação João Pinheiro e o *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (PNUD/IJP/IPEA), o DAICO possui uma população de aproximadamente 152 mil habitantes (11% do total de Belém), sendo o bairro do Tenoné o mais populoso (29 mil habitantes). Sua renda per capita média é de R\$ 617,28 (abaixo da média da capital, que é de R\$ 853,82); já o bairro do Paracuri, de grande concentração de artesãos ligados ao ofício ceramista, tem a menor renda (R\$ 305,73).

Em se tratando de Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM), o DAICO registrou 0,71, valor também abaixo do registrado na capital, com o bairro do Paracuri o de pior índice de (0,62). Os dados evidenciam uma situação de pobreza no DAICO, pois 14,2% da população vivem com uma renda domiciliar per capita de R\$140,00, em comparação com o total da população. Ainda sobre a pobreza, o caso mais acentuado está no bairro do Paracuri, que registrou um percentual de 27% da população nessa condição¹.

A base econômica de Icoaraci é a indústria, (construção naval, extrativismo vegetal, metalurgia, beneficiamento de madeira, logística e distribuição). Em 1981, foi criado o Distrito Industrial, com a finalidade de dar ordenamento à atividade industrial

¹ Para mais detalhes ver: Nota Técnica: Descritivo Econômico do Distrito de Icoaraci-Belém/PA (FAPESPA, 2019, p. 5).

na Região Metropolitana de Belém. O local conta com aproximadamente 30 empresas, em uma área de 2.956.095,00 m² (295 hectares), e é voltado especialmente para o beneficiamento de madeira, pescados, amianto, estaleiros, indústrias navais, entre outras (COSTA; RAMOS, 2019).

Entretanto, quando realizamos uma busca em *sítes* e jornais por notícias relacionadas a Icoaraci, geralmente encontramos fatos associados ao turismo e à cerâmica produzida em alguns bairros no Distrito; no início de 2020, a Prefeitura Municipal de Belém tentou incluir Icoaraci na rota de turismo nacional e, em parceria com a Agência Distrital, começou a organizar recepções de grupos de turistas que chegavam a Belém pelo porto em transatlânticos (Figura 2).

Figura 2: Notícias sobre turismo no Distrito de Icoaraci



Fonte: BelemTur (2015)².

Os turistas desembarcavam no porto da Vila e eram recepcionados com shows de grupos folclóricos e estandes de vendas de peças de cerâmicas produzidas no Distrito. A estrutura ficava no próprio porto.

Para dar as boas-vindas aos visitantes a Prefeitura de Belém, por meio da Agência Distrital de Icoaraci (ADIC) e da Coordenadoria Municipal de Turismo (Belemtur), apresentou um pouco da cerâmica de Icoaraci, herança marajoara, e do Arraial da Pavulagem, manifestação cultural (BELEMTUR, 2020, n.p.).

² Disponível em: <https://belemtur.belem.pa.gov.br/transatlantico-norte-americano-aporta-em-icoaraci-com-1200-turistas/>. Acesso em: 21 dez. 2019.

Muitos *sites* de viagens apresentam dicas de passeios pela Vila com indicações de compras de objetos de cerâmica em uma feira montada na orla da cidade e em lojas na Travessa da Soledade, situada no Bairro do Paracuri; a exemplo de divulgação temos:

Local Referência das Cerâmicas Marajoaras: Desta orla partem barcos para diversos locais, como o barco que peguei para a Praia do Faz Quem Quer, que recomendo por sinal. Icoaraci possui diversos ateliês de confecção de cerâmica, um polo voltado para esse segmento. *Data da experiência: maio de 2019*³.

Icoaraci é nacionalmente conhecida por produzir cerâmicas e tem no bairro do Paracuri uma grande concentração de olarias; turistas são atraídos ao Distrito pela grande diversidade de peças de cerâmicas vendidas na feira e produzidas pelos artesãos locais. Encontramos também referências dessa feira em *sites* de viagens, nas avaliações feitas pelos turistas que vêm até Belém e conhecem o local como, por exemplo:

FEIRA DO ARTESANATO MARAJOARA: Essa feira fica localizada no Distrito de Belém, chamado de Icoaraci. Onde você encontra todos os tipos de cerâmica marajoara. Você pode comprar para presentes ou decoração de casa, jardins, etc. Existem vários tipos de cerâmicas como vasos, pratos, carrancas, animais etc. Todos pintados na arte marajoara puramente indígena. Só vendo para ter noção do trabalho belíssimo. *Data da experiência: abril de 2017*⁴.

A Feira de Artesanato do Paracuri, construída na orla de Icoaraci, bairro do Cruzeiro, é um ponto turístico bastante procurado do Pará (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Feira de artesanato do Paracuri



Fonte: Alessandra Serrão (2018)⁵.

³ Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303404-d10482707-r479534913-Feira_de_Artesanato_do_Paracuri-Belem_State_of_Para.html. Acesso em: 21 dez. 2019.

⁴ Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303404-d10482707-r479534913-Feira_de_Artesanato_do_Paracuri-Belem_State_of_Para.html. Acesso em: 21 dez. de 2019.

⁵ Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303404-d10482707-r479534913-Feira_de_Artesanato_do_Paracuri-Belem_State_of_Para.html. Acesso em: 21 dez. 2019.

Figura 4: Lojas de cerâmica na Feira de artesanato do Paracuri



Fonte: TripAdvisor⁶.

A produção de cerâmica no Distrito vem de longa data; alguns moradores relatam que iniciou quando Icoaraci começou a ser colonizada pelos portugueses, no início do século XVIII. Muito do que sabemos acerca da origem do Distrito e da produção ceramista no Paracuri é contada por antigos moradores da Vila que escutaram de seus pais.

Procuramos um antigo morador da região do Paracuri, Rosemiro Pinheiro, artesão ceramista, neto de artesão ceramista e que herdou do pai as técnicas da produção da cerâmica. Mestre Rosemiro, como é conhecido no Paracuri, tem 81 anos, e desde os 15 trabalha neste ofício. No dia 12 de dezembro de 2019, Mestre Rosemiro nos recebeu em sua olaria e conversou conosco a respeito da origem da cerâmica em Icoaraci e no Paracuri (Excerto 1).

Excerto 1

Pois é, Icoaraci tem uma história. Então a história da cerâmica em Icoaraci começou em 1702. Vocês têm uma ideia mais ou menos assim o que é 1702? 1702... então... em 1702 foi quando chegaram as primeiras caravanas portuguesas ao Brasil, né? Quer dizer, aqui na nossa região eles já tinham chegado em 1616, conta a história, né? Mas quando foi em 1702 eles vão instalar as primeiras Olarias aqui em Icoaraci, de 1702 até agora tá fazendo um bocado de ano... né? ...que eles montaram as primeiras olarias. Foram três olarias que eles montaram, os colonizadores, os padres Carmelitas Calçados e também os negros escravos que acompanhavam com eles. Eles vão instalar três Olarias: uma com o nome de Triunfo, outra com o nome de Cruzeiro e a outra com o nome de Tapanã (PEREIRA. Informação verbal)⁷.

⁶ Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303404-d10482707-r479534913-Feira_de_Artesanato_do_Paracuri-Belem_State_of_Para.html. Acesso em: 21 dez. 2019.

⁷ Entrevista concedida por PEREIRA, Rosemiro. **Entrevista 1**. [jan. 2019]. Entrevistador: Cláudia Marcia Dias Silva. Belém, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

A partir desse marco, o ano de 1702, Mestre Rosemiro começa a narrar todo o processo de expansão das Olarias no Paracuri e como essas olarias começaram a produzir peças utilitárias. Esses relatos de memória (Excerto 2) são conhecidos pela maioria dos artesãos em Icoaraci e foram repassados de geração em geração até os dias de hoje.

Excerto 2

João Espanhol foi quem trouxe a cerâmica deles da Espanha para Icoaraci, que foi uma outra vertente, ele já trouxe da Espanha. Em 1711, foram os portugueses e eles já foram espanhóis. Então a história vem por aí, né? Ela começa por aí. Depois, ela passou para cá pro Paracuri sem data a gente a explicar, quer dizer, nós não temos uma data a explicar, aqui em Icoaraci, quando na verdade ela começou aqui no Paracuri. Mas nós sabemos que ela começou logo depois das três cerâmicas lá da frente [Triunfo, Cruzeiro e Tapanã]. Isso porque tinha um historiador aqui chamado Antônio Cabeludo e ele dizia que lá no porto do Uxi, no outro Igarapé lá, que lá tinha uma Olaria que eu cheguei ainda a conhecer os restos dessa outra olaria lá, tinha muito caco de telha, muito caco de louça. Onde cavava encontrava caco e ele dizia que essa olaria lá, ela tinha sido montada ainda no tempo dos escravos, que eram os escravos que trabalhavam lá (PEREIRA. Informação verbal).

Ainda hoje, no Paracuri, funciona uma olaria fundada pelo Maiorquino João Croelhas, conhecido como João Espanhol, sendo administrada atualmente pelo neto Ciro Croelhas, produtor de artigos utilitários de cerâmica: alguidares, potes, pratos, bilhas, fogões de barro e etc. (Excerto 3).

Excerto 3

Ciro Croelhas é exatamente sobrinho do Jango Croelhas, que era filho do João Espanhol, que foi quem trouxe a cerâmica deles, da Espanha para Icoaraci, que foi uma outra vertente, ele já trouxe da Espanha. Em 1711 foram os portugueses e eles já foram espanhóis. Então a história vem por aí, né? Ela começa por aí. Depois ela [a produção de cerâmica] passou para cá pro Paracuri sem data a gente a explicar, quer dizer nós não temos uma data a explicar, aqui em Icoaraci, quando na verdade ela começou aqui no Paracuri (PEREIRA. Informação verbal).

Segundo Mestre Rosemiro, na década de 1960, os artesãos deixam de produzir exclusivamente as peças de cerâmicas utilitárias e passam a se dedicar a produção de peças decorativas com pinturas e riscos relacionados a peças de cerâmica marajoara. É o momento, segundo eles, que um dos artesãos teve contato com imagens de cerâmicas marajoara e resolveu iniciar a produção de réplicas desse modelo de artesanato, gerando uma grande procura pelas réplicas, as quais alcançaram grande valor comercial.

Não podemos deixar de analisar a produção de réplicas das cerâmicas marajoaras e a atividade ceramista em Icoaraci relacionando-os ao contexto da segunda metade do século XIX, quando a cerâmica dos povos da Amazônia começa

a ganhar destaque nacional e ocorre também uma “valorização” de seu grafismo. É na segunda metade do século XIX que as peças de cerâmica começam a aparecer como peças requintadas e sofisticadas, elaboradas por que atingiram um elevado desenvolvimento tecnológico, “aqueles que percorreram determinado grau na escala da evolução humana e assim passaram a ter respaldo com relação a outros povos que não atingiram o que eles teriam alcançado por meio de sua produção artesanal” (LINHARES, 2017).

Linhares (2017) afirma que essa ideia da superioridade da cultura marajoara foi uma ideia construída pela necessidade do governo imperial de Dom Pedro II para forjar uma “identidade nacional” brasileira.

Os naturalistas atribuíram vestígios de nobreza à cultura material arqueológica marajoara e construíram suas teorias a partir disso. Os envolvidos nos projetos políticos imperiais da construção da nacionalidade utilizavam esses estudos para respaldar seus ideais de um país de progresso e desenvolvimento, utilizando-os como emblemas de identidade nacional (LINHARES, 2017, p.48).

A valorização das peças de cerâmica pelo governo imperial brasileiro e da eleição dos marajoaras como povos civilizados levou à procura por peças genuínas desses povos cresceu. Segundo Linhares (2017), durante todo o século XIX e século XX essa valorização dos traçados marajoaras foi intensificada, o uso do grafismo avançou, passando a ser utilizado não só na produção de cerâmicas, mas também nas fachadas de prédios, praças, selos postais, rótulos de comidas e bebidas.

O fato é que em Icoaraci, iniciou-se a produção de réplicas da cerâmica marajoara e se popularizou essa reprodução entre os artesãos da Vila. Vários autores já estudaram e discorrem sobre o assunto, sobre a origem da produção ceramista em Icoaraci e a adoção dos traços marajoaras nessas cerâmicas. Em todos os trabalhos os pesquisadores recorrem aos relatos de memória dos antigos produtores de cerâmica para recontar a história dessa produção local.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, sucessivas de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente (NORA, 1993, p.10).

Grande parte das pesquisas baseadas na memória dos ceramistas sobre o surgimento do artesanato em Icoaraci atribui a Mestre Cardoso o pioneirismo da

produção de objetos copiados de cerâmicas arqueológicas em Belém, tendo em vista seu contato com os pesquisadores do Museu paraense Emílio Goeldi⁸ (LINHARES, 2017).

Pesquisas recentes apontam Mestre Cabeludo como o precursor desse ofício. O próprio mestre Rosemiro dá ênfase ao fato em sua fala, afirmando que foi Mestre Cabeludo que iniciou esse trabalho de cópias das cerâmicas marajoaras em Icoaraci (Excerto 4).

Excerto 4

A partir de 62 pra 64, 1962 pra 1964 tem até nos livros, livros que contam essa história. Inclusive essa cerâmica Marajoara quando ela chegou por aqui né ela chegou através do Antônio Cabeludo foi quem trouxe para cá, o Antônio Farias Vieira, depois passou para família Cardoso, pro Levy Cardoso, seu Raimundo Cardoso, Dona Inês Cardoso. Então esse pessoal passou a trabalhar essa cerâmica, mas quem trouxe para cá foi o Antônio Farias Vieira. Depois ele espalhou a cerâmica por Icoaraci toda. Aí nós começamos a fazer uma fusão de uma cerâmica com a outra e nasceu a cerâmica "útil decorativa" que hoje tem uma identidade chamada cerâmica Icoaraciense.

Quer dizer que é uma fusão, né? Nós temos a questão da fusão. Um casamento que houve, há, entre várias cerâmicas. Elas se casaram, várias cerâmicas e surgiu a cerâmica Icoaraciense (PEREIRA. Informação verbal).

Não encontramos documentos oficiais que evidenciem o interesse da administração municipal e estadual em incentivar a produção dessas réplicas de cerâmicas, mas sabemos, por meio de relatos de artesãos da área do Paracuri, que o governo demonstrou um forte empenho pela reprodução delas, chegando mesmo a comprar para revender, na década de 1980, todas as réplicas que eram produzidas pelos artesãos do Paracuri (Excerto 5).

Excerto 5

Um tempo em que o governo comprava tudo o que a gente produzia, era muito bom. A Paratur vinha e levava tudo o que a gente produzia, não sobrava nada. No início da década de 80, mais ou menos em 80 ou 83 isso acaba, a Paratur deixa de comprar nossa produção (TRINDADE. Informação verbal)⁹.

Coincidência ou não, o governador do Estado na época da compra dessa produção era Alacid Nunes, morador e proprietário de terras na cidade de Soure, Ilha

⁸ O Museu Paraense Emílio Goeldi é uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação do Brasil. Está localizado na cidade de Belém, Estado do Pará, região Amazônica. Desde sua fundação, em 1866, suas atividades concentram-se no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região. Para mais informações, acessar: www.museu-goeldi.

⁹ Entrevista concedida por TRINDADE, Rosilene. **Entrevista 2** [maio. 2020]. Entrevistador: Cláudia Marcia Dias Silva. Belém, 2020. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

do Marajó. Se havia interesse pessoal em valorizar a cultura da terra em que morava ou não, o fato foi que o governo estadual, por intermédio da Companhia Paraense de Turismo (Paratur), incentivou a produção das réplicas [estilizadas de cerâmica marajoara] na área do Paracuri, processo que foi encerrado provavelmente com o início do governo de Jader Barbalho, 1983, seu opositor político. A produção das réplicas da cerâmica marajoara encaixou-se perfeitamente no contexto do “forjar da identidade nacional” e da “espetacularização” da cerâmica marajoara.

Por meio de nossas pesquisas, notamos que a introdução do grafismo marajoara na cerâmica produzida em Icoaraci teve um propósito semelhante ao do projeto instituído por Giovanni Gallo ao estimular a produção de cerâmica em Cachoeira do Arari: o comercial. As cerâmicas eram produzidas para serem comercializadas por meio da espetacularização, ao buscar nos artesãos sua ancestralidade, suas histórias em comum, dos seus antepassados, dos seus avós e pais e a própria história colonial da produção da cerâmica em Icoaraci.

Essa forma artificial de construção identitária tem como suporte a teatralização ou espetacularização do patrimônio a partir da reafirmação do passado no presente. De acordo com García Canclini: “[s]e o patrimônio é interpretado com repertório fixo de tradições condensadas em objetos, ele precisa de um palco-depósito que o contenha e o projete. Um palco-vitrine para exibi-lo.”. (2003:69), sendo esse palco a cerâmica produzida e sua comercialização, as pinturas marajoaras e o Museu” (CANCLINI, *apud* LINHARES, 2007, p.133)

No caso de Icoaraci, a própria comunidade do Paracuri é o palco-vitrine, já que a área para vendas foi montada em uma determinada área do bairro, na Travessa da Soledade. Lá, diversas lojas faziam exposição e vendiam as réplicas das cerâmicas marajoara, sendo muito procuradas por turistas na década de 1960/70 e 1980 neste local. Já na década de 90, essa venda foi transferida para a chamada “Feira do Paracuri”, na orla da Vila e lá está até hoje.

Apesar de não mais comprar esse tipo de cerâmica, o governo ainda incentiva sua produção em Icoaraci por meio da espetacularização. Com muita frequência, encontramos notícias publicadas nos *sites* oficiais da Prefeitura Municipal de Belém, que citam Icoaraci e a produção de cerâmica local. Apesar de a produção não ser a base econômica do Distrito, há uma preocupação recorrente em incentivá-la.

Em junho de 2020, uma publicação do “Agência Belém”, portal oficial da Prefeitura de Belém, anunciou a nomeação do novo agente administrativo de Icoaraci, que mostrou ter como principal preocupação a recuperação da orla distrital, onde está

localizada a Feira do Paracuri. Após citar o Distrito Industrial como base econômica da Vila, o agente distrital fez uma ressalva à importância da produção ceramista no Paracuri, para a capital.

Mas Icoaraci se destaca mesmo como importante polo de Artesanato em cerâmica, instalado precisamente no bairro do Paracuri, onde se produz réplicas de vasos típicos de antigas nações indígenas principalmente Marajoara e Tapajônica, a partir de peças catalogadas pelo Museu Emílio Goeldi. O que garante ao lugar imensurável importância, sobretudo cultural, mais até do que econômica, não só para Belém ou para o Pará, mas para a região amazônica¹⁰.

A maioria desses artesãos trabalha na informalidade e chegam a ganhar até dois salários mínimos mensalmente. Embora as atividades associadas à produção cerâmica sejam frequentemente relacionadas às regiões do DAICO (caso do bairro do Paracuri), a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) registrou, em 2017, apenas 18 postos de trabalho formais associados a este segmento em toda Belém; sendo que, em 2013, esse estoque era de 34 postos, o que ainda é um patamar bem abaixo dos ramos industriais [...]. Isto significa dizer que, apesar de haver nas orlas e feiras do DAICO uma aparente pujança na oferta de artesanatos cerâmicos, essa suposta abundância possivelmente está associada a uma forte atividade informal (FAPESP, 2019, p.9)¹¹ ou está desaparecendo.

Apesar da informalidade, a produção de cerâmica, de certo modo, é utilizada pela Prefeitura Municipal de Belém para incentivar o turismo na Vila. O governo municipal, não raramente, sempre busca relacionar a imagem de Icoaraci a essa produção ceramista, reproduzindo, em espaços públicos, traços dessas cerâmicas em objetos e monumentos dispostos nesses locais.

Gonçalves (2001) chama a identificação cultural por meio desses fenômenos de construção ficcionais, pois eles tornam explícito o caráter artificial construído ou tecnicamente reproduzido dos chamados patrimônios culturais. Segundo ele, isso se dá pelos projetos políticos ideológicos (GONÇALVES, 2001 *apud* LINHARES, 2007, p. 132).

A produção de cerâmica, de certa forma, une a comunidade do Paracuri em torno de uma identidade: a identidade ceramista. Os artesãos se reconhecem como parte de uma comunidade que produz cerâmica desde os primórdios da origem oleira. A partir da introdução do grafismo marajoara em suas peças e da produção de artefatos decorativos com esse recurso gráfico, o governo do Estado, à época, passou

¹⁰ Disponível em: <https://belemtur.belem.pa.gov.br/transatlantico-norte-americano-aporta-em-icoaraci-com-1200-turistas/>. Acesso em: 21 dez. 2019.

¹¹ Nota Técnica: Descritivo Econômico do Distrito de Icoaraci - Belém/PA.

a agir como o “oleiro” dessa identidade ao estimular a produção e fazer propaganda da cerâmica e do grafismo marajoara, e essa promoção da arte ceramista se deu não apenas em Icoaraci, mas em todo Brasil, pois a cerâmica comprada pela Paratur, segundo os artesãos entrevistados, era vendida para todo o país.

Mesmo que não oficialmente, O governo do Estado à época transformou a cerâmica de Icoaraci em patrimônio cultural, exemplo seguido pelas diversas administrações municipais até os dias atuais. Esse fato pode ser observado abaixo, em uma primeira versão de um mapa que contém os pontos turísticos de Icoaraci. Esse mapa foi lançado pela agência de turismo de Belém, a Belemtur.

A Belemtur (Coordenadoria Municipal de Turismo do Município de Belém) possui como objetivo planejar, coordenar, controlar e avaliar as atividades relacionadas ao turismo no município de Belém.

Figura 5: Trecho de mapa estilizado do centro de Icoaraci



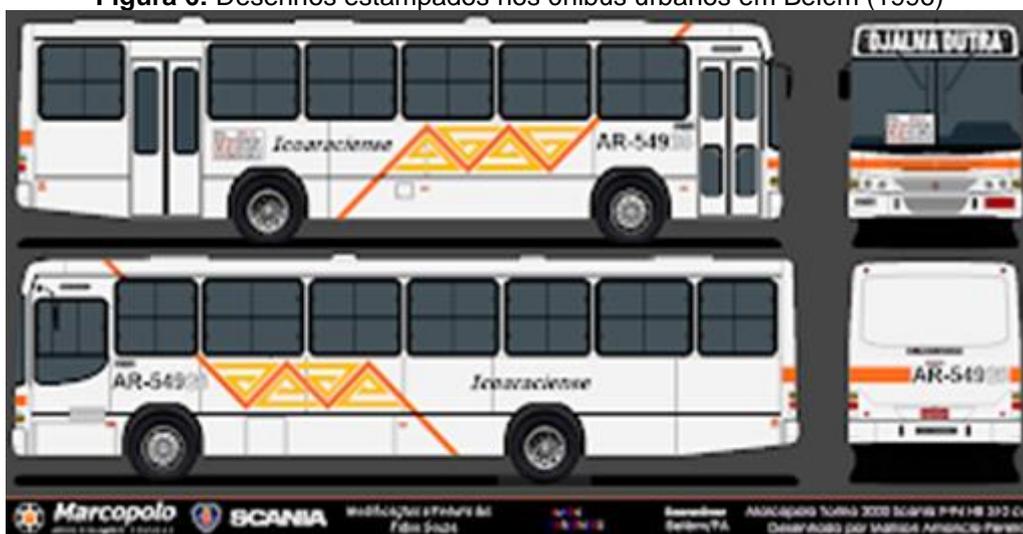
Fonte: <<https://www.skyscrapercity.com/threads/os-bairros-de-bel%C3%A9m-guia-completo-com-urbanismo-servi%C3%A7os-entretenimento>>.

Percebe-se o cuidado que a administração municipal tem em realçar os traçados da cerâmica produzida em Icoaraci, emoldurando o mapa turístico. Além dos traçados, o mapa traz em destaque as olarias, mostrando grande concentração delas no perímetro da travessa Soledade, entre as ruas Coronel Juvêncio Sarmiento (5ª rua) e a 2 de Dezembro (7ª rua); a Feira de Artesanato e o Bioparque Amazônia.

Na parte inferior, podemos notar desenhos que representam os artesãos de Icoaraci e a produção de cerâmica no distrito, além de ilustrações de urnas funerárias em cerâmica; na parte superior, desenhos de cerâmicas ainda fazem parte do *layout* do mapa, com destaque para a figura de uma urna antropomórfica, que originalmente foi produzida pelos povos tapajônicos. Há ainda no mapa um muiraquitã, artefato talhado em pedra, representando animais, símbolo atribuído a essa sociedade; outra urna funerária de cerâmica, além de comidas típicas do Pará, como o peixe, o camarão e o caranguejo.

Há algum tempo que, em Belém, a cada mudança de administração municipal, a frota de ônibus urbana modifica sua pintura externa, mostrando que uma nova administração iniciou. Em 1996, sob a gestão de Edmilson Rodrigues, Belém iniciou a pintura e estilização da frota de ônibus. Todos foram pintados de branco, com traçados marajoaras, cujo destino e origem eram identificados pelo nome dos ônibus, numeração e as cores das faixas laterais pintadas com esses traçados, copiados das cerâmicas marajoaras (Figura 6).

Figura 6: Desenhos estampados nos ônibus urbanos em Belém (1996)



Fonte: <<http://onibusinbelem2.blogspot.com/2011/12>>.

A partir de 2005, a prefeitura de Belém, novamente, sob administração do prefeito Duciomar Costa, alterou a pintura externa da frota de ônibus urbana, a qual deixa de apresentar as linhas marajoaras. Os bairros passaram a ser identificados nos veículos pela cor inferior e desenhos nas laterais, além da numeração dos ônibus que partiam de Icoaraci foram pintados de branco, com a parte inferior em amarelo e um “plotado” com um grande desenho de cerâmicas produzidas no Paracuri; além, é claro, da numeração e da identificação frontal do itinerário.

Figura 7: Desenhos estampados nos ônibus urbanos que circulam de Icoaraci para Belém



Fonte: (MELO *et al*, 2012, p. 205).

Essa preocupação patrimonialista ficou evidente em 2012, quando foi realizado em Belém, sob a coordenação da Prefeitura Municipal e já na segunda administração de Duciomar Costa, o IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, o IV EIEMC, com o tema “Patrimônio e Capacitação de Atores”. O encontro tinha como objetivo

[...] capacitar e levar membros de algumas comunidades a valorizar, desenvolver e/ou adquirir os saberes, os fazeres, as práticas, as técnicas que lhe permitirão tomar nas mãos seu próprio desenvolvimento, quer dizer, a melhoria de suas condições de vida, de modo sustentável e responsável. (ECOMUSEU, 2012, p. 33).

Dezenas de trabalhos que buscavam incentivar um viés ambiental e patrimonial foram apresentados, destacando-se, dentre eles, o do Ecomuseu da Amazônia, que foi criado em 2007 e tutelado pela própria Prefeitura Municipal de Belém.

Esse Museu, que foi pensado para funcionar a céu aberto, atuaria em quatro áreas e no Distrito de Icoaraci (o bairro do Paracuri e a orla fazem parte dele) mas nunca realmente foi um museu estruturado com normativas de um museu, o adequando-o, o Ecomuseu, foi apenas uma área, a céu aberto, delimitada pela prefeitura de Belém. Já vinha trabalhando desde 2011 em um programa denominado “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local”, uma iniciativa inovadora no mundo da museologia comunitária, com a criação e execução de um programa voltado para as comunidades, destinado a colocá-las em um patamar de acesso ao conhecimento, à valorização e à qualificação dos saberes e fazeres com o objetivo de organização comunitária, qualificando o cidadão e gerando renda, portanto, contemplando o desenvolvimento local responsável (ECOMUSEU, 2012, p. 46).

Antes da criação do Ecomuseu, a prefeitura já demonstrava interesse em capacitar as comunidades de Belém para o uso racional dos recursos naturais e a promoção do patrimônio cultural como gerador de renda. Entendemos por Patrimônio Cultural [...] “o conjunto de saberes, fazeres, expressões práticas e produtos dos diferentes grupos e segmentos sociais formadores da sociedade brasileira” (TOLENTINO, 2019, p. 138). Ainda segundo o autor, o próprio texto constitucional está baseado nesse conceito, o que é claramente explicitado em seu artigo 216.

Artigo 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – As formas de expressão;

II – Os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, n.p.).

Antes da criação do Ecomuseu, a prefeitura de Belém já estava preocupada em promover a preservação do patrimônio cultural no município.

O Ecomuseu da Amazônia teve como antecedente e ponto de partida a criação do Subsistema de Educação e Cultura para um Desenvolvimento Sustentável no município de Belém-PA (1995/6), nasceu em 2007, sob a gestão da Secretaria Municipal de Educação de Belém, com o desafio de integrar os diversos segmentos da sociedade, ao seu “inteiro ambiente”, a partir da conscientização e valorização de sua história, de seu patrimônio natural e cultural (MARTINS, 2014, p. 315).

Dentro desse sistema, cinco escolas foram criadas para atingir o objetivo esperado: A Escola Bosque de Outeiro, o grande centro de referência da Educação Ambiental do município de Belém; O Liceu de Artes e Ofícios do Guamá; A Escola Parque Amazônia – na Terra Firme; o Liceu de Artes e Ofícios de Hotelaria da Ilha de Cotijuba; e o Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso, em Icoaraci (Belém, 1996)¹².

Além disso, havia uma preocupação com a inserção política do aluno. No Art. 4º há um destaque quanto ao Objetivo do Sistema, que era “a formação de cidadãos com percepção de sua realidade, capacidade criadora e profissional para integrar de forma positiva com o meio ambiente físico, social e cultural do Município” (BELÉM, 2014, p. 47).

¹² BELÉM, Prefeitura Municipal de. **IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento. Belém, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/11475163-iv-encontro-internacional-de-ecomuseus-e-museus-comunitarios.html>. Acesso em 22 nov. 2022.

Em 2008, o Subsistema Educacional de Unidades Para o Desenvolvimento Sustentável foi integrado ao Centro de Referência em Educação Ambiental – Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira - sede do Ecomuseu da Amazônia (MARTINS, 2014). Em Icoaraci, o interesse do Ecomuseu era promover e incentivar a produção ceramista, o que já vinha acontecendo desde a década de 1990 em outras administrações.

Os primeiros contatos para a criação do Ecomuseu da Amazônia aconteceram em 2005, quando a professora da Universidade de Brasília (UnB) Laís Fontoura Aderne, idealizadora do Ecomuseu da Amazônia, consultora da Secretaria Municipal da Educação (SEMEC), uma das participantes da criação do “Subsistema de Educação para o Desenvolvimento Sustentável” no município de Belém, sugeriu a então titular da Secretaria Municipal de Educação, professora Therezinha Moraes Gueiros, que aceitou e apoiou à propositiva, a implantação de um Ecomuseu no Estado do Pará, com o objetivo de dar prosseguimento às ações que tiveram início em meados da década de 1990, no bairro do Paracuri, Distrito de Icoaraci e Comunidades da Ilha de Cotijuba, ambos localizados no município de Belém. Os resultados das experiências de Icoaraci, onde, segundo Aderne (1996), “foram identificados (600) seiscentos ceramistas, o que para ela representava um fenômeno sociológico”, portanto, deveria ser valorizado enquanto patrimônio local (MARTINS, 2014, p. 323).

Não por acaso, no ano de 1996 foi criado, em Icoaraci, na área do Paracuri, o Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, como parte do Projeto de Desenvolvimento Sustentável, o qual necessitava, para sua consolidação, “de uma base física, uma base comunitária organizada, uma base cultural e uma base pedagógica” na comunidade do Paracuri, com a função de fazer com que a comunidade ceramista local se apropriasse e valorizasse os saberes e fazeres relacionados à produção ceramista (BELÉM, 2014, p. 317).

2.2 A Fundação do Liceu Escola e sua missão na comunidade do Paracuri.

O Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso (Figura 8) foi fundado em 19 de março de 1996, na gestão do prefeito Hélio da Mota Gueiros. A escola foi criada como parte integrante do Subsistema Educacional de Unidades Para o Desenvolvimento Sustentável, conforme citamos anteriormente na Figura 1.

Figura 8: Fachada do Bloco administrativo do Liceu



Fonte: Disponível em: <http://liceudeicoaraci.blogspot.com/2014/09>.

A escola está localizada na Travessa das Andradas, nº 1110, bairro do Paracuri, em Icoaraci (Belém/PA). Foi construída, propositalmente, paralela à travessa da Soledade, via considerada a veia pulsante do artesanato do Paracuri, por ser uma área onde está localizada a maioria das olarias do distrito, próxima a alguns metros da Olaria do Espanhol, que ainda está em atividade e é considerada a mais antiga de Icoaraci.

O nome da Escola é uma homenagem ao ceramista Raimundo Saraiva Cardoso (Figura 9), antigo morador da área e grande precursor da prática da reprodução de artefatos e objetos de cerâmica das sociedades marajoaras e tapajônica na região do Paracuri.

Figura 9: Mestre Raimundo Cardoso



Fonte: Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/2010/12>.

Raimundo Cardoso nasceu em Vigia, no Pará, em 29 de junho de 1930 e faleceu em Belém no ano de 2007. Influenciado pela mãe, Lucila Saraiva Cardoso, começou a produzir peças utilitárias – panelas, potes de água, pratos bules e vasilhames em geral para uso próprio e venda. Teve a oportunidade de reproduzir mais de 50 peças originais de cerâmicas milenares da Amazônia, guardadas no Museu Emílio Goeldi, pesquisando os traços, formas, desenhos, grafismo, cores, etc., alcançando relevante sucesso, realizando várias palestras e exposições, até mesmo em São Paulo.

Dalglisch (1996) afirma em seu livro “Mestre Cardosos: a arte da cerâmica amazônica” que Raimundo Cardoso foi o pioneiro na produção de réplicas de cerâmicas marajoara e tapajônica. Já a pesquisadora Ana Linhares faz um breve comentário a respeito da importância de Mestre Cardoso para o início do trabalho de réplicas no Paracuri em sua obra “Um Grego Agora Nu: Índios marajoaras e identidade nacional brasileira”.

[...] grande parte das pesquisas sobre o artesanato de Icoaraci atribui a Mestre Cardoso (*in memoriam*) o pioneirismo da produção de objetos copiados em cerâmicas arqueológicas em Belém, tendo em vista seu contato com pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi. Entretanto, durante visitas ao local é comum escutar relatos sobre o pioneirismo de “Mestre” Cabeludo, outro produtor de peças nesse gênero. O certo é que Mestre Cardoso ficou conhecido pela produção de cópias fiéis dos objetos, as conhecidas réplicas enquanto cabeludo ficou conhecido como produtor de peças mais artísticas (LINHARES, 2014, p. 24).

Muitos pesquisadores afirmam que foi a partir da iniciativa e do contato de Mestre Cardoso com a arte marajoara no Museu Goeldi que se iniciou, em Icoaraci, o processo de apropriação desses traços e da reprodução desse tipo de cerâmica. Em

homenagem ao pioneirismo de Raimundo Cardoso na produção dessas réplicas, a escola recebeu seu nome Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, uma instituição que em seu currículo deveria se preocupar não somente com as disciplinas preconizadas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), mas que também deveria direcionar uma atenção maior em propaga e valoriza o ofício ceramista.

Para conhecermos a estrutura da Escola Liceu do Paracuri, trouxemos a Figura 10 que mostra sua vista aérea.



Fonte: Google Maps (2018).

1. Portão principal, entrada pela travessa das Andradas;
2. Coreto da escola, que faz parte da área do recreio aberto da escola;
3. Bloco administrativo com dois pavimentos, contendo na parte inferior o refeitório dos alunos, cozinha que prepara a merenda dos alunos, banheiro dos alunos e o auditório; na parte superior, biblioteca, secretaria, sala da coordenação, sala dos professores, sala dos monitores do projeto cívico militar, cozinha para os funcionários, banheiro dos funcionários, arquivo e sala da direção.
4. Blocos de sala de aulas - Ciclo I, Ciclo II, Ciclo III e Ciclo IV;
5. Ginásio poliesportivo;
6. Bloco 1 - Núcleo de artes, o qual contém uma galeria, sala de música, videoteca e salas administrativas;
7. Bloco 2 - Núcleo de artes, que contém salas de aula para a realização de oficinas, as quais fazem parte da parte diversificada do currículo do Liceu;

8. Área do forno, que é utilizada para a queima de cerâmica produzida na área da escola e espaço coberto para recreação.

Observem que, além da estrutura comum a todas as escolas (banheiros, salas de aulas, cozinha, refeitório, bibliotecas, ginásio e outros mais), o Liceu do Paracuri tem um grupo de prédios que não se enquadram comumente ao que compreendemos por escola: o Núcleo de Artes Laís Aderne (Figura 11).

Figura 11: Entrada da Galeria de Artes - Núcleo de Arte Laís Aderne



Fonte: Agência Belém (2017)

Em 1995, Laís Aderne deu início ao Projeto de Educação para um Desenvolvimento Sustentável Para o Município de Belém, do qual destacam-se: o Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, a Sociedade de Artesãos e Amigos de Icoaraci, a Feira de Artesanato do Paracuri, o Museu de Cerâmicas e Tradições Populares da Amazônia, contribuiu ainda com a Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira e finalmente o Ecomuseu da Amazônia. Recebeu homenagem da Prefeitura Municipal de Belém emprestando seu nome para o Núcleo de Artes e para uma outra escola também localizada na área do Paracuri.

Os trabalhos no Núcleo são diversos, parcerias são formadas entre as disciplinas das diversas áreas do currículo, projetos são criados envolvendo a arte ceramista e a matemática por meio de oficinas, por exemplo (Figura 12).

Figura 12: Oficinas de grafismo em peças de cerâmica



Fonte: Acervo da professora de matemática do Liceu Escola, Rosângela Dantas (2015)

A Galeria de Arte (Figura 13) interage entre a escola e a comunidade, diversos trabalhos dos alunos e da comunidade são expostos permanentemente, visitas são alocadas, visitantes sempre são bem-vindos no espaço da galeria.

Figura 13: Interior da Galeria de Artes



Fonte: Agência Belém (2015).

Oficineiros se dividem ao atender aos diversos grupos de alunos de diversos ciclos de formação, dependendo do ciclo e no de ensino é um tipo de atividade, destinando as mais simples aos anos iniciais e as mais complexas aos anos finais do ensino fundamental.

Mas o que seria esse Núcleo de Artes? Qual sua função na Escola? Por que o Liceu abriga uma Galeria de Artes em seu espaço? O Núcleo de Artes Laís Aderne é um conjunto de prédios criado para atender a parte diversificada do currículo, que tem como principal objetivo incentivar, propagar e valorizar o saber e o fazer ceramista entre os alunos do Liceu.

Barras de argila são armazenadas para serem utilizadas nas aulas do Núcleo, equipamentos como tornos manuais são enfileirados para o uso nessas aulas (Figura 14).

Figura 14: Argila para as aulas práticas



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Tornos elétricos (Figura 15) dividem o espaço com tornos manuais, normalmente os mestres usam os tornos manuais e os elétricos são usados pelos alunos, que não tem a habilidade de conduzir os tornos e modelarem a argila simultaneamente.

Figura 15: Tornos elétricos



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

É desse trabalho em conjunto que surgem as peças que decoram os espaços da escola e também as peças que os alunos produzem; são peças em argilas produzidas pelos mestres e oficinairos representando o presépio de natal e peças simples produzidas pelos alunos nas aulas práticas (Figura 16).

Figura 16: Presépio de cerâmica e peças diversas



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

O Núcleo originalmente, atendia preferencialmente os filhos de artesãos que moravam na comunidade do Paracuri. Isso só foi modificado na gestão do prefeito Edmilson Rodrigues, em 1996 (Excerto 6).

Excerto 6

Bom, no liceu foi assim: quando a professora Laís Aderne, juntamente com a professora Lálada, elas vieram para montar o núcleo, (...) ela achou que era importante montar um Liceu aqui em Icoaraci, para aproveitar exatamente a mão de obra dos artesãos de cerâmica, né? Tanto que quando o Liceu foi fundado, o Liceu foi inaugurado, tinha um item e esse item foi derrubado pelo PT, que era a “preferência”. O item preferencial era para filhos de artesãos, as primeiras matrículas eram pros filhos de artesãos. Quando esgotava aí sim entrava a comunidade. Aí quando o Luiz Araújo assumiu, que ele veio para cá, que ele chegou e disse assim “olha três coisas não existe no PT: preferência, privilégio e proteção. Então se vocês têm aqui preferência, vocês ficam sabendo que vocês não terão mais, porque preferência é a comunidade. Ah, por que foi fundado por causa dos artesãos? Sim, mas os artesãos também é comunidade. Então quem chega primeiro pega vaga, quem chega depois não tem vaga”, Palavras do Luiz Araújo, né, o secretário de educação (PEREIRA. Informação verbal).

Atualmente, O Liceu atende, em sua maioria, crianças que residem no Distrito de Icoaraci e que moram nas proximidades da escola. Mas antes de falarmos do Projeto Pedagógico do Liceu, do currículo e da parte diversificada do currículo, vamos aos dados oficiais de matrículas e do desempenho da escola em avaliações externas oficiais de verificação de aprendizagem.

O Liceu do Paracuri atende alunos de diferentes faixas etárias, distribuídos no Ensino Fundamental Menor, Ensino Fundamental Maior e Educação de Jovens e Adultos. Em 2019, tinha 1.729 alunos matriculados, atendendo diferentes faixas etárias, sendo que 850 eram matriculados no Ensino Fundamental Maior que compreende aos Ciclos III e IV. Funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. Até final do ano de 2019, os turnos da manhã e tarde atendiam aos quatro Ciclos do Ensino Fundamental e o EJA funcionava à noite.

Após sua inclusão no projeto do Governo Federal de Escolas Cívicos Militares, houve uma concentração de alunos do ciclo III e IV no turno da tarde e os Ciclos I e II no turno da manhã. O EJA permaneceu no período da noite. Tal mudança é uma exigência básica do programa para esse tipo de escola que atende apenas alunos do Fundamental dos anos finais.

Após a implantação do projeto de escolas cívico-militares no Liceu, o número de matrículas cresceu 15% quando comparado ao do ano anterior, que era de 1.512. Em 2021, o número de alunos é muito semelhante ao ano de 2019, sendo 22 turmas dos Ciclos III e IV, com uma média de 38 alunos matriculados por turma.

Podemos acompanhar a nota da escola no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o IDEB (Figura 17).

Figura 17: Avaliação do Liceu do Paracuri no Ideb

IDEB		
Ano	Meta	Valor
2005		3,0
2007	3,0	3,6
2009	3,1	4,1
2011	3,4	4,5
2013	3,8	4,1
2015	4,2	5,0
2017	4,5	4,8

Fonte: ideb.inep.gov.br (2018).

Em 2017, a meta da escola era de 4.5 e a instituição chegou a atingir 4.8, porém, ficou abaixo da meta municipal de 6.0 (INEP, 2019). Ainda em 2019, elaboramos um questionário socioeconômico e aplicamos aos alunos de 6º ano do Liceu. A ideia era ter noção das condições sociais dos alunos e o nível de envolvimento deles com a arte ceramista fora da escola.

Esses alunos foram escolhidos por serem do primeiro ano do Ensino Fundamental Maior, no qual o ensino de História acaba “se justificando na relação do presente com o passado e na valorização do tempo vivido pelos estudantes e seu protagonismo, para que eles possam participar ativamente da construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p 21)

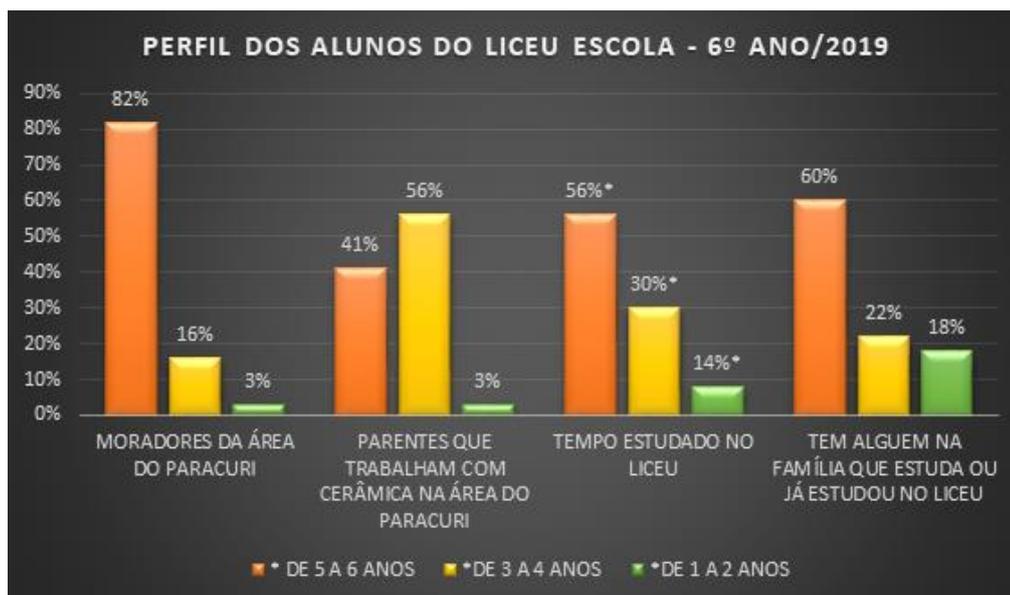
É no 6º ano que os alunos precisam estudar sobre a origem da espécie humana (identificando as hipóteses científicas sobre o assunto), seus deslocamentos e processos de sedentarização (descrevendo as transformações da natureza pela ação humana ao longo do tempo) (BRASIL, 2018).

Atualmente a arte ceramista do Paracuri tem como referência histórica a produção de cerâmica dos primeiros grupos humanos habitantes da Amazônia, que os distingue de outros povos que povoaram o território brasileiro. Agora, essas cerâmicas estão sendo replicadas na comunidade na qual a escola está inserida, com interesse comercial e ampla propaganda por parte dos órgãos oficiais.

Ainda justificando a escolha dos 6º anos para o recolhimento dos dados, é fundamental frisar que é nesse ano os alunos aprendem conteúdos relacionados às sociedades ceramistas: Nomadismo e Sedentarização; O Desenvolvimento da Agricultura e a Domesticação dos Animais; A Especialização do Trabalho; o Trabalho do Arqueólogo; Os registros Rupestres e a Utilização da Cerâmica como Fonte Histórica.

É nesse ano também que os alunos do Pará entram em contato com a história dessas sociedades, conteúdo assegurado pela rede estadual de ensino, mas ausente no currículo oficial do município, o qual tem como base a história nacional e geral. Abaixo, temos o perfil de nosso aluno de 6º ano, relativo ao ano de 2019 (Figura 18).

Figura 18: Perfil dos alunos do Liceu Escola - 6º ano/2019



Fonte: Produzido pela autora (2019).

A pesquisa foi realizada a partir de questionários aplicados com alunos do Liceu Escola e mostrou que cerca de 82% dos alunos de sexto ano da escola moram em seu entorno, ou seja, convivem diretamente com a arte ceramista da região; desses, 16% moram em Icoaraci, mas não no bairro do Paracuri e apenas 3% habitam em outros bairros fora do Distrito.

Quando perguntados a respeito da familiaridade com a arte ceramista, 41% têm parentes que trabalham com cerâmica na área do Paracuri, já 56% não o têm e 3% não souberam responder. Se analisarmos os dados a respeito do tempo de vínculo com a escola, percebemos que a maioria estuda há mais de 5 anos na instituição e, uma vez que esse é um tempo considerável, de alguma forma os discentes teriam tido contato com a educação patrimonial ensinada na instituição de ensino por meio dos “oficineiros” do Núcleo de Artes, até porque 60% desses alunos já contaram em suas famílias pessoas que passaram pelo Liceu e que deveriam ter entrado em contato com a educação patrimonial em sua formação.

Agora vamos iniciar nossa análise do Projeto Pedagógico do Liceu e a função do Núcleo de Artes; é nele que ficam evidentes os objetivos da educação patrimonial recebida na escola e também do ensino de História.

O Projeto Pedagógico (PP) direciona a prática pedagógica, bem como todo funcionamento da escola. Ele é fundamentado em uma visão sistêmica, pressupondo a realização de experiências educacionais contextualizadas na realidade por meio das relações culturais, ambientais, sociais e econômicas, a partir de projetos

interdisciplinares e pelo desenvolvimento centrado na cultura e no equilíbrio ambiental (LICEU, 2017, p. 6).

No PP do Liceu (2019), houve uma preocupação em definir qual era o principal objetivo da educação nele recebida, a chamada “missão” da escola.

Numa sociedade em constante transformação, a educação deve ser centrada na realidade do estudante, ou seja, é preciso que os processos de ensino e aprendizagem levem em consideração o contexto em que o aluno está inserido, e que estes estejam fundamentados em princípios éticos, estéticos e políticos.

Assim, a missão do Liceu é promover a educação como processo democrático que possibilite o despertar da consciência crítica e reflexiva acerca dos problemas: econômicos, políticos, e culturais da sociedade. Essa missão deve se pautar numa visão de educação libertadora e numa concepção dialética e dialógica a ser exercida nas atividades pedagógicas e administrativas, considerando uma visão sistêmica de vida e de mundo, que transcende as fronteiras disciplinares e conceituais (LICEU, 2019, p. 13).

E define também o tipo de aluno que pretende formar.

O perfil de educando almejado é aquele que: tenha consciência de seus papéis, direitos e deveres; possua condições de elaborar novas ideias e construir tecnologias; seja capaz de refletir e avaliar seus processos de aprendizagem; saiba se relacionar com as diferenças e possua um bom relacionamento interpessoal; demonstre interesse e respeito pelas manifestações culturais, valorizando a vida e a diversidade cultural; seja um cidadão crítico e reflexivo, contribuindo significativamente com a transformação de sua realidade social (LICEU, 2019, p. 13).

O Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso faz parte da Rede Municipal de Educação de Belém e é organizado em Ciclos de Formação, em conformidade com os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 (BRASIL, 1996), tendo a disciplina História como componente curricular em todos os anos do Ensino Fundamental Maior.

Empregando o artigo 26 da LDB de 1996, que trata da parte diversificada do currículo, o Liceu introduziu em sua organização curricular disciplinas específicas, como Beneficiamento de Argila, Torno, Decoração de Cerâmica, Expressão Gráfica, Educação Ambiental, Educação Patrimonial, Música, Dança, entre outras. Esses componentes curriculares geralmente são ministrados por pessoas ligadas à comunidade (os chamados mestres ceramistas ou oficinairos), os quais são contratados periodicamente pela Prefeitura de Belém com intuito de ministrarem aulas na escola.

Essas disciplinas têm como finalidade valorizar a cultura ceramista praticada no entorno da escola e também envolver o aluno na prática da Educação Patrimonial.

[...] a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (IPHAN, 2014, p. 21).

Analisando o PP da escola com mais cautela, percebemos a ausência desse viés patrimonial no ensino de História. O documento, em nenhum momento, mostra a necessidade de se trabalhar a Educação Patrimonial nas aulas de História, mesmo que de forma transversal, apenas cita a importância de se utilizar a história do aluno como conhecimento prévio e a história local como alternativa metodológica para o ensino do referido componente curricular.

Olhando mais atentamente para o PP, percebemos que essa função, de envolver o aluno com o patrimônio ceramista, cabe apenas à disciplina de Educação Patrimonial. Contudo, o que vem ocorrendo é que desde a fundação do Liceu houve uma grande rotatividade de professores nesta disciplina, chegando a ter 4 professores em um período de 5 anos.

O fato que contribui sobremaneira para esta situação é o de que os educadores são contratados pela prefeitura para lecionar as disciplinas do Núcleo, sendo que o contrato dura em média 2 anos. Atualmente, a disciplina está a mais de 3 anos sem professor. Essa rotatividade fragiliza a continuidade de um trabalho em processo e isso denota a falta de interesse das gestões em, de fato, promover a cultura local.

Conversando com uma antiga coordenadora do Núcleo de Artes, Rosilene Trindade, uma artesã local e líder comunitária, passamos a encaixar as peças de um grave problema presente na escola. Não é raro observar alunos que deveriam estar nas aulas do Núcleo, como geralmente nos referimos às disciplinas da parte diversificada, vagando pela escola, sentados nos refeitórios, refugiados na biblioteca ou no ginásio assistindo às aulas de Educação Física de outras turmas.

Ao questionarmos o porquê de estarem vagando pela escola e a sua não participação nas aulas do Núcleo, os discentes simplesmente respondem que “não estão a fim”; ou que “são chatas”; ou que “não querem se sujar de barro”; ou que “o professor não está passando nada de interessante”.

Apesar de contar com uma boa estrutura, com uma grade curricular que está dialogando com a sua proposta pedagógica; apesar de ser uma escola que trabalha

com valores ligados a práticas ceramista do Paracuri e o Patrimônio Cultural propagado por essa arte, percebemos um problema na concretização da proposta do PP do Liceu: os alunos não sentem entusiasmo em participar das aulas do Núcleo de Artes, o que desqualifica a tentativa de preservar o patrimônio cultural trabalhado pela comunidade escolar e invalida a suposta educação patrimonial que é recebida por estes na própria escola.

As justificativas usadas pelos alunos para não frequentarem as aulas do Núcleo trazem um questionamento: como um aluno que mora na comunidade do Paracuri (ou próximo a ela), que provavelmente tem pais, avós, vizinhos e amigos que trabalham com a produção da cerâmica e dependem economicamente de tal produção não se interessa por aulas que lhe renderiam a perpetuação do legado ceramista no Paracuri e/ou até mesmo seu sustento? A ausência de uma formação histórica e de uma educação patrimonial consistente seriam as respostas para esse problema.

Apoiado nesses pressupostos, nosso trabalho tem como objeto de estudo o ensino de História e a tentativa de preservação do patrimônio cultural ligado à cultura ceramista no Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso. Nossa responsabilidade do porquê pesquisar, ensinar e aprender História se relaciona, nesse trabalho, com o problema da inexistência da educação patrimonial na prática dos docentes do Liceu, incluindo dos de História.

O Liceu do Paracuri é um espaço de manutenção e celeiro de criação da arte ceramista, cujo mapeamento do trabalho realizado pelos Mestres da Cerâmica local, realizado em 2011, serve de parâmetro para a perpetuação desse artesanato reconhecido internacionalmente (LICEU, 2019, p. 28).

O Liceu do Paracuri é uma escola considerada de grande porte, tem 22 salas de aula e o conjunto de prédios que formam o Núcleo de Artes Laís Aderne, o qual é composto de salas de aula específicas e equipadas para a aprendizagem da arte ceramista e é nelas que os alunos têm aulas da parte diversificada do currículo.

É perceptível a presença da cultura ceramista de Icoaraci no Liceu Escola em todos os espaços, o que se configura como elemento identitário desse espaço educativo (Figuras 19 a 25).

Figura 19: Recreio aberto



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Espaços que se assemelham a tesos marajoaras com urnas funerárias, calçamentos e espaços de laser, todos revestidos com peças de cerâmicas produzidas no Núcleo de artes, pelos alunos e pelos oficinairos.

Figura 20: Paredes externas da cozinha



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Os detalhes são percebidos até mesmo nas paredes do prédio da escola, sempre sincronizados, as peças de cerâmica são arrumadas de forma a dar leveza ao lugar e também realçar o trabalho que é feito na escola e na comunidade.

Os detalhes gráficos sempre são vistos nessas peças, como os que estão destacados nas imagens da Figura 21, detalhes dos bancos de cerâmica do espaço do recreio dos alunos, fruto de um trabalho interdisciplinar envolvendo a disciplina de matemática e arte, aplicado nas turmas de oitavo ano, utilizando o conteúdo de figuras geométricas.

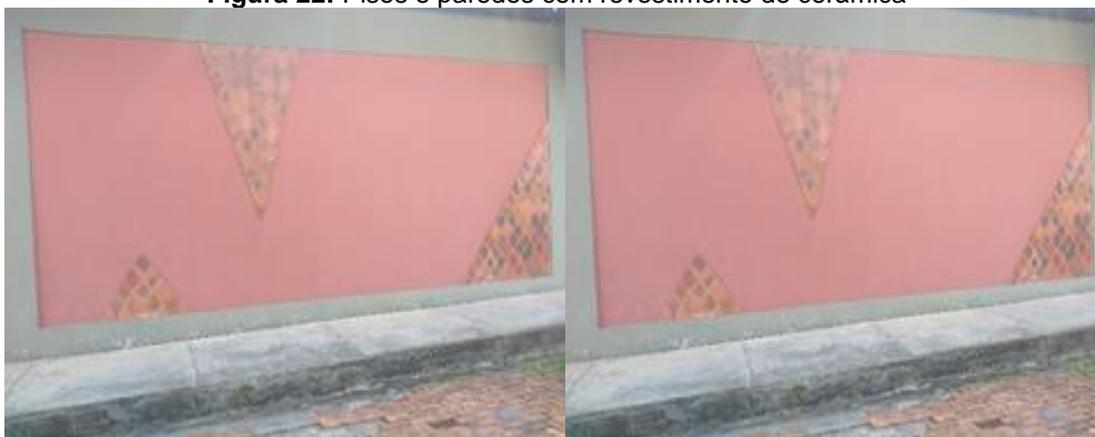
Figura 21: Detalhes dos bancos e pisos



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Os detalhes em cerâmica se estendem ao piso e as paredes dos prédios principais, sempre trabalhados de forma artística, dispensados por toda a escola (Figura 22).

Figura 22: Pisos e paredes com revestimento de cerâmica



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Mas sempre está presente os traços ancestrais dos índios da Amazônia, os traços cerâmicos dão ênfase a cultura indígena e se destacam nas peças dispostas pela escola também (Figura 23).

Figura 23: Carrancas de cerâmica



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Figura 24: Vasos e bancos de cerâmica



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Figura 25: Passarela e detalhes de um banco



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Esse trabalho tem como meta desenvolver estratégias que envolvam os professores de história do Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso em projetos interdisciplinares, usando o viés patrimonial de forma transversal, que busque recuperar a memória ceramista e a relevância da história local e do Patrimônio Cultural da área no Paracuri.

Nosso propósito é que os alunos da Escola Liceu reconheçam a sua própria história, que criem um sentimento de pertencimento, que se identifiquem com o lugar em que vivem, que se reconheçam agentes de sua história e que desenvolvam uma consciência histórica que os levarão a entender o tempo presente e sua realidade.

Nós podemos aprender que a consciência histórica pode exercer um papel importante naquelas operações mentais que dão forma à identidade humana, capacitando os seres humanos, por meio da comunicação com os outros, a preservarem a si mesmos [...] operações da consciência histórica que proporcionam aos seres humanos segurança e auto persistência em face da mudança (RUSSEN, 2014, p. 38).

Nesse sentido, é importante ressaltarmos que se trata de um trabalho de formação continuada com os professores de História do Liceu e que visa atingir de fato o alunado dessa escola, levando-os ao desenvolvimento de sua consciência histórica, por meio do entendimento de que o legado da cerâmica em Icoaraci - o qual eles têm contato diariamente na escola e fora dela - é um legado extremamente significativo, tanto para o viés econômico, quanto para o viés cultural e social, além de contribuir no fortalecimento da identidade desses alunos.

Se entendermos as identidades como cambiantes, contestáveis e discursivamente construídas, o que se diz, o que se aprende e o que se faz na sala de aula podem viabilizar tanto a preservação quanto o questionamento de determinadas identidades sociais (MOREIRA, 2008, p.3)

Assim, um dos focos do Ensino da História é a formação da identidade dos estudantes, considerando o tempo, a realidade e o espaço em que vivem (BRASIL, 2018). Considerando esse aspecto,

A identidade é vista como parte fundamental da dinâmica pela qual os indivíduos e os grupos compreendem os elos, mesmo imaginários, que os mantém unidos. Compartilhar uma identidade é, então, participar com outros, de determinadas esferas da vida social (MOREIRA, 2011, p. 126).

A construção dessa consciência histórica e a inserção desse aluno na história de sua comunidade, transformando-os em protagonistas de sua própria história, é a grande relevância desse trabalho.

2.3 A ausência de projetos de ensino de História ligados à cultura ceramista no Liceu

A disciplina História, assim como todas as outras disciplinas, tem destaque no PP do Liceu Escola. Nele, está definido qual a sua função e relevância dentro do currículo da instituição de ensino.

Ao ensino de História é fundamental considerar o cotidiano e a história de vida dos sujeitos que até o momento não foram priorizados na historiografia oficial. A história local se apresenta como uma alternativa metodológica de organização do conhecimento histórico escolar e da condução didática, tendo em vista que a mesma possibilita ao educando estabelecer uma relação de sua realidade local com o saber sistematizado, facilitando a construção de novos saberes acerca de seu contexto histórico-social (LICEU, 2017, p. 75).

Se analisarmos essa passagem do PP do Liceu, logo percebemos que a grande função do ensino de História na escola é a valorização da história local, a fim de que

o aluno estabeleça uma relação/conexão com a realidade em que está inserido e o saber sistematizado.

Mesmo valorizando a história local, não encontramos no PP da escola qualquer orientação ou recomendação para os docentes no intuito de conferir destaque à história local de Icoaraci, o que observamos é que os educadores são orientados a valorizar a história geral e nacional.

Desse modo, o ensino de História deve privilegiar os processos históricos relativos às ações e às relações humanas praticadas no tempo, bem como o significado atribuído pelos sujeitos, ou melhor, desenvolver linguagens e princípios que permitam aos educandos ler e interpretar os fatos em diferentes sociedades, tempos e espaços (LICEU, 2017, p. 75).

A instituição escolar envolve os professores em vários projetos, mas raramente essas ações têm cunho patrimonial e, normalmente, estão ligadas à cultura de forma geral; às vezes, os educadores exaltam as lendas amazônicas, em outras iniciativas contemplam a origem das danças folclóricas e muitas vezes apenas utilizam a argila ou os traços da cerâmica do Paracuri em seu processo de elaboração.

Um dos projetos realizado em 2015, envolveu 5 professores do Ciclo I; 2 professoras de Artes e os professores de várias oficinas do Núcleo de Arte: Desenho e Artes Visuais, Sensibilização em Argila, Educação Ambiental e Educação Patrimonial. Projeto de construção em argila “Icoaraci, de frente para o Sol, iluminando os seus caminhos: Visualizando o hoje por meio do passado” (Figura 26).

Figura 26: Projeto de construção em argila de Icoaraci



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Com isso, procuramos conversar com os professores de História sobre a proposta de Educação Patrimonial existente no Liceu e a utilização do viés patrimonial em suas aulas. Usaremos pseudônimos para resguardar a identidade dos servidores envolvidos nesse trabalho. Um dos professores, o qual chamaremos de José, relata

que antes de entrar no quadro funcional, já frequentava o Liceu na condição de docente pois a mãe era educadora na Escola desde sua fundação.

Ele relata ainda que sempre ouviu falar da função do Núcleo de Artes e até foi monitor no Liceu de oficinas ligadas ao programa “Mais Educação” promovido pelo governo federal. Após ser efetivado como professor e estar há quatro anos na escola, nunca elaborou ou participou de projetos que utilizassem o viés patrimonial ou a memória ceramista nas aulas de história (Excerto 7).

Excerto 7

A gente não vê aluno reclamando “Ah, porque a gente não vai pro Torno”? Na verdade, o aluno reclama de ir pro Núcleo. O que é que é o Núcleo? Trouxeram curador pro Núcleo, fizeram exposição de peças bonitas, mas o aluno não pode entrar, lá tem ar condicionado, mas nas salas de aula não tem ar condicionado. Era um lugar pra turista né? Pra inglês ver. Aí os caras iam lá, as crianças... não pode entrar aqui, não pode encostar nas peças, cuidado! O Núcleo se tornou um espaço afastado, ao invés de se tornar o Núcleo mesmo, se tornou um espaço afastado. É um espaço diferenciado dentro da escola, aproveitou os saberes de pessoas da comunidade, os saberes e os conhecimentos deles foram aproveitados, mas o trabalho deles é temporário. Dá pra ter uma relação legal com a escola, com o trabalho na escola? Dá, mas acaba. A gente tá um tempo sem muitos oficinairos na escola. Como é que a gente tá dentro de uma escola, que é um polo de cerâmica e a gente passa seis, sete meses, um ano de burocracia pra colocar novos oficinairos? (JOSÉ. Informação verbal)¹³.

O professor afirma que é o descaso da administração municipal em manter as oficinas ativas e a falta de oficinairos o motivo do fracasso da educação patrimonial recebida pelos alunos no Liceu. Mas confessa que não há interesse de sua parte em usar o viés patrimonial em suas aulas.

Segundo o PP do Liceu, cabe ao somente ao Núcleo de Artes o trabalho com a Educação Patrimonial. Se algum professor precisar de apoio em seus projetos, os oficinairos do Núcleo se incumbem em fazer a conexão com os conteúdos dados em sala de aula, o docente elabora o projeto e “arruma” a participação desses oficinairos nos projetos.

No Liceu, existem dois momentos possíveis em que ocorre a culminância de projetos elaborados por professores de todas as disciplinas e ciclos de ensino da escola: o Arrastão Cultural e a Mostra de Saberes. A Mostra de Saberes faz parte do calendário oficial da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), nela os produtos de todas as escolas que fazem parte da rede são expostos e apreciados pela comunidade escolar.

¹³ Entrevista concedida por JOSÉ. **Entrevista 3** [dez. 2019]. Entrevistador: Cláudia Marcia Dias Silva. Belém, 2019. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

Nesse evento, técnicos são enviados pela Secretaria de Educação na intenção de prestigiar a culminância; normalmente a Mostra de Saberes ocorre na última semana de novembro. Já o Arrastão Cultural ocorre na última semana de junho e também envolve toda a comunidade escolar em que é feito um convite (Figura 27) para que todos participem do evento.

Figura 27: Convite do Arrastão Cultural do Liceu



Fonte: Escola Liceu de Icoaraci (2014)

Segue o texto convite na íntegra.

O **Arrastão Cultural** é o tradicional cortejo que o Liceu Escola realiza pelas ruas de Icoaraci, sempre no mês de junho, fechando o primeiro semestre do ano letivo. Em 2013, o evento assume a forma de Escola de Samba, organizando-se em alas e alegorias, e trazendo como enredo o tema gerador de 2013: “Liceu Escola mergulhando na diversidade sociocultural e geográfica de Belém”.

O enredo estabelece um diálogo entre a capital paraense e seus Distritos, especialmente Icoaraci, tomando como fio condutor o estudo desenvolvido na escola sobre autores e manifestações culturais paraenses, articulados numa perspectiva sociocultural e econômica para mostrar no desfile, que acontecerá em 28 de junho de 2013, saindo do Liceu às 16h, **como e o que** a escola vem realizando em sua missão de educar (Texto do convite do Arrastão Cultural de 2013)¹⁴.

Um dos questionamentos que fizemos diz respeito a como e o que a escola vem realizando em sua missão de educar. A resposta vem em forma de canção, conforme a letra dessa versão especial do Arrastão Cultural.

Enredo por Liceu Escola: Mergulhando na Diversidade Sociocultural e Geográfica de Belém¹⁵

Do chão de Icoaraci ergueu-se o Liceu
Imponente escola, templo do saber
Hoje eu sei ler, eu já sei contar
Eneida, Bruno, Dalcídio e Waldemar (bis)

¹⁴ Disponível em: <http://liceudeicoaraci.blogspot.com/2014/09>. Acesso em 22 nov. 2022.

¹⁵ ESCOLA, Liceu. **Mergulhando na Diversidade Sociocultural e Geográfica de Belém**. Blog Liceu Escola. Icoaraci, PA, junho de 2013. Disponível em: <http://liceudeicoaraci.blogspot.com/2014/09>. Acesso em 22 nov. 2022.

Com a benção de Mãe Preta
Quero abrir minha aruanda
Revoando a passarada
Tem tem-tem da Dona Zula
Tem até Leão Dourado
Nos cordões da Bicharada

Nas águas do Paracuri
Eu vou remar, eu vou pescar,
Nas ruas do Paracuri
Eu vou dançar com o Vaiangá
Esse rio é minha rua
Paranatinga já cantou.

Com o seu Uirapuru
Waldemar me encantou (bis)
Dos campos de Cachoeira
Poesia de Dalcídio Jurandir
Curumim vai pelo mundo semear
Caroço de tucumã, poesia é chuva boa
Chuva boa de encantar

Na feira da Oito eu vou comprar
Peixe, açaí, tapioca e tucupi
Deus do barro fez o homem
E o homem o seu alguidar

Vila Sorriso, Berço da cerâmica
Meu São João, vou festejar (bis)

A letra da música do Arrastão Cultural mostrava todos os projetos interdisciplinares que estavam sendo desenvolvidos naquele ano na escola, exaltando a singularidade do Liceu e a questão da cerâmica como tema.

Cada parágrafo da letra faz referência a um projeto interdisciplinar desenvolvido na escola e cada projeto levou um bloco específico no cortejo, porém, apenas um dos projetos mencionados de fato estava desenvolvendo o tema, ao explorar a importância do ofício ceramista: o “Etnoconexões entre a Arte e a Matemática”, o qual envolvia as disciplinas de Matemática, Arte, Grafismo e Educação Patrimonial, sendo essas duas últimas da parte diversificada do currículo.

Esse projeto também é o único que não tem referência na letra da música. Os outros seguiam a mesma linha, exaltavam a cultura paraense, mas não estavam ligados à produção ceramista, incluindo os de história.

De toda maneira, esses projetos homenagearam nossos artistas e isso é refletido no aprendizado dos alunos (Figura 28).

Figura 28: Homenagem a Dalcídio Jurandir e a Ruy Barata



Fonte: Blog do Liceu Escola (2014)

Ao final do ano de 2013, o Etnoconexões (Figura 29) apresentou um Muiraquitã de peças geométricas em cerâmica fabricado pelos alunos. O símbolo foi estampado nas camisas pretas dos alunos que participaram do projeto e do Arrastão Cultural.

Figura 29: Apresentação do Etnoconexões



Fonte: Blog do Liceu (2014).

Devemos começar a pensar o Patrimônio do Paracuri como algo além das peças produzidas nas oficinas da escola e nas olarias dos mestres ceramistas no bairro; devemos pensar o Patrimônio do Liceu como algo intangível, imaterial, mas de grande valor; pensar a arte ceramista como o grande patrimônio do Paracuri, o saber fazer cerâmica, que pode ser valorizada e salvaguardada nas oficinas do Liceu e nas aulas de História; ensinar ao aluno que esse saber fazer é o grande patrimônio da comunidade em que ele está inserido, “gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana” (CURY, 2004, p. 373).

Por que não normatizar que todos os professores do Liceu insiram em seus conteúdos o viés patrimonial? Por que esperar só da disciplina Educação Patrimonial

essa responsabilidade? A disciplina História, por meio desse trabalho, tomará a primazia dessa proposta.

A partir da análise da história da cerâmica no bairro do Paracuri, da fundação do Liceu Escola e da tentativa de efetivação de um currículo direcionado para a valorização do saber ceramista de Icoaraci, a proposta do PP do Liceu escola não é aplicada como foi planejada, causando dispersão dos alunos nas aulas do Núcleo de Artes, fazendo com que o projeto fracasse. Mesmo recebendo, teoricamente, aulas de educação patrimonial e participando de oficinas práticas relacionadas ao saber ceramista, existe uma forte negativa, por parte dos alunos, em se reconhecerem como integrantes dessa história.

Para nós, a ausência de uma Educação Patrimonial, que utilize conceitos atuais de Patrimônio Cultural, relacionando a história local e a experiência de vida dos alunos aos saberes sistematizados é a causa disso. Também percebemos que nenhum docente das disciplinas pertencentes à Base Nacional Comum Curricular, emprega a Educação patrimonial em sua prática, nem mesmo os de História. A Educação Patrimonial poderia ser utilizada, de forma transversal neste campo do saber, pois essa disciplina está profundamente ligada às questões de formação de identidade.

Nosso próximo passo será analisar a metodologia da construção de uma Formação Continuada que ocorreu nas dependências do Liceu e que envolveu os professores de História das séries finais do Ensino Fundamental da instituição. Nessa Formação, associamos a prática da Educação Patrimonial ao Ensino de História. Utilizamos fontes orais, fontes que foram recolhidas e analisadas a partir de depoimentos dados aos professores participantes dessa Formação pelos artesãos do Paracuri (Os mestres ceramistas) e pelos oficinairos do Núcleo de Artes (professores da parte diversificada do currículo do Liceu).

Empregamos esses depoimentos para facilitar na abordagem dos temas ligados à história da cerâmica e à memória ceramista no Paracuri. Analisamos as ações didáticas dos professores envolvidos a partir dessa Formação e a utilização da educação patrimonial no ensino de História.

Essa Formação Continuada foi realizada de forma virtual, com o cenário pandêmico foi difícil reunir todos os participantes de forma presencial. Utilizamos ferramentas como o *google meet* e o *WhatsApp*, aplicativos usados para a realização de reuniões e aulas durante o ano de 2021 nessa escola.

3 A TRADIÇÃO ORAL, RELATOS DE MEMÓRIAS E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE ENSINO DE HISTÓRIA

Quem procurar saber sobre a história da cerâmica em Icoaraci, encontrará na comunidade do Paracuri muitas pessoas que farão o relato com facilidade, utilizando histórias contadas por seus pais e avós, marcada por uma tradição oral repassada de geração em geração e combinada aos relatos de memória desses artesãos contemporâneos.

A forte tradição oral da história ceramista no Paracuri será usada como fonte em nosso trabalho, dado que os artesãos relatam reiteradamente histórias relacionadas a produção de cerâmica e sempre estão dispostos a contar essas histórias para quem quiser ouvir, anotar ou analisar sobre os fatos que envolvem tão de perto a vida deles. Como tradição oral empregaremos o conceito utilizado por Vansina (1982) onde a define como “um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra caracterizada pelo verbalismo e pela sua maneira de transmissão”. Tradicionalmente os ceramistas transmitem histórias que escutaram de seus pais, cujos pais escutaram de outros ancestrais relacionadas a origem da cerâmica na área do Paracuri.

Muitas dessas histórias são encontradas em documentos produzidos por diversas organizações sociais e instituições, como a BelemTur, órgão da prefeitura que divulga o turismo em Belém, e artigos acadêmicos que pesquisam a origem da cerâmica e a história de Icoaraci. Mas alguns são relatos pessoais, relatos de memórias, que misturados a tradição oral acabam se tornando fontes de informações dos diversos trabalhos executados na área do Paracuri.

Os artesãos em seus depoimentos sempre incluem trechos do tipo “me lembro que”, “próximo a minha casa”, “na rua em que eu morava”, “minha mãe o conhecia”, “ele sempre vinha tomar café em casa”, “trabalhei quando criança com ele”, “ela sempre fazia os desenhos e me ensinou”, “existia uma olaria nos fundos de casa” e coisas do tipo.

Aproveitando da utilização de grande quantidade de fontes resultantes dos relatos de memória dos moradores e artesãos do Paracuri em nosso trabalho, analisamos tais relatos utilizando Pollak (1992), que parte do princípio de que a memória é seletiva, é construída individualmente e coletivamente, é herdada e serve para manter a coesão dos grupos.

Apesar de ser um discurso repetido pela maioria dos artesãos na área do Paracuri, nossos entrevistados viveram momentos importantes dessa história, conviveram com os personagens envolvidos na fundação do Liceu Escola e também participaram do processo de criação do currículo dessa instituição de ensino, foram testemunhas oculares desses acontecimentos, onde, segundo Vansina (1982), os riscos de distorção, dessa história recente, são mínimos.

Nesta seção, analisaremos em um primeiro momento: os depoimentos de algumas pessoas que trabalharam/trabalham no Núcleo de Artes como oficinairos e a utilização da tradição oral ceramista de Icoaraci nessas oficinas; a coleta de entrevistas com os artesãos do Paracuri, oficinairos e funcionários do Liceu; a educação patrimonial e o ensino de história no currículo do Liceu Escola.

Em um segundo momento, mostraremos o processo de construção da Formação Continuada com a participação dos docentes de história do Liceu: nossas conversas a respeito dos diversos conceitos ligados a Patrimônio Cultural, sobre como utilizamos a metodologia da Educação Patrimonial na prática do Ensino de História; e a utilização do material da Formação Continuada para a edição dos vídeos do canal do *YouTube* que serviu como produto final de nosso trabalho.

3.1 Tradição oral e relatos de memória: a história da cerâmica no Paracuri

Convidamos duas antigas oficinairas da escola, que serão chamadas por nós de Martinha e Leda, pseudônimos, para participarem do nosso trabalho. Através dos seus relatos, sobre a história ceramista no Paracuri e a criação do Liceu Escola, contribuíram na formação dos professores de história e na construção desse trabalho, servindo seus depoimentos de base para a construção dos vídeos de nosso produto final.

Martinha, trabalhou contratada no Liceu de 1995 a 2016. Ficou um ano afastada, retornando em 2018 ao passar por um processo de seleção, um PSS – Processo Seletivo Simplificado, ministrando aulas no Núcleo de Artes por um período de mais dois anos. Ministrava aulas na Oficina de Argila, outra disciplina da parte diversificada do currículo do Liceu.

Martinha participa das Formações Continuadas promovidas pela direção da Escola, repassando o conhecimento recebido de seus ancestrais para os participantes, principalmente professores da escola, dos relatos da história da

cerâmica no Paracuri. Tais formações tem como objetivo tornar familiar ao corpo docente a tradição ceramista do Paracuri e envolve-los no ambiente patrimonialista que as aulas teriam que seguir para concretizar a proposta do currículo da escola.

Martinha é precisa em definir datas e nomes que envolvem essa história, além de conseguir enumerar as olarias e quais os tipos de cerâmica que cada uma trabalha em Icoaraci.

Para que possamos entender a história da cerâmica em Icoaraci, mais precisamente do polo ceramista do Paracuri, a gente precisa voltar um pouco no tempo, mais precisamente nos anos de 1700. Todas essas terras de Icoaraci, elas foram passadas para Sebastião Souza em 1701 para que ele povoasse, como sesmarias. De 1701 a 1705 nasceu um povoado, é onde hoje é o centro de Icoaraci. Cinco anos depois, por motivo de doença, ele passou essas terras para os padres carmelitas dos pés calçados. Em 1705 essas terras foram divididas em duas grandes fazendas, uma às margens do grande rio, eles definiram como fazenda São João de Pinheiro, e pra cá, pro Paracuri, fazenda Nossa Senhora do Livramento, onde encontraram em grande quantidade argila, na área do Paracuri, e lá mesmo já implantaram a primeira olaria. Eles trabalhavam com materiais de construção e provavelmente com cerâmicas utilitárias pro seu uso diário. Isso se estendeu por mais de 200 anos esse trabalho (MARTINHA. Informação verbal)¹⁶.

A oficinaira, pontua as datas das modificações administrativas do Distrito de Icoaraci, vai nomeando seus primeiros proprietários e mostrando o surgimento das localidades relacionadas a história da cerâmica em Icoaraci. Normalmente, quando conversamos com a maioria dos oficinairos e mestres, essas datas não são mencionadas, sendo informado genericamente o século XVIII como data de todo esse processo de surgimento da produção de cerâmica no Paracuri e da fundação de Icoaraci. Sabemos que a memória é construída coletivamente, e que é seletiva, sujeita a flutuações, transformações e mudanças constantes (POLLAK, 1992).

O que perfeitamente espelha a história acerca da produção ceramista no Paracuri, pois muitas vezes essa história é modificada em alguns trechos e datas. Mas os relatos dos artesãos sempre coincidem em um ponto, foi “Mestre Cabeludo” o primeiro a trabalhar com réplicas de cerâmicas marajoaras, isso é um ponto invariável nos relatos dos artesãos. Toda a narrativa sempre recai sobre ele, esse pioneirismo, tendo como marco inicial para tal feito a década de 1960 (Excerto 8).

Excerto 8

Já na década de 1960 aconteceu a grande novidade, nessa cerâmica utilitária, que comumente era utilizada desde o início. Um morador do Paracuri, chamado Antônio

¹⁶ Entrevista concedida por MARTINHA. **Entrevista 4**. [nov. 2021]. Entrevistador: Cláudia Marcia Dias Silva. Belém, 2021. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

Farias Vieira, o Mestre Cabeludo, que era pintor, ele de posse de um livro chamado “A planície amazônica”, de Raimundo Moraes, ele viu as cerâmicas, cerâmicas marajoaras e outras cerâmicas e se encantou com o grafismo das cerâmicas. Apesar de não ser ceramista, ele começou a desenhar a pintar a mão livre na cerâmica que já era conhecida no bairro, chamada utilitária, a fazer suas experiências e viu que ficou bonito, e outros ceramistas também do bairro, começaram a ver também que aquilo dava uma certa beleza maior pra cerâmica que eles produziam. Isso se expandiu de uma hora pra outra de uma forma gigantesca, que outras pessoas foram implantando olarias já pra trabalhar com a cerâmica com o grafismo (MARTINHA. Informação verbal).

Analisando o trabalho de Linhares (2007) podemos entender e explicar esse “boom” de olarias e cerâmicas com grafismo marajoara, na década de 1960, em Icoaraci. Foi um momento em que estava ainda em construção a ideia de Identidade Nacional brasileira buscada pelo governo brasileiro desde a época de Dom Pedro II e intensificada nos governos subsequentes.

Muitos artistas no século XX usaram o simbolismo dos objetos produzidos pelos índios da ilha do Marajó em suas produções. [...] cada artista atribui algum valor às peças que consideravam mais belas ou mais dignas de serem objetos de arte, em suas concepções. Cada qual ressignificou e usou o simbolismo marajoara de forma bastante peculiar, ora na pintura, ora na poesia, na literatura, dentre outras formas de expressão artística (LINHARES, 2007, p. 116).

Os oleiros de Icoaraci não agiram de forma diferente, viram a oportunidade de gerar renda com a ressignificação da cerâmica marajoara e começaram a produção dessas cerâmicas, antes exclusivamente utilitárias, agora com grafismos marajoaras estilizados. É nesse momento que se fortalece a identidade dos ceramistas da área do Paracuri, pois através da construção dessa memória coletiva, de forma consciente há o fortalecimento dos laços da comunidade em torno do crescimento da produção de cerâmica em Icoaraci, há a “venda” da imagem do oleiro icoaraciense, que é construída a partir da intensificação da produção de cerâmicas com grafismo marajoara e do apoio governamental para a produção de tal cerâmica.

É o que Pollak (1992, p.5) afirma, dizendo que identidade “é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida, referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar em sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.

É importante para o oleiro ser reconhecido como tal, se assumir de Icoaraci, é rendoso se identificar como produtor de cerâmica marajoara, o que contribuiu de forma consciente no fortalecimento da identidade desse grupo.

A área do Paracuri se tornou um grande polo produtor de cerâmica, vendendo não só a produção das peças utilitárias e decorativas, como também o “saber fazer” cerâmica para outras regiões do Pará e do Brasil. Ceramistas conhecidos no Paracuri, como os descendentes de Mestre Cardoso e de Mestre Rosemiro, foram convidados a ministrar cursos de produção de peças de réplicas de cerâmicas marajoaras e participar de congressos em todo Brasil, levando a história da cerâmica do Paracuri para todo o território nacional.

Encontramos um desses momentos, na obra de Linhares (2007) onde a autora cita a influência da cerâmica de Icoaraci na produção de cerâmica em Cachoeira do Arari. Em 1997, segundo a autora, Levy Cardoso, filho de Mestre Cardoso, foi ao município ministrar cursos acerca de técnicas de produção de cerâmica. Ao entrevistar um ceramista local, a autora foi informada de tal fato.

O artesão disse que alguns desses cursos foram ministrados por Levy Cardoso, que faz parte de uma conhecida família de ceramistas de Icoaraci, sendo o seu pai o falecido Raimundo Saraiva Cardoso, mais conhecido como Mestre Cardoso. Atualmente Icoaraci é considerada o maior polo de produção de peças que fazem alusão às cerâmicas arqueológicas marajoara no Pará. Por isso Gallo, ao promover cursos, recorria aos artesãos do polo, visto que eles detêm as técnicas necessárias para a produção de peças do gênero marajoara (LINHARES, 2007, p. 67).

Esses cursos faziam parte de um projeto do padre Giovanni Gallo, idealizador do Museu do Marajó, em incentivar a produção de réplicas de cerâmicas marajoaras em Cachoeira do Arari e transformar o município em polo turístico. A realização de tais cursos teve apoio de instituições como o SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e pequenas Empresas.

As técnicas de produção das réplicas de cerâmicas marajoaras foram difundidas por moradores do Paracuri em todas as direções do Brasil, muitos conseguiram desenvolver tais técnicas e sob o incentivo da administração municipal vieram trabalhar no Liceu do Paracuri. Martinha e Leda são exemplos disso. Leda, artesã da área do Paracuri, nos conta a partir de relatos de memórias a construção e fundação do Liceu Escola.

Precisávamos de pessoas que nos orientasse sobre a história do Liceu Escola, procuramos e ouvimos em uma só voz que, além de Mestre Rosemiro, Leda seria “fonte segura” de relatos sobre a criação do Liceu Escola e seus objetivos iniciais. Então, a convidamos a participar de nosso trabalho.

Leda iniciou seu trabalho na escola no Núcleo de Artes, em 1995¹⁷, Logo após foi aprovada em um concurso público, tornou-se professora efetiva passando a ministrar aulas em turmas regulares do Liceu, saindo da função de oficinaira, mas não sem antes participar de várias formações que tinham como tema principal: a produção de cerâmica no Paracuri, formas de torná-la mais atrativa para venda, sensibilização dos alunos da escola envolvendo questões a respeito da produção da cerâmica no Paracuri e a utilização dos saberes prévios desses alunos na compreensão dos conhecimentos da BNCC (BRASIL, 2018).

Por meio dos relatos de Leda (Excerto 9), do Mestre Rosemiro e de Martinha, percebemos que a história e a memória da produção de cerâmica no Paracuri se entrelaçam com a história da fundação do Liceu Escola. É o momento em que o governo municipal resolve dar apoio a produção de cerâmica. Na década de 1990, os artesãos já não mais contavam com o patrocínio do governo do estado.

Excerto 9

Eu já trabalhava com cerâmica antes (antes de começar a trabalhar no Liceu), desde que eu vim morar no Paracuri em 71 (1971). Aí a gente conheceu o Mestre Cabeludo, que foi o pioneiro na produção de cerâmica marajoara e lá eu aprendi a trabalhar com a cerâmica decorada, trabalhei dois anos com ele e adquiri o conhecimento da produção de cerâmica do Paracuri. Quando iniciei aqui, participei de vários colóquios, workshops e formações envolvendo o tema da cerâmica, só não participei mais porque fiz um concurso público e comecei a trabalhar como professora em turmas regulares (LEDA. Informação verbal)¹⁸.

O Liceu vinha cumprir a missão de estimular e valorizar a identidade ceramista, enfraquecida após a retirada do patrocínio do governo do estado. “A identidade coletiva precisava ser reavivada, o investimento feito para que isso acontecesse, para que o grupo desse continuidade aos trabalhos e se unisse” (POLLAK, 1992, p. 205), foi feito e estava agora a encargo da Escola criada para isso.

Outro fato que sempre é relatado pelos artesãos, foi o de ter sido Mestre Cabeludo, e não o Mestre Raimundo Cardoso, o pioneiro na produção de cerâmicas com grafismos marajoaras no Paracuri, e sempre opinam de que ele deveria ter sido escolhido para ser o homenageado pela Prefeitura de Belém com o seu nome no Liceu Escola.

¹⁷ Os trabalhos no Liceu se iniciaram em 1995, mesmo com as obras de construção dos prédios inacabadas. Oficialmente o liceu foi inaugurado em 1996.

¹⁸ Entrevista concedida por LEDA. **Entrevista 5** [nov. 2021]. Entrevistador: Cláudia Marcia Dias Silva. Belém, 2021. 1 arquivo .mp3 (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

É consenso entre os artesãos que Mestre Cabeludo recusou o convite da prefeitura de Belém para participar do projeto que estava iniciando na escola, dando entrada para que Mestre Cardoso recebesse toda a honraria e se tornasse referência oficial dessa produção no Paracuri. As falas de Mestre Rosemiro, de Martinha e de Leda, se complementam e afirmam a primazia de Mestre Cabeludo e seu empenho em ornamentar as peças utilitárias de cerâmica com o grafismo marajoara.

Mas porque o homenageado foi Mestre Cardoso e não Mestre Cabeludo? Lançaremos mão de algumas hipóteses, baseados nos depoimentos dos artesãos locais, para responder tal questionamento. Primeira hipótese: apesar de ter sido convidado, Mestre Cabeludo não se interessou pela honraria, visto que seu interesse imediato era produzir renda para si e para sua família.

O trabalho no Liceu, de orientar e formar outros artesãos e oficineiros não lhe renderia muitos dividendos, o que o fez continuar com o trabalho em sua olaria; nossa segunda hipótese: havia uma grande amizade entre Mestre Cardoso e a secretária de educação do município da época da fundação do Liceu, Therezinha Gueiros e, que segundo os artesãos, foi quem convidou Mestre Cardoso para assumir o posto declinado por Mestre Cabeludo.

A terceira e última hipótese, e não menos importante, é a de que Mestre Cardoso se disponibilizou a estudar sobre as várias técnicas de produção de cerâmica e o significado do grafismo marajoara, facilitando o acesso de mais artesãos a essas informações, viabilizando a entrada e permanência desses artesãos no Núcleo de Artes do Liceu Escola e o fortalecimento da identidade ceramista na área do Paracuri.

O Paracuri, como berço da cerâmica em Icoaraci, passa a ser um “lugar de memória”, segundo Gevehr (2016), pois sua “materialização foi antecedida pela difusão de certas ideias sobre os fatos e personagens envolvidos” nesse processo, a memória foi manipulada de acordo com interesses governamentais e o Liceu Escola se tornou marco dessa criação.

A proposta do Liceu quer garantir esse laço entre a identidade do aluno e a arte ceramista produzida na área do Paracuri, utilizando a história e a memória da cerâmica em Icoaraci nas aulas do currículo diversificado.

De acordo com Pesavento (apud SILVA JÚNIOR, 2016, p. 27), a criação de uma identidade, através de um processo histórico, tem como base a questão da memória que seleciona, inventa, cria, manipula, recorta o passado segundo interesse de um grupo ou pessoa.

Baseado na ideia de Pesavento e nas hipóteses levantados por nós a partir dos relatos dos artesãos de Icoaraci, a decisão de elencar Mestre Cardoso como o pioneiro na produção de peças de cerâmica com grafismo marajoara em Icoaraci, foi necessário para a solidificação do projeto da prefeitura. Foi uma criação, fatos foram inventados, manipularam a memória, forjaram documentos com a intenção de se criar uma identidade, ao redor da história do artesão, para toda a comunidade do Paracuri na intenção de dar sentido ao projeto de criação do Liceu.

Cardoso se dispôs a trabalhar quase que de forma integral no projeto da prefeitura, frequentando o Liceu diariamente, de disponibilizou em fazer estudos no museu Goeldi, em Belém, da arte marajoara, e de formar novos artesãos/oficineiros para o Liceu. Transformou-se um artesão, como tantos outros, em líder e exemplo a ser seguido e lembrado.

3.2 A formação continuada e o Ensino de História a partir da Educação Patrimonial

Concretizando as ideias propostas em nosso trabalho, conversamos com a equipe gestora do Liceu, com alguns professores do Núcleo de Artes e com os professores de história do Liceu Escola. Após coletarmos todas essas falas e gravarmos alguns relatos da história da cerâmica no Paracuri, começamos a esclarecer alguns pontos obscuros na proposta pedagógica dessa Escola e a finalidade de sua criação na comunidade do Paracuri.

O PP original do Liceu, apesar de ser um documento importantíssimo, de orientação metodológica e pedagógica, desapareceu ao longo de sua existência. O que sabemos sobre esse projeto pedagógico é que foi elaborado pela Arte Educadora Laís Aderne no ano de 1996. Alguns trechos são utilizados em novas versões elaborados por gestões posteriores. Ressaltamos que em nosso trabalho utilizamos uma versão do PP de 2019 e outra mais antiga, de 1996.

Após a análise de algumas falas de antigos funcionários coletadas em entrevistas ao longo da nossa pesquisa, concluímos que no projeto inicial do Liceu a função do Núcleo de Artes era de funcionar como um laboratório de experimentação pedagógica, no qual os saberes tradicionais, ligados a arte ceramista, fossem abordados como recursos pedagógicos para a aprendizagem dos alunos em conjunto com a Base Nacional Comum.

A ideia era usar o saber as experiências de vida dos alunos, na aprendizagem formal, o que para nós, se bem orientado, contribuiria para a formação da consciência histórica do aluno do Liceu Escola. Nossos alunos passariam a entender que o que estava sendo trabalhado no Liceu Escola, era fruto de interesses de determinados grupos. Esses alunos reinterpretariam o seu passado e o seu presente, teriam a oportunidade de criticar a própria história, refletir sobre as situações vividas em seu entorno. Mas como?

Segundo Rusen (2010), a consciência histórica denota informação inerte, progressivamente interiorizada, assim, torna-se uma parte da ferramenta mental do sujeito cuja utilização, com alguma consistência, orienta-o no seu cotidiano.

A consciência histórica desse aluno do Liceu Escola, seria fortalecida quando este percebesse no seu cotidiano as possibilidades de aprendizado, analisando as informações sobre a comunidade em que está inserido, conhecendo a história do Paracuri, área onde mora, os processos históricos que envolvem essa área, e que isso tudo foi um processo de mediação de memórias, o que influenciou diretamente em sua identidade.

Apesar de estar estabelecida no PP essa ligação entre o saber tradicional ceramista, muito vivo entre as crianças do Paracuri, e o saber institucional, a proposta metodológica, segundo os oficinairos, se perdeu no decorrer das décadas.

Procuramos conversar com uma professora de Arte que trabalhava nas oficinas e projetos interdisciplinares executados no Liceu, a qual chamaremos de Anahí. Anahí iniciou seu trabalho no Núcleo em 2012, como professora contratada para a “Oficina de Expressões Gráficas”. Ainda nesse ano foi efetivada na mesma função por meio da aprovação em um concurso público promovido pela Prefeitura de Belém.

Essa oficina, a *oficina de grafismo*, como é chamada, era muito disputada por todos os professores que buscavam implementar seus projetos interdisciplinares na escola. Normalmente essa oficina fechava parceria com um projeto interdisciplinar intitulado “Etnoconexões, entre a Arte e a Matemática”, que atendia turmas de oitavo ano e agregava saberes das disciplinas Arte, Matemática e a do *Grafismo* (Excerto 10).

Excerto 10

Eu tinha acabado de me formar quando eu entrei aqui, eu tinha mais ou menos um mês de formada, fui aprendendo a ser professora, a dar aula. Aqui eu fui trabalhando direto com projetos interdisciplinares. Eu sempre gostei muito de trabalhar aqui, eu sempre tive muita liberdade, não precisamos listar um monte de conteúdo, mas era

um trabalho em que a gente elaborava toda a metodologia da aula, de acordo com os alunos que iriam participar, de acordo com os objetivos, então sempre era um trabalho de criação também. Eu precisava fazer o diagnóstico dos alunos, ver o que cada turma precisava. Muitas vezes quando se tinha mais de uma turma trabalhando no mesmo projeto, as duas turmas tinham metodologias diferentes, com abordagens diferentes (ANAHI. Informação verbal)¹⁹.

Para Anahí, há muito tempo a proposta do PP não estava sendo executada corretamente no Liceu, o Núcleo de Artes foi descaracterizado e as oficinas não estavam atendendo aos alunos da escola como deveria ser. Alega que a instabilidade da equipe de oficinairos do Núcleo de Artes, a falta de recursos para as aulas e as demandas institucionais, prejudicavam e inviabilizavam a correta utilização das oficinas na Escola (Excerto 11).

Excerto 11

Eu era a única professora efetiva da equipe do Núcleo, quando eu entrei existiam 12 pessoas trabalhando lá, trabalhando nas diversas oficinas. Então, quando eu entrei aqui no Liceu tinha a mesma equipe a praticamente 20 anos, desde a fundação da escola, na década de 90. Só que quando chegou em 2016, essa equipe foi toda retirada e passamos o ano de 2017 praticamente sem ter uma equipe fixa. Foi lá pelo fim do ano de 2017 que foi recomposta a equipe do Núcleo, só que com outros profissionais e passaram mais dois anos. Quando foi em 2018, começou a reforma da escola, aí foi muito ruim porque a gente passou praticamente o ano de 2018 e 2019 inteiros sem ter nada no Núcleo, porque a escola estava em reforma e a maioria das salas de aula do Núcleo estavam sendo usadas como sala de aula (ANAHÍ. Informação verbal).

A dispensa da equipe antiga, a grande rotatividade e carência de profissionais do Núcleo de Artes, segundo a professora, acometeu a quebra do efeito da educação patrimonial recebida pelos alunos nessa escola, pois para ela, todo o arcabouço recebido pelos antigos oficinairos se perdeu, muitas formações que a equipe antiga recebeu na área da educação patrimonial, museologia, arquivologia, e conhecimentos adquiridos em cursos oferecidos por instituições como o Museu Emílio Goeldi e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, foram perdidos com a saída da equipe antiga e não pode ser recuperado mais.

Mesmo que outros profissionais recebam formação, cursos e sejam capacitados pela prefeitura municipal ou qualquer outra instituição, para trabalhar com a arte ceramista e as questões patrimoniais ligadas a essa arte, esse conhecimento também será desperdiçado, a equipe ficará apenas dois anos trabalhando na escola

¹⁹ Entrevista concedida por ANAHÍ. **Entrevista 6** [dez. 2021]. Entrevistador: Cláudia Marcia Dias Silva. Belém, 2021. 1 arquivo .mp3 (28 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

e depois será dispensada, já que são contratados por um período de dois apenas (Excerto 12).

Excerto 12

Foi uma falha na fundação da escola, foi não ter deixado estruturado [uma legislação que desse estabilidade aos oficineiros em suas funções] de fato a situação dos profissionais que vão trabalhar no Núcleo. [...] não tiveram em momento algum, preocupação de dar uma segurança para essa equipe de funcionários. [...] essa equipe que estava aqui, que estava trabalhando aqui, passou por várias formações de reciclagens, de aperfeiçoamento, que eram específicas para o contexto da escola e da comunidade. Então esse conhecimento não tem como ser replicado, não tem como ser repetido para os funcionários que vierem depois. E quando os novos funcionários começam a entender a proposta da escola eles também são perdidos, pois vão embora ao final do contrato deles (ANAHÍ. Informação verbal).

Anahí reclama que as demandas da escola e da Secretaria de Educação também prejudicavam muito o andamento dos projetos desenvolvidos interdisciplinarmente no Núcleo, pois era recorrente que as oficinas do Núcleo servissem para “tapar buraco” das aulas vagas da Escola. Faltava professor, os alunos estavam sem aula, eram enviados para as aulas no Núcleo para não ficarem dispersos na escola e o andamento dos projetos era interrompido (Excerto 13).

Excerto 13

Então acaba caindo numa função muito utilitarista das oficinas. Durante muito tempo, nesses quatro anos, já houve vários períodos que as oficinas serviram só para preencher horário, os alunos estavam com horários vagos, estavam sem aula, e às vezes era prejudicado a realização dos projetos do Núcleo (ANAHÍ. Informação verbal).

O relato da professora é muito importante para o nosso trabalho, não é uma mera opinião, é uma análise completa sobre as dificuldades da implementação da educação patrimonial na escola. A professora, ao longo dos nove anos que trabalha diretamente com os oficineiros do Núcleo, pode nos dar um panorama dos principais problemas do funcionamento desse espaço do Liceu.

Mesmo sendo a missão da escola, segundo o PP, basear a educação na realidade do aluno e considerar o contexto em que este aluno está inserido, isso é abandonado, pois os projetos que envolveriam essa realidade, esse contexto muito peculiar, não são direcionados para esse propósito: o de utilizar os saberes prévios nas aulas do currículo formal.

Nesse momento os alunos que poderiam estar desenvolvendo sua consciência histórica, estão apenas sentados em sala de aula, ouvindo o repasse de conteúdo do currículo formal e frequentando as aulas no Núcleo de Artes, sem entenderem o

significado das mesmas, apenas lidando com a argila, ou produzindo desenhos sem significados para as suas vidas.

Os projetos passaram a ser elaborados tão somente para envolver os alunos na reprodução das peças de argila, o professor trabalha o conteúdo em sala de aula e passa pro oficinairo a missão de fazer com que os alunos produzam peças de cerâmica sem ressignificação, levando o aluno a não entender a relação desses saberes com o conhecimento dito formal. Em nada esse tipo de projeto colabora no fortalecimento da identidade da comunidade do Paracuri, pois não consegue levar o aluno a perceber o quanto a produção ceramista é importante para a comunidade, fazendo com que esse conhecimento prévio seja preterido pelo aluno e o fazendo abandonar as oficinas realizadas no Núcleo de Arte, “gazetando as aulas”.

Acreditamos que é possível resgatar essa proposta inicial do currículo do Liceu que é trabalhar questões patrimoniais, correlacionadas ao cotidiano do aluno, nas aulas do ensino de história. Lembrando que é papel do ensino de história, ajudar na formação de cidadãos conscientes de sua realidade que consigam debater tanto o passado quanto o presente. Partindo desse princípio, convidando os professores de história da escola, no total de três, para participarem de nossa formação continuada.

Dois desses professores fazem parte, já há alguns anos, do quadro de docentes da escola. Mesmo já habituados a ideia de educação patrimonial, pouco fizeram para trabalhar a atividade ceramista e os relatos de memória da produção de cerâmica no Paracuri no ensino de história. Essa situação foi percebida logo no início de nossa formação continuada, que aconteceu através de rodas de conversas realizadas de forma virtual, via *Google meet*. Havia, entre eles, uma preocupação em não interromper as aulas e o repasse do conteúdo em detrimento da aplicação do projeto.

Na verdade, os primeiros contatos com os professores de história, as primeiras conversas e intervenções foram feitos ainda em 2019, antes de iniciar o cenário de pandemia do SARS-CoV-2 que assolou o mundo todo em 2020 e permanece até os dias de hoje contaminando e aterrorizando a população mundial.

Em 2019 o ensino fundamental II funcionava em dois turnos, manhã e tarde, sendo que em 2020, com a adesão da escola ao projeto cívico militar do governo federal passou a se concentrar no turno da tarde.

Para efeito de informação, através do Decreto 10.004, de 5 de setembro de 2019 foram criadas as instituições do modelo de escolas cívico-militares. Foi uma

iniciativa do Ministério de Educação em parceria como Ministério da defesa, no governo do presidente Bolsonaro.

O modelo a ser implementado pelo Ministério da Educação tem o objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas e se baseia no alto nível dos colégios militares do Exército, das Polícias e dos Corpos de Bombeiros Militares.

Os militares atuarão no apoio à gestão escolar e à gestão educacional, enquanto professores e demais profissionais da educação continuarão responsáveis pelo trabalho didático-pedagógico

Participarão da iniciativa militares da reserva das Forças Armadas, que serão chamados pelo Ministério da Defesa. Policiais e Bombeiros militares poderão atuar, caso seja assim definido pelos governos estaduais e do Distrito Federal²⁰.

O Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso passou a ser chamado de Liceu Escola Cívico Militar Mestre Raimundo Cardoso, o que não foi bem aceito pela comunidade escolar que permaneceu a chamar a escola pelo antigo nome. A implantação desse projeto de escola no Liceu foi rápida, pegando de surpresa a comunidade do Paracuri. A secretaria de educação alegou que como escola cívico militar os alunos do Liceu Escola ficariam mais seguros, que a presença dos militares na escola acabaria com pequenos furtos que estavam acontecendo no entorno da escola.

Em uma reunião, ao final de 2019, os servidores da escola foram comunicados sobre essa mudança que a escola sofreria, 40% dos professores perderam carga horária, tiveram que procurar em outras unidades escolares a complementação, dezenas de professores contratados foram chamados para suprir a carência nos turnos, o que parece contraditório, mas com a concentração de 23 turmas em um único horário, os professores que não puderam acompanhar suas turmas no novo horário tiveram que sair da escola.

Foram enviados doze monitores a escola, antigos militares da marinha e aeronáutica, cuja maior função era levar os alunos do portão de entrada as salas de aula e das salas de aulas ao portão novamente, na hora da entrada e saída dos alunos. E também levá-los e trazê-los ao/do refeitório no horário do lanche, em fila. Não houve nenhuma alteração no currículo da escola, ou implantação de oficinas no contra turno, ou mesmo no turno, o que foi prometido a comunidade na reunião de aprovação do projeto para a escola.

²⁰ Disponível em: <https://escolacivicomilitar.mec.gov.br/18-o-programa>. Acesso em: 25 abr. 2022.

Os militares agiam como inspetores de corredor, fazendo com que os alunos não ficassem andando fora da sala, mesmo não estando em horário de aula. A mudança mais visível neste momento foi a não contratação de oficinairos para o Núcleo de Artes que foram sendo dispensados à medida que seus contratos foram finalizando, nenhum oficinairo foi recontratado nesse período, o Núcleo de Artes parecia fadado a encerrar suas atividades.

Com a concentração do ensino fundamental II no turno da tarde, exigência do programa, criou-se a necessidade de ter um outro profissional de história para abarcar a carga horária excedente na escola, provocada por essa concentração de turmas em um único turno. As conversas com esse professor contratado foram posteriores a dos outros dois, que já trabalhavam na escola a mais tempo, já haviam participado de formações relacionadas à história da arte ceramista em Icoaraci, já haviam pensado e executado projetos interdisciplinares ligados à educação patrimonial na escola.

Os professores efetivos, conhecem a história da cerâmica no Paracuri, e tinham uma ideia sobre a proposta da escola em trabalhar a arte ceramista através do Núcleo de Artes, não acreditavam no sucesso do projeto devido a forma como o Núcleo era usado nos últimos anos, a utilitarista. Apesar dessa descrença não se opuseram em participar da formação continuada.

Compartilhamos os vídeos dos relatos da história da cerâmica do Paracuri e sobre a história da fundação do Liceu Escola, via WhatsApp, com esses professores na tentativa de uma sensibilização para o engajamento dos mesmos em nosso projeto. Percebemos uma certa resistência por parte deles em participar de mais um projeto ligado ao tema da cerâmica no Paracuri que “não daria certo”, que “não alcançaria os alunos”.

Em agosto de 2021 o professor de história contratado através do PSS, pediu demissão e se desligou da Secretaria Municipal de Educação antes de aplicarmos os conhecimentos adquiridos e compartilhados em nossa Formação. As rodas de conversas continuaram, agora com apenas os dois professores de história efetivos. Nesse segundo momento passamos a conversar sobre os diversos conceitos de patrimônio e quais conceitos eram utilizados no Liceu do Paracuri.

Um dos professores fala da precariedade de debates a respeito dos conceitos de patrimônio na escola, da falta de conhecimento dos alunos desses conceitos e da eleição do conceito de patrimônio ligado à propriedade como sendo o único usado e compreendido pelos alunos da Escola.

Quando conversamos com os professores de história se compreendem os diversos conceitos de patrimônio e quais os mais ligados a arte ceramista do Paracuri, eles afirmam que sim, que conhecem os conceitos de patrimônio, mas que não utilizam em seus projetos, não abordam temas relacionados a educação patrimonial e nem da arte ceramista em suas aulas.

Perguntamos do porquê de não trabalharem em suas aulas a educação patrimonial proposta no PP da escola eles sempre alegam que não tem acesso aos oficinairos do Núcleo, que não conseguem parcerias com eles, formulam projetos pensando em trabalhar com determinados oficinairos, mas sempre esses oficinairos estão ocupados em outros projetos, dando aulas, que estão sempre “lotados” de trabalho e nunca estão disponíveis. Discutimos alguns textos básicos a respeito de patrimônio, como *O Que É Patrimônio Cultural Imaterial*.

Após o retorno dos professores da rede municipal as escolas em agosto de 2021, após meses de aulas online, em um cenário pandêmico, os professores de história envolvidos na Formação, nos apresentaram seus projetos de intervenção utilizando a metodologia da educação patrimonial no Ensino de história. Esses projetos foram analisados em conjunto e reelaborados de forma a contemplar a proposta contida em nosso trabalho.

Abandonando a ideia inicial de trabalharmos apenas com sextos anos, os projetos foram aplicados em um sexto ano com 40 alunos matriculados e em um oitavo ano, com 35 alunos matriculados. Nesse momento nossas aulas estavam ocorrendo em salas de aulas virtuais, utilizamos as ferramentas do *WhatsApp*, aplicativo muito usado entre os alunos por oferecer franquias livres de dados de internet, e o *Google Meet* quando se fazia necessário um debate virtual entre os alunos e professores. O *Google Meet* bem menos que o *WhatsApp*, devido ao uso limitado de internet por parte dos alunos. Muitos alunos não têm como acessar aplicativos como o *Youtube* e o *Google Meet*, devido a impossibilidades financeiras, já que esses aplicativos demandam pagamentos extras quando usados.

Também decidimos por não utilizar os oficinairos nesse projeto, pois não havia nenhum contratado no momento da aplicação dessa nova fase de nosso trabalho. O Núcleo de Artes não dispunha de oficinairos, o contrato só ocorreu em outubro de 2021. Decidimos que cada professor trabalharia de forma transversal o tema patrimônio e elaborariam, através dos conhecimentos adquiridos, uma atividade cujo objetivo era de entender como o conhecimento foi absorvido pelos alunos

É claro que estávamos pretendendo testar os efeitos que os principais pontos abordados na formação tiveram, tanto nos professores e nas suas práticas, quanto nos alunos. A utilização da educação patrimonial e a arte ceramista do Paracuri nas aulas de história foram testados. Vejamos como ocorreu essa aplicação.

Como convencer os professores efetivos a elaborarem projetos utilizando a metodologia da educação patrimonial no ensino de história? Como fazer com que esses professores disponibilizassem um tempo e elaborassem projetos de acordo com os conteúdos ministrados, em diferentes anos do Ensino Fundamental, utilizando conceitos e atividades ligadas à questão patrimonial, em suas práticas, nas aulas de história do Liceu Escola? Resolvemos iniciar nossa Formação Continuada.

Precisávamos entender quais eram as dificuldades dos professores em elaborar aulas que envolviam a metodologia da educação patrimonial. Perguntei se haviam feito alguma vez projetos semelhantes e a resposta foi que sim, que já haviam feito. Perguntei ainda se o projeto não havia alcançado o objetivo proposto e soubemos através de um dos professores que ele havia formulado, em 2013, um projeto de acordo com a proposta original da escola. Esse projeto seria usado nas aulas de turmas de sextos anos. Abaixo faremos uma rápida análise desse projeto.

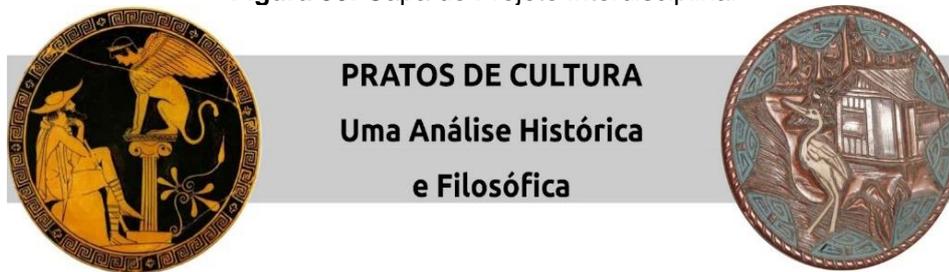
3.2.1 “Pratos de Cultura”: um projeto interdisciplinar, engavetado²¹

Antes de analisarmos as experiências de ensino de história aplicados pelos professores do Liceu Escola, resultante de nossa formação continuada, vamos analisar esse antigo projeto interdisciplinar que era baseado na proposta original contida no primeiro PP da escola e em seus regimentos internos, regimentos esses que também desapareceram e cuja existência é citada em outros documentos da escola, tipo atas de reuniões e ocorrências.

O projeto interdisciplinar, “Pratos de Cultura: uma análise histórica e filosófica”, contava com a corroboração das disciplinas História, Filosofia, Torno, Decoração e Educação Patrimonial. O projeto (Figura 30), como já citamos, tinha como público alvo o 1º ano do Ciclo de Formação III: os sextos anos.

²¹ Projeto elaborado em 2012 por um grupo de professores da escola, para ser usado de forma interdisciplinar, seguindo as propostas do PP do Liceu Escola, onde os saberes do cotidiano dos alunos estariam sendo cruzados de forma transversal com os saberes sistematizados da Base Nacional

Figura 30: Capa do Projeto Interdisciplinar



Fonte: SOUZA, 2013, p.2.

Esse projeto fazia um paralelo entre a arte ceramista da Grécia antiga e a arte ceramista de Icoaraci. A ideia era registrar as lendas amazônicas que permeiam o imaginário da população local em pratos de cerâmicas produzidos pelos próprios alunos nas oficinas do Núcleo na escola.

Assim como os mitos gregos e feitos heroicos eram registrados nas diversas peças de cerâmicas na Grécia Antiga, os alunos registrariam lendas e mitos amazônicos em pratos de cerâmicas, ornamentados com grafismo marajoaras nas oficinas de Torno e Decoração de Argila no Núcleo de Artes. Os professores também pretendiam fazer um paralelo com a arte ceramista das sociedades da pré-história da Amazônia, buscando o significado dessas peças de cerâmica e a influência que essas sociedades exercem ainda hoje no cotidiano da população na Amazônia. Tinha como Objetivo Geral,

Proporcionar aos alunos uma reflexão sobre os valores inculcados nos mitos e lendas que sobreviveram ao tempo e ainda se fazem presentes em nossa realidade, quer seja através de relatos orais ou de relatos escritos, considerando os aspectos históricos das sociedades que os criaram (SOUZA, 2013, p.3).

O objetivo geral deste projeto, como vemos, não está relacionado diretamente ao Ensino de História e a formação da consciência histórica do alunado; nem à prática da Educação Patrimonial, base do currículo do Liceu.

Os objetivos específicos mostram o direcionamento que o trabalho seguiria durante todo o ano de 2013, já que os projetos interdisciplinares, como analisamos na primeira seção, foram elaborados para serem executados durante todo o ano letivo, culminando com um possível produto que seria apresentado na Mostra Cultural promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Belém em uma data pré-estabelecida no calendário anual distribuída pelo governo municipal a todas as escolas da rede.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Trabalhar o conceito de arte;
- Conhecer a realidade histórica das sociedades que produziram as peças de cerâmicas;
- Perceber que as peças de cerâmica produzidas na antiguidade clássica variavam em tamanho e forma de acordo com sua função;
- Identificar no grafismo aplicado à cerâmica a existência de técnicas variadas;
- Refletir sobre o que era considerado importante para as sociedades clássicas já extintas e como isso foi representado na cerâmica;
- Realizar pesquisas em grupo, propiciando a partilha do conhecimento.
- Utilizar a tecnologia disponível hoje (internet, máquina digital, filmadoras, sites de relacionamento...) como ferramenta de pesquisa;
- Levar os alunos a grafar peças de cerâmica (pratos) com cenas mitológicas gregas e lendas amazônicas;
- Trabalhar a educação patrimonial, uma vez que os alunos serão diretamente responsáveis pelo material que utilizarão e produzirão (SOUZA, 2013, p.2).

“Trabalhar”, “conhecer”, “perceber”, “refletir”, os verbos utilizados no projeto nunca levariam os alunos a “analisar” o seu cotidiano ou o seu entorno, os objetivos do projeto sempre levavam o aluno a apenas refletir sobre os fatos históricos e o passado das sociedades que produziram tal cerâmica, não havia uma relação com o presente do aluno, com a vida do aluno.

O projeto deixou de dar significado a seu propósito, mesmo contendo conteúdos relacionados ao ensino de história, e no objetivo geral destacar a importância da compreensão do hoje, o projeto e seus objetivos específicos não direcionaram esse aprendizado a formação da consciência histórica desses alunos que seriam os agentes executores de tal projeto.

No último objetivo do “Pratos de Cultura”, que seria trabalhado pela disciplina Educação Patrimonial, ficou claro que o conceito de patrimônio que seria trabalhado, seria de “bens materiais”, pois os “alunos serão diretamente responsáveis pelo material que utilizarão e produzirão”, ou seja, os alunos teriam que cuidar e zelar por todo material (bens) utilizados no projeto, fossem eles da escola ou desses próprios alunos.

Na Metodologia do projeto é especificado qual contribuição cada disciplina acrescentará à formação dos alunos envolvidos no trabalho. Primeiro a contribuição da disciplina de História.

METODOLOGIA

[..]

No tocante à História serão apresentadas as peças produzidas por sociedades antigas (clássicas e amazônicas), cujo significado será apresentado junto com informações históricas relativas à data de descoberta e produção das peças, a fim de se ter noção da diversidade do artesanato e do grafismo utilizado (SOUZA, 2013, p. 3).

A disciplina se incumbirá de “informar” a procedência das diferentes peças de cerâmica das sociedades estudadas, mostrando qual o significado de cada uma nos contextos históricos estudados; mais uma vez fica claro que a disciplina não relaciona o Ensino de História ao cotidiano do aluno, em nenhum momento fica explícito que a preocupação da disciplina é a formação da consciência histórica dos alunos, não se preocupa em dar significado às aulas de história e a usar o cotidiano desses alunos, usar o saber prévio que esses alunos carregam para um melhor entendimento sobre as possibilidades de vida dos alunos.

A disciplina Filosofia ficou com o processo de reflexão, sobre as atitudes e problemas da existência humana. Abaixo temos a função das disciplinas da área diversificada do currículo do Liceu, no projeto “Pratos de Cultura”, a tarefa dessas duas disciplinas seria apenas de confecção das peças de cerâmica, “os pratos”.

As áreas responsáveis pelo Torno e Grafismo (não mais Decoração) serão de suma importância, pois propiciarão a execução de tudo o que for discutido e apresentado a respeito da arte ceramista, etapa em que serão confeccionados e grafados em pratos de cerâmica os mitos/lendas considerados mais significativos (SOUZA, 2013, p. 3).

As disciplinas “Torno” e “Grafismo” executariam em conjunto a confecção desses pratos; para que fique claro a disciplina “Torno” (Figura 31) normalmente é oferecida a alunos do ciclo IV, alunos de 5º e 9º ano (LICEU, 2019) e consiste na habilidade em manipular a cerâmica em um torno, às vezes manual, às vezes elétrico, com a finalidade de construir peças de cerâmica como, vasos, tigelas, pratos, esculturas e tantos outros objetos de argila;

Figura 31: Tornos manuais e elétricos do Núcleo de Artes do Liceu



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Mestre Rosemiro, na época, era um dos artesãos que trabalharia na confecção dos pratos de cerâmica (Figura 32).

Figura 32: Mestre Rosemiro confeccionando pratos de cerâmica



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O trabalho da disciplina “Grafismo”, seria o de imputar desenhos às estruturas das peças construídas no torno (LICEU, 2019, p.21), fossem eles com traçados utilizados pelos ceramistas no Paracuri, ou até mesmo traçados livres, inventados pelos próprios alunos. No projeto “Pratos de Cultura” o que seria desenhado, apesar de estarem ligados a lendas e mitos da Amazônia, seria de livre escolha dos alunos. A função dessa disciplina no projeto era de embelezar os pratos.

E por fim, o componente curricular “Educação Patrimonial” contribuirá no sentido de conscientização dos alunos quanto à preservação daquilo que constitui uma herança cultural, estando presente em todas as partes do projeto (SOUZA, 2013, p.4).

No projeto está registrada a intervenção da disciplina Educação Patrimonial, mas não está explícito como essa disciplina atuaria de fato nessa “conscientização dos alunos quanto à preservação da chamada herança cultural”, apenas indica que ela estará presente em todas as etapas do projeto.

O conteúdo trabalhado no projeto era integralmente um “conteúdo histórico”: Grécia, Atenas, Povos Nativos da América, Sociedades Indígenas do Marajó e Tapajós. O projeto teria sua “culminância” na Mostra Cultural da escola, onde os pratos de cerâmica confeccionados pelos alunos, seriam explicados pelos alunos dentro de uma perspectiva histórica e filosófica.

O projeto nunca foi executado, pois os professores da Base Nacional Comum, História e Filosofia, não conseguiram articular com os oficinairos para que as turmas fossem atendidas. Não havia mais horários disponíveis no Núcleo de Artes para atender as turmas do projeto, isso fez com que o professor de história desistisse de elaborar e executar novos projetos visto a escassez de oficinairos que estavam sempre ocupados com outras turmas e com as demandas da escola e eventos externos.

Apesar de termos pensado na reelaboração do projeto para a aplicação em nosso trabalho não foi possível utilizá-lo pois estávamos vivendo outra realidade em

nossa escola: aulas virtuais, alunos e professores distantes e encerrados em suas casas, Núcleo de Artes sem oficinairos, escola sem verba para compra de materiais relacionadas as oficinas. Estávamos vivendo uma pandemia.

3.2.2 Uma experiência de Ensino de História e o uso da Educação Patrimonial

Inicialmente pensamos em elaborar uma experiência aos moldes do projeto “Pratos de Cultura”, de 2013, ou utilizá-lo em parte, pois era modelo da antiga proposta de trabalho da parte diversificada do currículo do Liceu Escola. Antes da pandemia havíamos convidado professores de outras disciplinas para elaborarem em conjunto com os professores de história um trabalho interdisciplinar: Arte, Geografia e Ciências. Infelizmente a ideia não foi concretizada, como já citamos em vários momentos do nosso trabalho, pois iniciou a pandemia no Brasil e as aulas presenciais foram suspensas.

No impedimento de elaborar e executar um projeto interdisciplinar, trabalhamos apenas o ensino de história utilizando de forma transversal o tema patrimônio. Abaixo elaboramos uma tabela para que possamos compreender as dinâmicas e objetivos traçados pelos professores de história, após a Formação Continuada (Figura 33).

Figura 33: Organização das aulas a partir da Formação Continuada

RESPONSÁVEL	Professor José	Professor Solano
TURMAS	6º ano	8º ano
CONTEÚDO	O Egito Antigo	Revolução Francesa
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar o entendimento da história através das experiências de vida do aluno. - Compreender os diversos conceitos de patrimônio e o que seria um “local de procedência”. - Utilizar as atividades desenvolvidas pelos alunos sobre a cerâmica do Paracuri relacionando-as a história do Egito Antigo. - Fazer com que o aluno perceba a peculiaridade da comunidade em que está vivendo relacionadas a sua identidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar o entendimento da história através das experiências de vida do aluno. - Compreender os diversos conceitos de Patrimônio dando ênfase ao de patrimônio imaterial. - Contribuir para o entendimento da história da comunidade o qual esses alunos estão inseridos. - Perceber que quem determina “o que é patrimônio” são os grupos dominantes e que a memória é selecionada para fortalecer essa escolha.

(continua)

RESPONSÁVEL	Professor José	Professor Solano
TURMAS	6º ano	8º ano
CONTEÚDO	O Egito Antigo	Revolução Francesa
METODOLOGIA	<ul style="list-style-type: none">- Socialização de um vídeo que resume vários conceitos a respeito de patrimônio- Análise de textos resultantes dos relatos orais fornecidos, através de entrevistas, pelos artesãos locais.- Diálogos sobre o que seria um “lugar de procedência”.- Por intermédio do estudo da “lei do frontalidade” egípcia mostrar ao aluno que cada sociedade/comunidade tem suas características, traços marcantes de suas identidades.	<ul style="list-style-type: none">- Socialização de um vídeo que resume vários conceitos a respeito de patrimônio- Análise de textos resultantes dos relatos orais fornecidos, através de entrevistas, pelos artesãos locais.- Análise da transformação de alguns símbolos da Revolução Francesa, em patrimônio imaterial da França.- Debate sobre a construção da identidade francesa republicana em torno dos símbolos da Revolução.
ATIVIDADES	<ul style="list-style-type: none">- Escolha de objetos/locais que seriam, para os alunos, peculiares a Icoaraci.- Debater sobre o “lugar de procedência” da cerâmica do Paracuri e fazer um paralelo com a arte egípcia, mostrando o quanto essas artes, têm características próprias e identificam o lugar do qual são originárias.	<ul style="list-style-type: none">- Escolha e desenho de locais que representem a identidade de Icoaraci.- Debate sobre: patrimônio e formação de identidade do povo francês pós Revolução Francesa.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2022).

Ao ser elaborada, a Formação Continuada tinha um claro propósito: fazer com que os professores de História voltassem a utilizar os conceitos de patrimônio e a metodologia da educação patrimonial em suas aulas. A ideia era partir do estudo de um meio, através de um olhar mais direcionado do aluno para o Paracuri, retornando com essa análise inicial para sala de aula e trabalhar os conteúdos de história.

Como citamos, os professores haviam abandonado essa proposta de trabalho por não haver um número suficiente de oficinairos que atendessem aos projetos interdisciplinares, pois acreditavam que só quem poderia trabalhar fatos relacionados a arte ceramista eram os professores do Núcleo de Arte, os chamados “oficineiros”.

Além disso os professores acreditavam que ao trabalhar sobre o prisma da Educação Patrimonial as aulas de história seriam “atrapalhadas” e não teriam como concluir os conteúdos estabelecidos pela BNCC (BRASIL, 2018) para as turmas que participassem da Formação.

Trabalhar a história do Paracuri e de Icoaraci, criando vínculos com a história e a memória destes, não é perda de tempo, pelo contrário, trabalhar a história local, através dos relatos orais e de memória levará nossos alunos a analisar também os problemas do presente, os problemas da comunidade a qual eles estão inseridos, se percebendo dentro desses problemas e situações como cidadãos que podem transformar a realidade em que vivem e que a História, de forma geral, é feita não só por heróis e autoridades políticas.

A história que envolve a produção ceramista no Paracuri e em Icoaraci, abre um leque de opções para se trabalhar o ensino de História no Liceu.

O importante é saber explorar historicamente qualquer “lugar”, fazer um direcionamento do “olhar” do aluno, levando-o a entender o que são *fontes históricas* não escritas: as construções, os telhados das casas, o planejamento urbano, as plantações, os instrumentos de trabalho, as informações obtidas pela memória oral de pessoas comuns [...] é fundamental identificar os documentos com que os alunos se defrontam no estudo do meio e quais outros documentos são possíveis de ser produzidos no decorrer da atividade (registro de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos ou ilustrações de aspectos que chamaram mais atenção, jornais e cópias de documentos de arquivos locais (BITTENCOURT, 2018, p. 232-233).

Icoaraci, a área do Paracuri é uma área riquíssima em fontes históricas não escritas tangíveis aos alunos do Liceu, que poderiam ser utilizadas em diversos momentos nas aulas de História, o que não seria nenhuma perda de tempo. Esses professores deixaram de lado em suas aulas a história do próprio aluno, não conectando-os a história do seu cotidiano.

Após vencer a resistência dos professores, o trabalho foi iniciado utilizando o vídeo com os vários conceitos de patrimônio e a utilização dos relatos orais fornecidos pelos artesãos do Paracuri envolvidos no trabalho. O objetivo deste momento era fazer os alunos entenderem: o que é patrimônio, os diferentes conceitos de patrimônio e de como a cerâmica de Icoaraci com seu traçado singular (os riscos grossos que imitavam o grafismo marajoara) era potencialmente qualificada para se tornar patrimônio do município de Belém e quem sabe do Estado do Pará. Tudo isso contribuiria para o fortalecimento da identidade do aluno de Icoaraci e da percepção da realidade em que este aluno está inserido.

É importante que destacar que nesse momento a escola estava atendendo aos alunos de forma online, as aulas funcionavam via aplicativo de mensagens, *WhatsApp* ou através de vídeos chamadas realizadas via *Google Meet*. Dos trinta e cinco alunos matriculados na turma de oitavo ano, cerca de dezesseis alunos participavam

continuamente das aulas, ou seja 45% da turma; sete alunos participavam de forma esporádica, às vezes entravam nas salas online, as vezes não; o restante ficava silenciado, mesmo recebendo as notificações, não participavam das aulas e nem enviavam atividades.

A participação das turmas de sextos anos nas aulas online de uma forma geral era boa. Dos quarenta alunos matriculados, cerca de vinte e cinco alunos participaram com frequência das aulas online, inclusive enviando atividades. Cinco alunos entravam ocasionalmente e o restante nunca participou dessas aulas. Alguns pais entravam ocasionalmente na sala virtual e alegavam que os filhos não tinham acesso à internet, alguns relataram que os filhos não tinham um aparelho exclusivo para assistirem as aulas e que muitos utilizavam ou a internet do vizinho, ou o único aparelho da família.

Enfrentando as dificuldades socioeconômicas dos alunos iniciamos com essas turmas nosso intento, utilizar a metodologia da Educação Patrimonial no Ensino de História. Os professores selecionaram o conteúdo, e através de conversas fomos explicando e os professores foram entendendo de como trabalhar a educação patrimonial sem os oficinairos do Núcleo e sem argila, pois as culminâncias dos projetos no Liceu sempre se davam exibindo produtos fabricados de argila.

Através da exibição de um vídeo simples sobre conceitos de patrimônio, produzido por nós, para ser utilizado no produto final desse trabalho. O objetivo de utilizar esse vídeo, postado no dia 6 de dezembro de 2021 nas salas de aula virtuais de História, era mostrar por meio de uma animação simples alguns conceitos de patrimônio que se diferenciavam daqueles usualmente usados na escola, ligados a patrimônio como bem recebido por herança e patrimônio histórico. A ideia era fazer com que nosso alunado percebesse que haviam outros conceitos de patrimônio e dar destaque para o patrimônio imaterial, principalmente para o “saber fazer”, pois as atividades do Núcleo de Arte estavam estreitamente ligadas a esse tipo de patrimônio.

Devido à falta de recursos, da maioria dos alunos resolvemos produzir um texto com os relatos sobre a produção de cerâmica no Paracuri, no formato PDF (*Portable Document Format*)²² e compartilhamos com os alunos. Os alunos sempre alegavam

²² O *Portable Document Format* é um formato de arquivo criado pela empresa *Adobe Systems* para que qualquer documento seja visualizado, independente de qual tenha sido o programa que o originou. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pdf/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

que esse formato de documento era bem mais fácil de "abrir" no WhatsApp, o que popularizou seu uso nas aulas online.

A ideia era que eles se inteirassem sobre a gênese da produção ceramista e percebessem o quanto a escola e eles mesmos estavam inseridos nessa história, o quanto a produção de cerâmica era importante para os moradores da área do Paracuri

[...] desenvolver discussões da macro história a partir de uma realidade mais próxima à vivência dos alunos, levando em consideração os conhecimentos prévios destes, pode estabelecer maior identificação e interesse pelo conhecimento histórico entre os/as discentes (CARDOSO, 2020, p.83).

Ensinar noções de patrimônio usando os conceitos que o aluno carrega consigo, fazer o aluno perceber a fabricação dos sentidos da tradição oral que envolve a comunidade onde mora, além de entender como ocorre as escolhas das memórias que elegem os símbolos e patrimônios de cada comunidade, incluindo a sua, era o objetivo da tarefa.

Sendo cumprido essa etapa, pedimos aos professores de História que formulassem uma atividade para que fosse avaliado o grau de entendimento dos alunos acerca dos conceitos estudados e o quanto eles perceberam a importância da cerâmica para o Paracuri. Todos os dois elaboraram atividades que buscavam analisar o quanto os alunos se identificavam com a cultura ceramista de Icoaraci.

A maioria absoluta desses alunos convive diariamente com a simbologia da arte ceramista, veem as peças de cerâmica diariamente, além também de conhecer e conviver com o grafismo dessa arte, assistiram ao vídeo e leram sobre a história dessa arte e o envolvimento do Liceu Escola nessa cultura ceramista.

Cerca de 80% dos alunos envolvidos identificaram a cultura ceramista como um dos maiores traços de identidade do Distrito de Icoaraci. Nos sextos anos, cuja atividade estava relacionada aos "lugares de procedência" foram enviados dois desenhos que mostravam locais e objetos que para o aluno, identificariam Icoaraci e sua cultura em qualquer lugar.

Nos oitavos anos, a pedida foi para que os alunos enviassem desenhos que estivessem relacionados a identidade de Icoaraci. A cruz do cruzeiro localizada na orla do Distrito e imagens de cerâmicas e olarias, foram os desenhos mais enviados (Figura 34).

Figura 34: Desenhos feitos pelos alunos



Fonte: arquivo pessoal (2021).

A maioria dos alunos postaram entre seus desenhos a arte ceramista, ou aspectos ligados a ela, como um dos símbolos de Icoaraci. Os desenhos mostram, ora, uma grande cruz localizada na orla do Distrito e que dá o nome ao bairro central de Icoaraci, o bairro do Cruzeiro; ora desenhos de cerâmicas e olarias produzidas no Distrito de Icoaraci.

Fazer com que o professor leve o aluno à análise de seu espaço e sua história era o objetivo deste momento em nosso trabalho. Ao fazer o aluno olhar em volta e apontar, não só os pontos centrais do Distrito como praças e igrejas, mas também algo em sua área, que é uma área periférica e historicamente desvalorizada, como parte fundamental da cultura em Icoaraci, é indício de que houve uma certa valorização dessa cultura por parte dos alunos, ou pelo menos nosso aluno entendeu que a cultura ceramista é importante para o Distrito de Icoaraci.

O passo seguinte foi fazer com que os professores utilizassem as noções de patrimônio, as conversas sobre identidade e locais de procedência nas aulas de história. Ressaltamos que as aulas online duravam em média uma hora e trinta minutos, e ocorriam a cada 21 dias e este trabalho foi realizado em quatro aulas de história, com um intervalo de 21 dias das duas primeiras aulas para as duas últimas. Os conceitos foram utilizados, dando destaque para questões relacionados à identidade.

Como maior resultado de nosso trabalho ficou a iniciação desses professores no uso da metodologia da educação patrimonial no Ensino de História. Ficou a indicação da apropriação dos saberes prévios dos alunos para um melhor entendimento dos conteúdos da disciplina História, como forma de facilitar o entendimento destes.

Esse trabalho foi um trabalho inicial, que poderá ter continuidade nos próximos anos, visto que a nova administração do município já decidiu revigorar o Liceu Escola

e seu Núcleo de Artes. Até final do ano de 2021, já haviam chegado oito oficinairos para ocuparem as vagas ociosas desde 2019, e no início de 2022, segundo nos informou a Coordenação do Núcleo, chegará mais quatro oficinairos, totalizando doze oficinairos, o mesmo número do ano de 2012.

A ideia e o apoio, por parte da direção da escola e coordenação do núcleo, de continuarmos com essa Formação, que não por um acaso é uma Formação Continuada, nos faz pensar em expor o uso da metodologia da educação patrimonial no ensino de História para outros professores do Liceu, e quem sabe assim, esses professores voltem a ensinar baseados na proposta original do currículo do Liceu.

Nosso próximo passo é mostrar como montamos o Produto de nosso trabalho, que resulta na criação de um canal no *YouTube*, com vídeos de informações e relatos que mostram alguns conceitos de patrimônio, os registros de memória e dos relatos da história da fundação do Distrito de Icoaraci. Em nosso canal também estão publicados vídeos com relatos da fundação do Liceu Escola e da primeira experiência dos atuais professores de História do Liceu utilizando a metodologia da Educação Patrimonial em suas aulas.

Na próxima seção, explicaremos a relevância desse material não só para as aulas de história, mas também para toda a comunidade do Liceu e de Icoaraci.

4 Um *Insight* no Liceu: o Canal da História, Memória e Educação Patrimonial no Paracuri

Ao realizarmos nossa Formação Continuada esbarramos em várias dificuldades: não tínhamos documentos que nos mostrassem qual era a proposta pedagógica original do Liceu; apenas os antigos professores tinham noção do que se tratava essa proposta original e mesmo assim não a trabalhavam; os professores não entendiam como conectar os conceitos de patrimônio, a história da comunidade às aulas das diversas disciplinas da base nacional comum. Isso dificultava a abordagem da educação patrimonial e o uso da história da comunidade do Paracuri, que é a história dos alunos do Liceu, nos projetos da escola, inviabilizando a proposta original do currículo do Liceu e sua missão.

No PP do Liceu destaca que essa missão era a de aliar o “saber difuso a um saber científico” que levasse o aluno a interferir na própria realidade, tornando-o participativo na sociedade (LICEU, 2019, p. 13). Se essa missão fosse realmente trabalhada, diariamente os alunos do Liceu teriam em suas aulas do “saber científico”, a utilização do “saber difuso” que para nós é o saber de seu dia a dia, o saber de seu cotidiano. Mas como o fazer essa associação se os profissionais da escola não utilizam e até mesmo não têm a noção da história desse aluno e da comunidade a qual a escola está inserida?

Diante desse problema resolvemos elaborar uma espécie de banco de dados que sirvam de material de apoio didático para novos projetos interdisciplinares no Liceu, compartilhando vídeos editados contendo as entrevistas que utilizamos na Formação Continuada.

Os vídeos conteriam alguns conceitos de patrimônio, depoimentos sobre a proposta pedagógica do Liceu, os relatos de memória e as nossas primeiras experiências de Ensino de História utilizando a metodologia da educação patrimonial. Seriam compartilhados através de um canal de vídeos popular, o *YouTube*, para que não só os professores de história do Liceu pudessem disponibilizar do nosso trabalho em suas aulas, como também toda e qualquer pessoa interessada pela temática tivesse acesso a eles.

O público visitante poderia: curtir os vídeos, deixar comentários, compartilhar os saberes, metodologias e didáticas utilizadas no trabalho em várias redes sociais.

Nesse sentido as redes sociais podem ser uma ferramenta pedagógica importante, pois levam a história ao cotidiano do aluno. Segundo Silva Junior (2020, p.44), “o professor precisa de novas metodologias para contar a história, tanto para a transposição do conhecimento quanto para construí-lo”.

Nossos alunos têm grande acesso a todo tipo de conhecimento publicados nas redes sociais, mostrando bastante facilidade em acessar esses conteúdos digitais. É inegável que o alcance das redes sociais é imenso e que o impacto visual de vídeos e suas informações podem causar uma conexão desse público com o objeto do nosso trabalho.

Então utilizaremos esse canal não só para contribuir com futuras Formações de Professores de História, mas também para ser utilizado em sala de aula; os vídeos podem vir a servir de base para o início dos trabalhos interdisciplinares na escola, visto que os professores reclamam de não saber o que fazer na hora de formular esses projetos de cunho patrimonial.

Esses vídeos também podem alcançar um público que possa vir a se interessar pelo tema do trabalho, para além dos muros da escola. Além disso, as sugestões e críticas deixadas nos comentários serão usadas como *feedbacks* e servirão como *insights* para futuros projetos de ensino de história no Liceu, daí o nome do canal. Mas porque divulgar esse material no *YouTube*? Vejamos.

4.1 A importância do uso das novas tecnologias na Educação e o uso do *YouTube* como recurso pedagógico

Chamar a atenção de jovens e adolescentes em sala de aula e fazer com que eles se concentrem e realizem as atividades, está se tornando uma tarefa muito difícil, a escola tenta entrar em sintonia com a realidade de crianças e jovens em uma sociedade altamente tecnológica e dinâmica.

Entre esses jovens, cresceu o acesso à *Internet* com a popularização dos chamados *smartphones*, os “telefones inteligentes”, uma espécie de celular/computador, com menor capacidade que os computadores, mas com funções semelhantes. Além de receber e realizar chamadas, os smartphones agregam em um único aparelho algumas das principais tecnologias de comunicação: internet, GPS, e-mail, SMS, mensageiro instantâneo e aplicativos para muitos fins.

A partir dessa popularização, o compartilhamento, o acesso e a criação de materiais com conteúdos digitais, nas redes sociais, explodiu em uma escala inimaginável.

Os adolescentes, nossos alunos, sempre estão a usar os smartphones, e utilizam largamente as redes sociais, tendo acesso aos mais diversos conteúdos postados nelas, inclusive os ligados à educação.

Nesses tempos de uso incessante das tecnologias e das redes sociais porque não as utilizar a nosso favor e inseri-las em nossas aulas como recurso pedagógico? Qual a maior dificuldade para que isso aconteça? Nossa resposta seria que o professor ainda está à frente da turma como detentor do saber, desempenhando seu papel de grande mestre do conhecimento, fazendo apenas uma transposição do conhecimento.

As novas tecnologias da informação e da comunicação ou TICs vêm gerando uma série de mudanças, sociais políticas econômicas e culturais. É óbvio que tais alterações causam influências no comportamento dos alunos e na prática do professor.

Nossa pretensão era fazer os professores repensarem suas práticas e fazê-los tomar consciência do quanto é exequível utilizar a experiência do cotidiano dos alunos em suas aulas, proporcionando aos alunos “uma reflexão crítica sobre a realidade social e a percepção do processo de construção de suas identidades e dos seus grupos de pertencimentos” (SILVA JUNIOR, 2020, p. 63).

Nossos vídeos, apesar de servirem de recurso didático para as aulas no Liceu, está direcionado ao público docente do Liceu, que possivelmente tem mais meios de acessar as redes sociais que os alunos.

Assim surgiu o canal *Um Insight no Liceu: história, memória e educação patrimonial no Paracuri*. Com esse canal os docentes teriam acesso a um conteúdo resumido sobre a história da cerâmica e a proposta pedagógica do Liceu. Analisariam o conteúdo dos vídeos e trariam esse conteúdo editado, ou na íntegra, para debate em sala de aula. O professor olharia para o passado para melhor compreender as questões do presente dos alunos do Liceu.

Para Silva Junior (2020), o professor deve ser incentivado a produzir e construir conhecimento através das novas linguagens pedagógicas. Se o objetivo do uso das novas tecnologias é multiplicar o conhecimento e dividi-lo com o maior número de pessoas, o uso do *YouTube* vem casar perfeitamente com essa pretensão,

multiplicaremos o número de pessoas que terão acesso a história e aos relatos de memória do Liceu Escola e da arte ceramista de Icoaraci e dividiremos não só com os professores esse material, mas com todos que acessarem ao conteúdo no canal criado por nós. E isso explica a escolha do *YouTube* para a publicação desses trabalhos.

O *Youtube*, tem seu nome de uma junção de duas outras palavras em inglês, “You” Você e “tube” redução de televisão. Segundo Dantas (2005), o *YouTube* foi criado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley e Steve Chen. O site surgiu em virtude do inconveniente que era compartilhar arquivos de vídeo grandes o que dificultava seu envio por e-mail. E porque no *YouTube*?

1. O *YouTube* é o segundo site mais acessado no Brasil e no mundo (Alexa)

Perdendo apenas para o imbatível buscador da internet (Google.com), o *YouTube* se mantém como o segundo site mais acessado em todo o planeta. Seu mecanismo de pesquisa já é tão relevante nas estratégias de SEO quanto o próprio Google

2. Sua plataforma atende a cerca de 2 bilhões de usuários mensais (*YouTube*)

Com uma gigantesca infraestrutura de tecnologia, o *YouTube* é capaz de entregar conteúdos para bilhões de usuários, em todas as regiões do mundo, simultaneamente.

3. Mais de um bilhão de horas de conteúdo em vídeo são consumidas diariamente na mídia social (*YouTube*)

O Youtube é um verdadeiro fenômeno cultural. As buscas por vídeos para as mais diversas necessidades e atividades se tornou um comportamento padrão para pessoas de todas as faixas etárias.

4. O site está disponível em 80 idiomas diferentes (*YouTube*)

Sua plataforma não apenas oferece opções de visualização com as principais línguas do mundo, como seu sistema de tradução de títulos e conteúdos permite que as produções tenham um alcance global.

5. A empresa já oferece versões locais da plataforma em mais de 100 países (<https://rockcontent.com/br/blog/estatisticas-do-youtube>)

Atento às diferenças técnicas, legais e culturais presentes em cada região, o site disponibiliza versões locais da plataforma em diversos países.

O *YouTube*, é uma das redes sociais mais acessadas em todo o mundo, além de atender a bilhões de usuários mensalmente, apesar de estar apresentando versões

regionalizadas, tem um alcance mundial e os vídeos com nossas experiências podem ser exibidos com muita facilidade em sala de aula ou utilizados como referências em outros trabalhos, em outras escolas, além do Liceu, dado o alcance da rede social.

Para Moran (2013 *apud* OLIVEIRA, 2016), um vídeo pode ajudar o aluno a se situar em um contexto histórico; visualizar um fenômeno físico-químico, ou a conhecer determinada paisagem natural. E como não ajudar os professores também a se contextualizarem e a iniciarem uma nova prática?

Por intermédio das representações visuais contidas em nossos vídeos, os professores podem conhecer um pouco da história da comunidade a qual está inserido o Liceu do Paracuri e rapidamente tomar ciência da proposta original de trabalho da escola, um verdadeiro guia rápido, já que os documentos que continham essa ideia na íntegra foram extraviados.

Utilizando o Youtube, o docente pode facilmente encontrar o material que deseja através da simples inserção de palavras chave em sua barra de pesquisas. O acesso pode ser feito por meio de qualquer equipamento multimídia conectado à internet. O vídeo pode tanto ser exibido diretamente da plataforma, quanto gravado e exibido posteriormente (OLIVEIRA, 2016, p.10).

Há a necessidade de utilizar o *YouTube* como uma ferramenta pedagógica? O *YouTube* é uma rede popularizada, tanto entre os discentes quanto entre os docentes, seu uso pode ajudar na quebra da prática tradicionalista tão usada ainda pelos professores que

[...] apontam que uma das dificuldades mais recorrentes no trabalho com a disciplina História é a de propor e incentivar atividades que proporcionam aos discentes uma experiência que aproxime o passado histórico da humanidade do presente cotidiano dos alunos (SILVA JÚNIOR, 2020, p.31).

O uso das tecnologias digitais em sala de aula pode trazer pra esse espaço novas experiências didáticas; os *feedbacks*, a participação do público que visualiza os vídeos, com comentários, críticas e sugestões, tornam o *YouTube* uma grande ferramenta permanente de construção do conhecimento. Nossos vídeos publicados nessa plataforma podem levar o aluno a analisar as fontes primárias exibidas no canal e questionar sua realidade, tomando para si o papel transformador em sua comunidade ou fora dela.

E o que acharam os professores de história e profissionais da escola Liceu da ideia de publicar a história e memória que recheiam o Paracuri em um canal de vídeos na *Internet*? Antes de respondermos a esse questionamento, que é o ponto central de

nosso trabalho, a viabilidade de nosso produto, iremos apresentar o produto que já está publicado na *Internet* (Figura 35).

Figura 35: Vídeos publicados no canal do *YouTube*

NOME DO VÍDEO	TEMA ABORDADO	OBJETIVO
1. Conceitos de Patrimônio (tempo 2' 36"). https://www.youtube/68x92uPe9rk	Conceitos básicos de Patrimônio	-Fazer com que os professores revissem os conceitos de patrimônio e passassem a utilizá-los em sala de aula.
2. Relatos de memória sobre a cerâmica em Icoaraci (tempo 7' 58") https://www.youtu.be/nZ3FJmEN5Us	Relatos orais sobre o surgimento da arte ceramista no Paracuri	-Socializar os conhecimentos acerca da história usada para explicar o surgimento da arte ceramista em Icoaraci, dando ênfase para a área do Paracuri. -Debater com os professores o fato de que a história ceramista em Icoaraci é resultado de relatos orais e de relatos de memória.
3. O Liceu do Paracuri (tempo 7' 03"). https://www.youtu.be/XMV18o0T_So	- Relatos de memória sobre a fundação do Liceu Escola e o início da produção de cópias das cerâmicas marajoaras no Paracuri. - Relatos de como funcionava a proposta pedagógica original do Liceu.	- Analisar a proposta original da escola, fazendo com que os professores percebam que a ideia era utilizar os saberes tradicionais da comunidade como recurso pedagógico em conjunto com as disciplinas do currículo formal. - Fazer com que o professor trabalhe a arte ceramista associada a identidade do aluno, passando a mostrar a cultura ceramista como patrimônio da comunidade em que este aluno está inserido.
4. Uma Experiência em Ensino de História (tempo 3' 18"). https://www.youtu.be/C9bSf5m0FUU	- A experiência do uso da metodologia da educação patrimonial no ensino de história no Liceu Escola, pós Formação Continuada.	- Construir com outros professores de história novas experiências do ensino de história usando a metodologia da educação patrimonial e a arte ceramista de Icoaraci. - Oportunizar ao professor de história do Liceu uma experiência de utilizar a vivência dos alunos nas aulas de ensino de história, colaborando para a formação da consciência histórica desses alunos.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2022).

É possível visualizar na Figura a forma como organizamos o conteúdo dos vídeos, seus objetivos e de que maneira foram usados por nós nesse trabalho no Liceu.

4.2 A experiência no Liceu: a organização dos vídeos do *Insight* no YouTube

Ao longo de nosso trabalho construímos quatro vídeos, organizados em uma sequência para que sejam usados não só nas aulas de história, mas pela comunidade do Liceu de forma geral.

Somente o quarto vídeo é um vídeo específico da utilização da metodologia da educação patrimonial no ensino de história, mas pode servir de parâmetro para trabalhos de outros professores, pois mostra como trabalhar essa metodologia.

Devemos ressaltar que nosso trabalho traz de forma bem inicial o uso dessa metodologia, mas será ampliado em futuros projetos interdisciplinares, pois a Prefeitura Municipal de Belém revigorou o Núcleo de Artes, contratando profissionais e destinando recursos necessários para o funcionamento do mesmo.

É importante lembrarmos que os documentos sobre o Liceu Escola, inclusive a sua proposta pedagógica original, foram extraviados e os profissionais que chegam à escola não têm referências sobre ela. Muitos nem sabem que a escola tem o Núcleo de Artes e que nesse espaço os alunos têm aulas de parte do currículo da escola, a parte diversificada.

Esses vídeos podem servir de referência para pesquisas e trabalhos relacionados à arte ceramista, dentro e fora do Liceu. Mas como a ideia de publicar esses vídeos foi recebida pelos professores de história e pela comunidade estudantil do Liceu Escola?

4.3 O Canal *Insight*: uma ferramenta pedagógica

Tudo no Liceu gira em torno dos relatos de memória dos artesãos de Icoaraci, ou deveria girar. Qualquer trabalho interdisciplinar que fosse elaborado na escola, teria como base esses relatos de memória e as técnicas de produção de cerâmica guardadas por eles. A partir deles, os projetos deveriam ser direcionados pelos professores e tomariam rumos abordando os diversos conceitos de patrimônio existentes.

Antes dos vídeos serem lançados no *YouTube*, foram apresentados a todos os professores do Liceu, que estavam em uma reunião virtual realizada no dia 21 de janeiro de 2022. Nesse momento a secretaria municipal de educação já havia contratado profissionais para atuarem no Núcleo de Artes. Uma das professoras do

Núcleo, a qual chamaremos pelo pseudônimo de Luiza, abriu discussão sobre a importância dos vídeos e o conteúdo deles (Excerto 14).

Excerto 14

Como nós estamos procurando trabalhar com nosso aluno a identidade, pelo menos, eu não sou de Icoaraci, mas moro aqui em Icoaraci a mais de 30 anos, eu desconhecia muita coisa que eu vi ontem [nos vídeos], e já trabalhei no Liceu, entendeu? Eu desconhecia que hoje existe a cerâmica de Icoaraci, para mim era Paracuri, com desenhos tapajônicas e marajoaras, entendeu? Então, são coisas assim que até os que estão nascendo aí mesmo na região, não tem todo o domínio de todo esse conhecimento e eu acho só mesmo os que nascem nas famílias dos artesãos, já devem ter [noções sobre a história relacionada a produção ceramista]. Escutam eles falar, então vai por mesmo por tá no ambiente, né? Mas assim, eu louvo muito, e me incomoda muito essa questão da identidade. Entendeu? Então eu adorei quando eu vi o vídeo [sobre a proposta pedagógica do Liceu], porque eu acho que é isso mesmo, eu acho que nós temos que procurar a identidade, nós temos que puxar a bandeira. Eu acho que o momento é propenso pra eles realmente terem a cultura nossa, deles também. **Porque o que a gente vê é só uma reprise do que estão fazendo no Sul e no Sudeste.** Infelizmente... (LUÍZA. Informação verbal)²³.

O que a professora chama de “reprise do que estão fazendo no sul e sudeste” é a influência da cultura americana na vida dos nossos alunos, uma cultura altamente divulgada através das redes sociais e meios de comunicação. Para a professora, trabalhar com a arte ceramista é “puxar a bandeira” da identidade do aluno do Liceu, é incentivar a questão do pertencimento desse aluno a comunidade do Paracuri.

O comentário da professora Luiza foi espontâneo, mas procuramos o professor José para que expressasse sua opinião sobre a criação do canal e sua utilidade nas aulas de ensino de História. Segundo ele (Excerto 15), a ideia é ótima, pois dialoga com a tecnologia atual.

Excerto 15

Os vídeos estão numa pegada bem interessante e eles resumem bem o que é a questão patrimonial, a educação patrimonial, como isso é ensinado, como é passado no liceu, fez um apanhado geral bem interessantíssimo, em uma linguagem bem acessível, em uma linguagem, que tem uma tendência mais pra questão lúdica (JOSÉ. Informação verbal).

Esses vídeos foram publicados na plataforma do *YouTube* para cumprir o papel para qual foram criados, socializar o trabalho feito no Liceu Escola. Explicaremos na sequência cada um dos vídeos e sua função no Ensino de História,

²³ O Excerto 14 foi apenas um comentário da Luíza durante uma formação; na ocasião, anotamos sua contribuição sobre a importância da produção e socialização dos vídeos do canal do *YouTube*, sendo apoiada em seu comentário por outros professores, com curtas mensagens do tipo “com certeza” deixadas por outros professores presentes na reunião.

mas também como ajudariam na concretização da proposta pedagógica construída para o Liceu do Paracuri.

4.3.1 A sequência e função dos vídeos publicados no *YouTube*.

- 1º Vídeo: Os conceitos esquecidos de Patrimônio (tempo 2' 36")

Ao iniciarmos nossa pesquisa, um dos problemas encontrados logo de início foi o uso do conceito de patrimônio na escola. Os alunos normalmente associavam a palavra a bens materiais: casas, lojas, prédios, as cadeiras e louças da escola (como patrimônio da escola). Alguns poucos alunos associavam essa palavra a prédios antigos, esculturas, monumentos e objetos antigos.

É o conceito de patrimônio histórico, o conceito do “pedra e cal”, é o conceito utilizado pelos professores ao elaborarem os projetos interdisciplinares. Seria o momento de ampliar o entendimento de nossos alunos de vários aspectos que constituem a identidade da comunidade o qual estão agregados, a partir da análise do cotidiano dessa comunidade. Então saímos do “pedra e cal” e introduzimos outros conceitos de patrimônio nas aulas de ensino de história. Essa é a função desse segundo vídeo. Os tipos abordados foram:

Patrimônio Natural: o motivo de iniciarmos com esse tipo de patrimônio é que o Liceu foi criado para ser autossustentável e para também ensinar educação ambiental. As jazidas de argila do Paracuri estão ameaçadas pelas invasões e retiradas desenfreadas, o governo municipal busca ampliar a proteção da área, mas as invasões ocorrem de forma constante, quanto a retirada da argila, foi deslocada para algumas ilhas próximas ao Distrito. Educação ambiental também é uma disciplina da parte diversificada do currículo do Liceu, e nada mais comum que esses alunos tenham noção do que é patrimônio natural.

Patrimônio Cultural Material e Imaterial: Esses conceitos deveriam ser abordados sempre no Liceu, nos projetos interdisciplinares, nos planos de curso das disciplinas, mas não é o que acontece. A partir da produção desse segundo vídeo a ideia é tentar levar os professores a pensar projetos utilizando esses conceitos, que os alunos possam se familiarizar com esses conceitos, inclusive o imaterial, que para nós é o grande carro chefe do currículo da escola, sendo o “saber fazer” o grande patrimônio da comunidade ceramista de Icoaraci.

Todos os conceitos de patrimônio estão ilustrados com exemplos de patrimônios existentes no Brasil. O Círio de Nazaré de Belém, foi listado como exemplo de patrimônio imaterial brasileiro, e o “saber fazer” viola de cocho também. Dar destaque ao “saber fazer” da viola de cocho é dar margem para abordarmos o “saber fazer” cerâmica no Paracuri. As fontes e imagens foram retiradas do domínio público.

- 2º Vídeo: A história da arte ceramista de Icoaraci nos relatos de memória dos artesãos locais (tempo 7' 58").

Esse segundo vídeo vem mostrando por meio dos relatos de uma artesã de Icoaraci, a história da arte ceramista no Paracuri. Inicia com a apresentação do Distrito de Icoaraci, mostrando o significado de seu nome e sua localização. Logo após a narrativa passa a apontar a importância da cerâmica para o distrito.

Baseados no que aponta Silva Junior (2012) acreditamos que utilizar a história local para inserir o cotidiano do aluno em sala de aula é essencial em uma comunidade como a que o Liceu escola está localizado, pois contribui com a valorização da memória ceramista e o fortalecimento da identidade do aluno dessa unidade de ensino. Durante esse relato inicial o vídeo mostra exemplos de cerâmicas utilitárias (Figura 36) e dos materiais de construção produzidos na área do Paracuri e foram utilizadas no vídeo 2.

Figura 36: Cerâmicas utilitárias produzidas no Paracuri



Fonte: imagens de domínio publico

Há até bem pouco tempo, o uso desse tipo de objetos era comum entre a população da Amazônia, principalmente a ribeirinha. Potes serviam para armazenamento de água para o consumo das famílias e os alguidares para armazenar alimentos. Hoje em dia esses objetos vêm sendo substituídos por vasilhames de plástico, industrializados, mais leves e mais baratos.

Após esse exemplo, a artesã explica como surgiu a ideia de utilizar o grafismo ancestral nas cerâmicas em Icoaraci além de afirmar que foi o conhecido “Mestre Cabeludo” quem iniciou tal tarefa. O vídeo poderia ser facilmente utilizado pelos professores para fazer o aluno entender que a história é resultado da seleção de memórias e fontes. Além do que a utilização desses relatos orais permite fazer um estudo do tempo presente, pois servem de fonte primária para a construção da história de minorias que não são “dignos” de serem estudados pela história sistematizada.

Mostramos que após o uso do grafismo por Mestre Cabeludo em suas peças de cerâmica houve um “boom” na produção dessas peças em Icoaraci, surgindo muitas olarias novas no distrito de Icoaraci e levando muitos artesãos a produzirem cerâmica com esse grafismo.

Nesse momento a artesã comenta a importância de Mestre Cardoso para a propagação do grafismo ancestral nas peças de cerâmica. Mestre Cardoso, segundo a artesã, foi responsável pelo refinamento do uso desse grafismo nas peças, pesquisando e buscando informações sobre a produção, técnicas de pintura.

A ideia é fazer o professor de História, ou quem se interessar pelo assunto, ter um estranhamento sobre as diversas “versões” das histórias que são contadas sobre o surgimento da arte ceramista em Icoaraci e de como essas cerâmicas adquiriram o formato atual. É mostrar os diversos olhares da história sobre determinado assunto e discutir em sala de aula que a história contada atende aos interesses dos grupos dominantes das sociedades as quais elas se reportam.

No caso do Paracuri, atendeu a necessidade do governo municipal em trabalhar com alguém que se interessasse pelo projeto de estudo ceramista iniciado na comunidade.

A entrevista exibida no Vídeo 2, não foi a primeira a ser gravada. Durante a pandemia do SARS-CoV-2, com as aulas presenciais suspensas, realizamos uma primeira entrevista. Escolhemos um lugar espaçoso, arejado, para que pudéssemos manter uma distância razoável. Utilizamos um celular, um *smartphone*, com uma câmera de boa resolução, mas o áudio da entrevista saiu com eco e cheio de barulhos externos, a imagem ficou escura, pois o local escolhido foi uma das salas da Galeria do Núcleo de Artes da Escola.

A primeira entrevista nos trouxe informações valiosíssimas a respeito da história da cerâmica em Icoaraci, mas infelizmente não pode ser utilizada em nosso vídeo.

Marcamos uma segunda tentativa, e dessa vez utilizando um *ring light*, espécie de tripé com lâmpada acoplada, conseguimos gravar a entrevista final. Mantendo distância segura, mesmo sem o uso de máscaras, a artesã nos forneceu novamente seus relatos e deles conseguimos editar o vídeo.

- 3º Vídeo: A história do Liceu Escola e sua proposta pedagógica (tempo 7' 3").
Mais do que um registro, esse terceiro vídeo pode servir de referência para a busca da proposta original da escola. É importante ressaltar que os documentos que registraram a proposta original do Liceu foram extraviados, ficando apenas na memória de alguns funcionários mais antigos essa ideia. Participam desse vídeo duas experientes oficinairas do Núcleo de Artes, servidoras efetivas do quadro da escola.

O vídeo inicia com a apresentação da estrutura física do Liceu e toda a sua grandiosidade com imagens aéreas da escola feitas de um *drone*, com o tema do “Arrastão Cultural” de 2013 servindo de fundo musical.

Após essas imagens aéreas começamos a apresentar a estrutura da escola, blocos de sala de aula, administração, ginásio e o Núcleo de Artes (Figura 37).

Figura 37: Estrutura física do Liceu Escola



Fonte: imagem de satélite, *Google Maps*, adaptada (2020).

Fazemos uma estimativa do número de professores que compõem o corpo docente e do número de alunos também. A ideia realmente é mostrar que o “gigante” Liceu foi planejado para executar um grande projeto, um projeto envolvendo a comunidade do Paracuri, um projeto cultural que tinha a intenção de valorizar a arte

ceramista e fortalecer a identidade do aluno utilizando a história dessa área. O tema do “Arrastão Cultural” buscava valorizar a grandiosidade desse projeto “imponente escola, templo do saber” não só das letras e dos números, mas da cultura, da arte ceramista do Paracuri.

O objetivo de utilizar as imagens da escola junto com o tema do Arrastão Cultura nesse vídeo, foi o de elevar o status do vídeo como fonte audiovisual e tornar seu uso mais atrativo. A música vem destacando lugares e costumes típicos de Icoaraci, construindo uma relação de pertencimento do aluno do Liceu com o espaço e os costumes do Distrito.

É notório o destaque que dá a arte ceramista em seus versos, relacionando o “saber fazer” ceramista a diversas questões culturais de Icoaraci, valorizando as experiências do dia a dia do aluno do Liceu. “Deus do barro fez o homem/e o homem seu alguidar/ Vila Sorriso, berço da cerâmica...” esse trecho da música traz uma homenagem clara aos artesãos e a produção de cerâmica do Distrito.

Seguindo a apresentação das imagens” ocorre a informação de que no Liceu trabalhamos com os relatos orais e de memória dos antigos moradores da área e principalmente dos “mestres ceramistas”.

Nesse momento conceituamos de forma simples “memória” e a diferenciamos de “história” já que normalmente as pessoas tendem a concluir que as duas são a mesma coisa; esse problema também pode ser trabalhado pelo professor nas aulas de ensino de história. Na atividade, elaboramos uma imagem no vídeo que representasse o momento (Figura 38).

Figura 38: Imagem no vídeo 3



Fonte: elaborada pela autora (2021)

As entrevistas foram gravadas nas dependências da escola: galeria de arte e biblioteca. Uma das entrevistadas deixa claro que o objetivo do Liceu não é que o aluno aprenda o ofício ceramista, mas que essa cultura ceramista, que faz parte da

identidade desse aluno, seja usada em sala de aula como saber prévio. É a deixa para que o professor repense a sua prática e passe a usar a história dessa comunidade em suas aulas.

Nos vídeos sempre aparece a figura animada de um vaso de cerâmica, simbolizando a cultura ceramista do Paracuri, como se a arte ceramista estivesse se apresentando nos vídeos e explicando sua importância para quem tiver acesso ao canal.

- 4º Vídeo: Uma experiência de Ensino de História (tempo 3' 18").

Fruto de nossa Formação Continuada, iniciada no final de 2019 e retomada apenas em 2021, por conta da pandemia do SARS-CoV-2, o 4º Vídeo é o registro de uma de nossas primeiras experiências da utilização da metodologia da educação patrimonial no ensino de História nas aulas no Liceu.

Após rodas de conversas e análises dos relatos orais, de memória e da proposta pedagógica do Liceu Escola, os professores de história resolveram aplicar os conhecimentos adquiridos em suas aulas. Esse vídeo traz uma pequena experiência feita em uma sala de aula virtual de sexto ano. Por que escolhemos essa experiência para produzir nosso quarto vídeo? Na verdade, foi a “conversão” do professor descrente no trabalho em professor de Educação Patrimonial da escola.

Há anos a escola estava sem um professor de Educação Patrimonial, e segundo este professor, após nossas diversas conversas envolvendo o tema ele resolveu construir um projeto intitulado “O Lugar de Procedência”. Esse projeto teria como finalidade final valorizar a arte ceramista praticada na comunidade.

O professor tem a intenção de mostrar aos alunos que a cerâmica em Icoaraci é única no mundo, com características próprias, facilmente identificada em qualquer lugar que estiver; por meio desse projeto, o professor tem a intenção de fortalecer os vínculos dos alunos com o seu local de origem, o Paracuri, valorizando a cultura local.

Nessa intenção de diferenciar a cerâmica de Icoaraci de outras produzidas no Brasil, o professor aplica os conhecimentos adquiridos na Formação e passa a utilizar os relatos de memória dos artesãos de Icoaraci nas aulas de história. Discute com eles os diversos conceitos de patrimônio. O vídeo mostra o processo dessa experiência, em uma turma de 6º ano.

Primeiro a sensibilização com vídeos e textos sobre a história que envolve a produção de cerâmica em Icoaraci com a aplicação de uma atividade ligadas ao tema.

A ideia era fazer o professor utilizar conceitos de patrimônio cultural e chamar a atenção dos alunos para a identidade dos moradores da área do Paracuri, tentar fazer os alunos se perceberem como pertencentes a essa comunidade.

Egito Antigo foi o conteúdo utilizado, dando realce a arte egípcia com traçados próprios ressaltada as características das pinturas egípcias, a chamada “lei da frontalidade”, mostrando o quanto essas pinturas estão ligadas ao Egito, assim como as cerâmicas estão ligadas ao Paracuri; nessa aula não houve registro de atividade e nem avaliação, por conta disso, posteriormente será feito um trabalho nessa mesma linha.

Apesar de ser uma experiência inicial, nosso trabalho abriu portas para que outros projetos interdisciplinares ou de ensino de qualquer disciplina, utilizem a metodologia da educação patrimonial no Liceu e quem sabe em outra escola que necessite de tal metodologia. A ideia era envolver outras disciplinas em nosso projeto, o aceite por parte de professores de Geografia, Artes e Ciências, já havia acontecido, mas a impossibilidade de reunir todos ao mesmo tempo, de forma presencial ou virtual, impossibilitou a concretização dessa ideia.

De forma paulatina, conseguimos recolher os relatos das professoras e oficinas do Núcleo de Artes, assim como envolver os professores de história em nosso trabalho.

As aulas foram realizadas de forma online, o que fez escassear o número de alunos participantes, mas conseguimos atingir nosso objetivo principal que foi envolver os professores do Liceu no trabalho e aplicar o conhecimento adquirido na Formação nas aulas de história. Conceitos como patrimônio imaterial, consciência histórica, identidade e muitos outros foram trazidos à tona no Liceu e se projetaram em meio a tantas peças de cerâmica enraizadas no chão de Icoaraci.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter alcançado um resultado positivo em nosso trabalho. Apesar das dificuldades encontradas no percurso, conseguimos realizar com os professores de história do Liceu Escola uma experiência em ensino de História baseado na metodologia da Educação Patrimonial. Durante um árduo caminho, agravado pelo início da pandemia causado pelo SARS-CoV-2, conseguimos estabelecer metas e cumpri-las.

Os docentes foram envolvidos em uma Formação Continuada e se propuseram a trabalhar, nessa experiência, novos conceitos sobre patrimônio e os saberes apreendidos no cotidiano dos discentes em suas aulas. O maior desafio era vencer a transposição didática e o interesse dos docentes em ministrar aulas utilizando textos prontos de livros didáticos.

A comunidade do Paracuri, tradicionalmente, ocupa-se com a produção de cerâmica, nossos alunos vivem esse ambiente, trazem suas experiências para a escola e essas experiências deveriam ser usadas nas aulas do currículo formal.

Mesmo sem o funcionamento do Núcleo de Artes da escola, setor responsável pela aplicação de valores patrimonial junto à comunidade do Liceu, os docentes puderam perceber a importância de valorizar a história do lugar, tornando-a significativa em nossa experiência de ensino.

Neste trabalho também puderam perceber, mesmo com a ausência dos documentos oficiais que instituíam o uso da educação patrimonial no Liceu, qual era a proposta da escola. No percorrer do percurso traçado, sentimos dificuldade em entender essa proposta; recorremos a antigos servidores da escola que através de relatos foram esclarecendo tal proposta, no que resultou na criação de um canal de vídeos com essas informações que servirá de fonte para análise da história dessa unidade de ensino e para a gênese da produção de cerâmica no Paracuri, base de todo trabalho no Liceu Escola.

Devido à dificuldade de reunir material necessário para a consolidação do trabalho, este se estendeu mais do que o previsto. Vivemos a maior pandemia dos últimos tempos, encontros presenciais eram arriscados e foram suspensos, horários sincronizados para reuniões no *Google Meet* era dificultada pelas tarefas acumuladas que deveriam ser concluídas, todas ao mesmo tempo.

Tarefas que eram cobradas pela comunidade escolar do Liceu. Quando enfim a segunda onda da Pandemia em 2021 passou, aulas online foram organizadas. Pais questionaram a metodologia dos professores em aulas online e isso não nos permitiu alongar o tempo de aplicação de nossas atividades.

Mesmo enfrentando todas as dificuldades de tempos penosos, elaboramos nosso produto, o apresentamos a comunidade do Liceu e o publicamos em uma plataforma digital, o *YouTube*.

Nesse sentido, qual a importância de se ter publicado esses vídeos em uma plataforma digital? O atrativo aos alunos do uso das tecnologias nas aulas de história e a facilidade de acesso por parte dos professores desse material. Os vídeos podem ser utilizados como ferramentas pedagógicas por outros professores de história que necessitem de diretrizes para iniciar um trabalho no Liceu Escola e que também se propõem em abandonar as práticas tradicionais.

Além de acompanhar o ritmo dos tempos atuais, em que o compartilhamento de informações foi acelerado pelo uso da *Internet* e das redes sociais, atendendo às necessidades desta geração de alunos tão familiarizados com as Tics, levando-os ao exercício da pesquisa, mesmo que de forma virtual, fazendo esse aluno participar do processo de construção de conhecimento.

Segundo Silva Júnior (2020, p.67), “quando um professor faz a transposição didática de conteúdo e os alunos não conseguem entender, a culpa é do professor, que assumiu para si toda a responsabilidade pela construção e repasse de conhecimento”; para ele, compartilhar a construção do conhecimento com o aluno é dividir a responsabilidade do resultado.

O Liceu Escola tem especificidades que nenhuma escola tem, tem possibilidades de trabalhar o protagonismo de seus alunos por conter uma história relacionada a sua proposta pedagógica rica em detalhes e relatos de memória. Sabemos que o trabalho aqui apresentado foi só o início de uma grandiosa empreitada, recuperar a identidade do liceu e valorizá-la.

Nossa experiência no ensino de História já colhe frutos, os vídeos chamaram a atenção para a proposta pedagógica perdida do liceu, deu entrada para que mais professores de diversas disciplinas os utilize em suas práticas e chame os alunos para participarem desses projetos trazendo com eles a experiência do cotidiano da comunidade em que moram. Trabalhar dessa forma é favorecer o despertar da consciência histórica desses alunos.

A partir dessa experiência acolheremos professores interessados em implementar projetos interdisciplinares ou práticas de ensino baseados nessa proposta, serviremos de lastro para a formulação de novas experiências. Apesar das inúmeras dificuldades encontradas pelo caminho acreditamos ter materializado nossas ideias propostas neste trabalho e ter tido êxito nessa primeira experiência de ensino de História, abrindo margem para que uma gama de trabalhos seja realizada a partir do Canal *Insight no Liceu*.

REFERÊNCIAS

ADERNE, Laís (Org.). **Projeto Político Pedagógico**. Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”. Belém: SEMEC. 1996.

BELÉM, Prefeitura de. **IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários. Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local**. Belém, 2014.

BELEMTUR. **Transatlântico norte americano aporta em Icoaraci com 1200 turistas**. Belém, 2020. Disponível em <http://www.belem.pa.gov.br/belemtur/site/?p=1488>. Acesso em: 16 mai. de 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 12 mai. De 2020.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação sobre Patrimônio Cultural**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

BRASIL. Senado Federal. **Patrimônio Cultural: Legislação**. Brasília: Senado Federal, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

CARDOSO, Jesimar Miranda. **Memória e identidade vigienses na sala de aula: patrimônio e ensino de História na E.E.E.F.M. Santa Rosa – Vigia/PA**. 2020, 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020.

CHAHIN, Samira Bueno. Diálogos numa corda Bamba: sobre a formação continuada de professores. *In.*: **Revista CPC**. São Paulo: CPC USP, n. 27 Especial. 1. Semestre 2019, p.149-164.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

COSTA, Léa Maria Gomes da; RAMOS, Erick Afonso Santiago. Icoaraci, entre o antigo e o novo: apontamento sobre a centralidade urbana e a representação social na metrópole de Belém. *In.*: **Anais**. Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Espírito Santo: UFESP, 2019. p. 981-1000.

DANTAS, Tiago. **"Youtube"; Brasil Escola**. 2005. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>. Acesso em: 4 jan. de 2022.

DALGLISH, Lalada. **Mestre Cardoso: A arte da cerâmica amazônica**. Belém: SEMEC, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

GEVEHR, Daniel Luciano. A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história. **Revista Brasil Educação**. v. 21, n. 67. Rio de Janeiro: RJ, out./dez., 2016, p. 944-962.

HALBWACHS, Mauarice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

IPHAN. **Educação Patrimonial. Histórico, conceitos e processos**. Belém, 2014.

LIMA, Fernanda (org.). **Projeto Político Pedagógico**. Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”. Belém: SEMEC, 2019.

LIMA, Janice Shirley Souza. **Dimensões Estéticas na Inter e Transdisciplinaridade**. Belém: SEMEC, 2014. (Comunicação oral).

LIMA, Maria. Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos. *In.*: MAGALHÃES, Marcelo (org.). **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014, p. 53-58.

LINHARES, Anna Maria Alves. **De caco a espetáculo: a produção de cerâmica de Cachoeira do Arari (ilha do Marajó, PA)**. 2007, 166f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.

LINHARES, Anna Maria Alves. **Um grego agora nú: índios marajoaras e identidade nacional brasileira**. Curitiba, CRV, 2017.

MELO, Diogo J.; et al. Descendentes dos marajoaras: empoderamento na cidade de Belém. **Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel. | Pelotas [43]: 191 - 210**, set./out./nov./dez. 2012.

NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, dez, 1993.

PALMERO, Maria da Luz Rodríguez. (org.). **La teoría del aprendizaje significativo en la perspectiva de la psicología cognitiva**. Barcelona: Editorial octaedro, 2008.

PARÁ, Governo do Estado. **Nota Técnica: Descritivo Econômico do Distrito de Icoaraci**. Belém/PA, 2019.

PINTO, Helena. A Interculturalidade em Educação Patrimonial: desafios e contributos para o ensino de história. **Educar em Revista**. Curitiba: n. 63, 2017, p.205-220.

RUSSEN. Jorn. **Jorn Rusen e o Ensino de História**. Paraná: UFPR, 2014.

SANTOS, Telma Saraiva dos. **Memória e imagem na construção da História dos artesãos ceramistas de Icoaraci/Belém/PA**. Encontro Nacional de História Oral, Arquivos. Rio de Janeiro: RJ, 2012.

SCIFONI, Simone. Conhecer Para Preservar: uma ideia fora do tempo. *In.*: **Revista CPC**. São Paulo: CPC USP, n. 27 Especial, p. 14-31. 1. semestre, 2019.

SILVA, Anderson Rodrigo Tavares Silva. **Mais vídeos, menos textos: ensino e aprendizagem em história e produções audiovisuais**. 2019, 114f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Ananindeua, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA JUNIOR, João Batista da. **O ensino de História e as novas tecnologias: questões de métodos e o ensino-aprendizagem de história em protagonismo discente**. 2020, 116f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Ananindeua, 2020.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. **A Educação Patrimonial no Ensino de História**. Rio Grande: Biblos, 2008.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação Patrimonial e Construção de Identidades: Diálogos, dilemas e interface. *In.*: **Revista CPC**. São Paulo: CPC USP, n. 27 Especial. 1. semestre, 2019, p. 133-148.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. *In.*: KI-ZERBO, Joseph. (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O MESTRE ROSEMIRO PEREIRA

Entrevista com o Mestre Rosemiro – Icoaraci – 12/12/2019

Vocês já ouviram falar nisso? Pois é Icoaraci tem uma história então na história da cerâmica em Icoaraci começou em 1702. Vocês têm uma ideia mais ou menos assim o que é 1702? 1702... então... em 1702 foi quando chegaram as primeiras caravanas portuguesas ao Brasil, né? Quer dizer aqui na nossa região eles já tinham chegado em 1616, conta a história, né? Mas quando foi em 1702 eles vão instalar as primeiras Olarias aqui em Icoaraci, de 1702 até agora tá fazendo um bocado de ano... né? ...que eles montaram as primeiras Olarias. Foram três olarias que eles montaram, os colonizadores, os padres Carmelitas Calçados e também os negros escravos, né, que acompanhavam com eles.

Eles vão instalar três Olarias: uma com o nome de Triunfo, outra com o nome de Cruzeiro e a outra com o nome de Tapanã.

Quando eles começaram a produzir esse tipo de material, eles produziram basicamente dois tipos de material, era um material de construção, né? Tijolo, telha e lajota. Piso né? E construíram também as peças utilitárias

O mestre foi interrompido por um dos seus ajudantes para que ele recebesse ordens da queima de alguns objetos que estavam assando no forno da Olaria

Então como Belém, a fundação de Belém... Alguém se arrisca dizer qual foi o ano 1000... (o mestre fica esperando a resposta dos alunos que ficam dizendo várias datas, vários anos com datas históricas, tentando adivinhar, acertar a data de fundação de Belém. Quando de repente alguém fala 1716 e o mestre reinicia explicação). Opa errou por 100 anos, porque foi em 1616, porque Belém todo dia 12 de janeiro completa ano... né? Então veja bem como Belém foi iniciada em 1616 e as cerâmicas daqui de Icoaraci começaram em 1702, então foi mais ou menos uns 80 90 anos que houve esse intervalo né entre as primeiras cerâmicas entre Belém, a fundação de Belém e as primeiras cerâmicas de Icoaraci.

Só que segundo as histórias que eram contadas pelo meu pai às duas primeiras cerâmicas que foram montadas em Belém foi uma chamou-se Guamá e a outra chamou-se Tucunduba. Isso porque tem um rio chamado Guamá e o outro

chamado Tucunduba Então essas duas olarias foram fundadas por volta de 1680 depois aqui em Icoaraci, em 1702, quer dizer sempre tem um intervalo entre uma coisa e outra, né? Sempre tem um intervalo. Então a partir de 1702 e que começou a produzir cerâmica e não parou mais nunca parou e nós estamos agora em 2019.

Vamos fazer uma subtração 2019 – 1702 (*o mestre faz a conta de cabeça e convida os alunos a fazerem o mesmo*) então nós estamos a 317 anos com a cerâmica aqui em Icoaraci.

Quer dizer o meu avô se tivesse vivo estaria mais ou menos com os 120 anos a 130, por aí. Assim quer dizer quando ele nasceu já tinha produtores de cerâmica e parece que o pai do meu pai. O meu avô, já era ceramista. Não sei nada sobre o meu bisavô, só sobre o meu avô e eu não conheci o meu avô, só conheci a minha avó, o meu avô eu não conheci ele, porque ele já era falecido, o meu pai faleceu com 65 anos, o meu pai nasceu em 1888 e o pai dele nasceu antes, quer dizer que meu pai morreu com 65 anos de idade.

Nós estamos com a cerâmica em Icoaraci a 317 anos, são várias gerações, né? Tá eu comecei com o meu pai, o meu pai trabalhava, né? Trabalhava no ramo, então eu comecei com ele, depois eu fui passando para outras pessoas, pra cunhados que eu tinha, que era ceramistas também, eu passei a trabalhar com eles, aprender com eles, depois eu aprendi também uma boa parte com um cidadão que é da família que todo mundo conhece aqui, José Croelhas.

(*O Mestre começa a fazer perguntas aos alunos*) Ninguém conhece aqui o José Croelhas? Ninguém conhece o Ciro Croelhas? Então, esse Ciro Croelhas é exatamente sobrinho do Jango Croelhas, que era filho do João Espanhol, que foi quem trouxe a cerâmica deles da Espanha para Icoaraci, que foi uma outra vertente, ele já trouxe da Espanha. Em 1711 foram os portugueses e eles já foram os espanhóis. Então a história vem por aí, né? Ela começa por aí.

Depois ela passou para cá pro Paracuri sem data a gente a explicar, quer dizer nós não temos uma data a explicar, aqui em Icoaraci, quando na verdade ela começou aqui no Paracuri. Mas nós sabemos que ela começou logo depois das três cerâmicas lá da frente. Isso porque tinha um historiador aqui chamado Antônio Cabeludo e ele dizia que lá no porto do Uxi, no outro Igarapé lá, que lá tinha uma Olaria que eu cheguei ainda a conhecer os restos dessa outra olaria lá, tinha muito caco de telha, muito caco de louça. Onde cavava encontrava caco e ele dizia que essa olaria lá ela tinha sido montada ainda no tempo dos escravos que eram os escravos que

trabalhavam lá. Tanto que nós tínhamos uma colônia de negros aqui em Icoaraci, que hoje daria para fazer uma associação de quilombolas, que chegaram no Brasil exatamente por motivo da cerâmica e eles ficaram aqui se localizaram aqui, né, e as famílias, muitas dessas famílias já deixaram de trabalhar com cerâmica mas tem muitas ainda que ainda trabalha, tem algumas famílias ali na sétima rua que são descendentes desse povo que trabalham com cerâmica, são descendentes desses quilombolas que vieram como escravo. Então nós acreditamos que aqui dentro do Paracuri a cerâmica tem em torno de 200 anos mais ou menos, aqui no Paracuri, né.

Tem nome para elas, né, chama se de cerâmica utilitária e cerâmica decorativa. *(Eu pergunto o que seria cada uma delas e o Mestre responde)* A utilitária é aquela que se utiliza na cozinha: pote, filtro, a panela, o prato, a tigela *(uma aluna da escola responde junto com o mestre minha pergunta)* o bule ... compreendeu? As peças que eram utilizados na cozinha. Então essas peças são consideradas peças utilitárias, o tijolo, a telha e o piso são construtucional, são peças de construção, outra fase do trabalho. Então quando eles começaram, eles começaram com os dois tipos de peça que era o construtucional e o utilitário. Então hoje nós trabalhamos utilitário decorativo, o útil decorativo, trabalhamos o utilitário e o decorativo. Quer dizer são duas coisas e aí nós trabalhamos também a cerâmica Marajoara, nós trabalhamos a cerâmica Maracá, nós trabalhamos a cerâmica tapajônica, trabalhamos também a cerâmica rupestre, Entendeu? Então hoje tem uma gama, né? Tem uma gama, aumentou muito a questão da cerâmica. Então hoje nós trabalhamos com várias, vários tipos de cerâmica

Perguntamos se o mestre se lembrava a partir de que momento eles começaram a trabalhar com cerâmicas decorativas.

A partir de 62 pra 64, 1962 a 1964 tem até nos livros, livros que contam essa história. Eu acredito que na biblioteca de Icoaraci tem um livro lá chamado assim, é... deixa eu ver... mas o autor é Bruno Guimarães. Bruno Guimarães, o Bruno Guimarães escreveu um livro sobre Icoaraci, e um livro bem pequeno. E nesse livro lá, tem uma boa parte da história da cerâmica de Icoaraci. Inclusive essa cerâmica Marajoara quando ela chegou por aqui né ela chegou através do o Antônio Cabeludo foi quem trouxe para cá, o Antônio Farias Vieira, depois passou para família Cardoso né pro Levy Cardoso seu Raimundo Cardoso Dona Inês Cardoso então esse pessoal passou a trabalhar essa cerâmica mas quem trouxe para cá foi o Antônio Farias Vieira, chama-

se renascentista da arte. e depois ela esperou a cerâmica por Icoaraci toda, aí nós começamos a fazer uma fusão de uma cerâmica com a outra e nasceu a cerâmica útil decorativa que hoje tem uma identidade chamada cerâmica Icoaraciense.

Quer dizer que é uma fusão, né? Nós temos a questão da fusão. Em alguns casos, em algumas reportagens eu aparece dizendo que é uma fusão, em algumas reportagens eu apareço dizendo que é um casamento. Entendeu? Um casamento que houve, há, entre várias cerâmicas. Elas se casaram, várias cerâmicas e surgiu a cerâmica Icoaraciense.

Perguntamos qual era o destino da cerâmica que era produzida no Paracuri se era nacional, local ou internacional.

Para todos! Todos os mercados! Mercado local, mercado nacional e às vezes até o mercado internacional. Para todos os mercados.

Perguntamos se ele lembrava o momento que tinha sido organizada as lojas na travessa da Soledade para vender cerâmica.

Uma das primeiras lojas que surgiu na Soledade foi a minha, né? Foi a partir de 1969. A partir de 1969. O seu Anísio ali, foi um dos que começou logo depois de mim. Se você conversar com ele, ele diz o tempo que ele foi lá né, e eu a partir de 69 porque em 69 foi que eu me estabeleci com residência onde eu moro, né. Então a partir de 69 nós começamos. A gente já produziu aqui, a gente já começou a abrir loja lá, porta para vender lá.

Perguntamos o porquê dessa necessidade de se fazer uma loja na Soledade.

A gente tinha que fazer um oferecimento para o cliente porque lá era rua, era mais fácil de passar, era mais difícil cliente vir aqui dentro. Você sabe porque o pessoal vem muito aqui? Por causa do meu nome sabe porque eles vão em Icoaraci todinho, aí o pessoal diz: Rosemiro, Rosemiro, Rosemiro... sabe? Aí todo mundo vem aqui mas é difícil de encontrar... Mas é difícil de encontrar... Não é difícil de encontrar? Se você passar o dia todo, você vai ver que vem muita gente aqui.

Ontem eu recebi dois jovens, dois jovens que estão fazendo mestrado e vieram aqui também informados por quem? lá pela feira. Eles foram lá na feira e buscar informação e tal, aí falaram: seu Rosemiro... aí eles vieram na Soledade e falaram:

seu Rosemiro... E eles vieram bater aqui comigo. Entendeu? Aí eu contei uma história para eles lá eles passaram mais ou menos uma hora aqui e depois foram embora

Perguntamos se foi uma necessidade de visualização da produção que o levou a abrir a loja lá na Soledade.

Levar o produto mais perto do cliente, né? Porque existe dois tipos de mercado e esses dois tipos de mercado um deles tá acabando, que é o mercado da procura e que tá em ascensão é o mercado da oferta. Então quanto mais você oferece, mais você vende. Quanto menos você bota na procura, menos você vende. Então são dois mercados, aí a ideia deu certo.

Perguntamos a respeito da infraestrutura oferecida pelo governo para venda de cerâmicas em Icoaraci.

O Hélio Gueiros foi um prefeito que teve uma influência de uma pessoa, que tem o nome dela lá no Liceu, que você conheceu, a Laís Aderne. Você conheceu ela, não conheceu? Então a professora Laís devido aos conhecimentos dela que ela tinha lá em Brasília e lá em Goiás, então ela fundou algumas associações lá em Goiás, ela fundou várias, lá em Goiás. Ela veio fazer uma consultoria aqui para Prefeitura de Belém no tempo do Hélio Gueiros. Então ela se interessou por essa área aqui, que ela veio conhecer Icoaraci e se interessou por ela. Quer dizer que Icoaraci ganhou o Liceu, três pontes trazidas pelo Hélio Gueiros, ganhou asfalto.

Essa daqui foi construída no governo do Duciomar com Zenaldo, começou com o Duciomar e terminou com o Zenaldo. Entendeu? Então ele trouxe pra cá, o Hélio Gueiros trouxe para cá, através da professora Laís a feira do Paracuri, aquela feira que é montada lá, que foi também trabalho da professora Laís juntamente com a comunidade. Porque a comunidade, ela na realidade, a comunidade na realidade ela não sabe se organizar. Entendeu?

A comunidade ela sabe trabalhar, ela sabe trabalhar, mas ela não sabe se organizar. Então se você ver hoje a ASSUAMI, é uma associação, que tem uma estrutura muito boa, tá muito bem preparada para enfrentar o ano de 2020. Mas essa semana teve uma reunião lá para a comunidade então a Associação tá pronta então a comunidade o presidente entra com uma história, nós vamos fazer tal coisa todo mundo vamos todo mundo vai todo mundo para fazer, mas ninguém tem iniciativa sabe a iniciativa que falta para comunidade. Eu trabalhei 19 anos e 5 meses no Liceu.

Perguntamos como ele e os demais foram trabalhar no Liceu do Paracuri.

Bom, no liceu foi assim: quando a professora Laís aderne, juntamente com a professora Lálada, elas vieram para montar o núcleo, né, que naquela época os Liceus ainda estavam em ascensão, mas estava começando a entrar em decadência o Liceu, porque os Liceus eles tiveram uma influência muito grande no tempo das artes e ofícios, tinha uma influência muito grande no mundo das Artes, né, então o Liceu estava em primeiro lugar em diversos países do mundo e ela então, como tinha conhecimento a respeito do Liceu, então ela achou que era importante montar um Liceu aqui em Icoaraci, para aproveitar exatamente a mão de obra dos artesãos de cerâmica, né? Tanto que quando o Liceu foi fundado, o Liceu foi inaugurado, tinha um item e esse item que foi derrubado pelo PT, que era a “preferência”.

O item preferencial era para filhos de artesãos, as primeiras matrículas eram pros filhos de artesãos. Quando esgotava aí sim entrava a comunidade. Aí quando o Luiz Araújo assumiu, que ele veio para cá, que ele chegou e disse assim “olha três coisas não existe no PT: preferência, privilégio e proteção. Então se vocês têm aqui preferência, vocês ficam sabendo que vocês não terão mais, porque preferência é a comunidade. Ah, porque foi fundado por causa dos artesãos? Sim, mas os artesãos também é comunidade.

Então quem chega primeiro pega vaga, quem chega depois não tem vaga”, Palavras do Luiz Araújo, né, o secretário de educação. Ele veio no liceu e disse isso, eu ouvi porque eu estava lá. Até me manifestei dizendo que eu achava que ele deveria respeitar o estatuto da escola, né, mas ele disse que não, que a política anterior era uma e a política deles era outra. Entendeu?

Aí a professora Lálada (*o Mestre para de fazer os objetos de cerâmica e fala com seu ajudante*) aí a professora Lálada, ela abriu umas inscrições lá, que ela queria formar um quadro de trabalho para o Liceu. Então ela abriu espaço pra 16 pessoas. Então essas 16 pessoas elas iam entrar para trabalhar no liceu através de um, de um pequeno curso de capacitação.

Então anunciaram aqui na comunidade e todos os oleiros/oleiras que quiserem participar do curso que tava aberta as inscrições. Aí eu como a minha mulher é fundadora do Liceu, então a minha mulher me matriculou lá, pra mim fazer o curso. E eu então fui fazer o curso. Nós começamos com 28 alunos, 28 para fazer o curso de

um mês, 200 horas intensiva: sábado e domingo feriado e tudo mais. Então nós fizemos o curso de 200 horas o curso de capacitação, fizemos o curso de 200 horas. Quando nós terminamos o curso de 200 horas, então ela foi pela ordem de classificação dos alunos, que seríamos nós os 16 alunos.

Aí, nesse tempo, eu achei uma coisa incrível que aconteceu comigo pela obra e graça de Deus, que tinha gente que tinha o segundo grau, que tinha gente que já tava fazendo faculdade, tinha gente que tava completando o primeiro grau e eu não tinha nem um grau e eu tirei o primeiro lugar. Aí tinha colega nossa que ainda é professora lá, a Marluce, ela tirou o segundo lugar. Ela já era professora formada, já era professora formada, já tinha feito até o concurso e só tava esperando chamarem ela pra lá. E ela entrou na escola através do núcleo, ela trabalhou no Núcleo um tempo lá, depois chamaram ela para escola depois ela foi para a escola, mas pode conversar com ela que ela disse isso aí, que ela fez o curso de capacitação assim como eu fiz.

Aí nós fomos capacitados, fomos capacitadas as 16 pessoas, que foram capacitadas, sendo que tinham pessoas entre essas 16 que eram áreas específicas por exemplo: coordenação era área específica, tinha administração era área específica, de secretaria era área específica... Compreendeu? E esse grupo que eu tô falando é o grupo que ia trabalhar exatamente nas Oficinas. Entendeu?

Aí nós nós fizemos o curso em julho, e quando foi a primeira semana de agosto nós fomos contratados, já pra trabalhar. Aí nós trabalhamos: agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro. 5 meses de 1996. Aí de lá para cá nós saímos em 2016.

Perguntamos se a contratação do governo Zenaldo Coutinho os havia dispensado.

É assim devido eles, pensavam assim, na época tinham pessoas lá dentro, ela gostava do grupo que se formou que trabalhava no Liceu, então ela recomendava a contratação do mesmo grupo, aí outras pessoas iam recomendando, diretoras depois recomendavam, né, a contratação do mesmo grupo. Aí foi, foi, até que o Ministério Público entrou em ação e não quis mais que contratasse.

Eu já tava muitos anos trabalhando, né, 19 anos e cinco meses trabalhando. Eles abriram outro curso de capacitação e capacitaram uma outra turma, que meu filho ali, que a minha filha, foram capacitados e trabalharam o ano de 2017... não 2018 eles trabalharam.

Quando foi 2019 eles fizeram o PSS né, o PSS, foram aprovados e não foram chamados. Quer dizer passou o ano, tá terminando o ano e não foram chamadas. Mas eles estão capacitados, aquele ali tá capacitado, a minha filha, a Mara, tá capacitada. Aquele nosso grupo acabou. Acabou o grupo porque eu acho que não vai mais acontecer de se reunir novamente, né, com a mesma finalidade.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROSILENE

Entrevista com Rosilene Trindade. Data da entrevista: 7/5/2020.

Para onde vocês vendem as peças produzidas nas olarias de vocês?

A gente vende para todo o Brasil, principalmente para São Paulo e para a Bahia.

Vocês conseguem vender a preços bons essas peças?

Não, quem compra quer pagar barato, a gente vende peças de cinco reais que são revendidas a 40 reais mais ou menos.

Sempre foi assim?

Um tempo em que o governo comprava tudo o que a gente produzia, era muito bom. A Paratur vinha e levava tudo o que a gente produzia, não sobrava nada.

Quando isso acabou?

No início da década de 80, mais ou menos em 80 ou 83 isso acaba, a Paratur deixa de comprar nossa produção.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ

Entrevista 1 com o professor José. Data da entrevista: 27/12/2019

O Que o senhor acha da educação ofertada no Núcleo de Artes do Liceu?

A gente não vê aluno reclamando “Ah, porque a gente não vai pro Torno”? Na verdade, o aluno reclama de ir pro Núcleo. O que é que é o Núcleo? Trouxeram curador pro Núcleo, fizeram exposição de peças bonitas, mas o aluno não pode entrar, lá tem ar condicionado, mas nas salas de aula não tem ar condicionado. Era um lugar pra turista né? Pra inglês ver.

Aí os caras iam lá, as crianças... não pode entrar aqui, não pode encostar nas peças, cuidado! O Núcleo se tornou um espaço afastado, ao invés de se tornar o Núcleo mesmo, se tornou um espaço afastado. É um espaço diferenciado dentro da escola, aproveitou os saberes de pessoas da comunidade, os saberes e os conhecimentos deles foram aproveitados, mas o trabalho deles é temporário. Dá pra ter uma relação legal com a escola, com o trabalho na escola? Dá, mas acaba. A gente tá um tempo sem muitos oficinairos na escola. Como é que a gente tá dentro de uma escola, que é um polo de cerâmica e a gente passa seis, sete meses, um ano de burocracia pra colocar novos oficinairos?

Entrevista 2 com o professor José. Data da entrevista: 25/11/2021

Qual seria o projeto que o senhor desenvolveria nas aulas de ensino de história?

Meu projeto era um projeto grande que envolvia a ideia da indústria 4.0 e a cerâmica aí na nossa região, de Icoaraci. Mas é um projeto muito grande e a parte que pode ser trabalhada com a questão patrimonial é tentar fazer com que os alunos compreendessem que a cerâmica não é, embora a gente tenha ficado famoso pelas réplicas, têm uma característica... uma característica própria, de Icoaraci, que isso dá pano pra manga pra gente fazer uma coisa chamada indicação de procedência, que é um, quando você identifica um produto, ou algo pela região, né... e que agrega valor inclusive financeiro pra esse tipo de coisa. Em linhas gerais basicamente seria isso,

trabalhar em linhas gerais com o alunado de que a cerâmica de Icoaraci ela é diferenciada da marajoara, da tapajônica e das demais atuais do Brasil. Né? E do mundo, e que isso é bom.

O que o senhor acha da ideia de socializarmos alguns vídeos produzidos por nós sobre os temas trabalhados na Formação Continuada?

É ótima a ideia, porque dialoga com a tecnologia atual, a tecnologia atual. Se a gente não atacar por esse lado os alunos não vão ter forma como eles vão ter acesso, né. Se for pensar em outras formas de tecnologia claro que a gente consegue talvez atingir, mas não da forma que a gente atinja usando a tecnologia digital mesmo.

O que o senhor achou do resultado dos vídeos lançados no canal do *YouTube*?

Os vídeos estão numa pegada bem interessante e eles resumem bem o que é a questão patrimonial, a educação patrimonial, como isso é ensinado, como é passado no liceu, fez um apanhado geral bem interessantíssimo, em uma linguagem bem acessível, em uma linguagem, que tem uma tendência mais pra questão lúdica. Então, a ideia é que isso alcance mais, uma faixa etária de alunos mesmo, de crianças e de jovens. E a ponte em que se faz, né, num canal, numa plataforma de vídeo, assim largamente utilizada, é interessantíssima porque dialoga com uma... dinamiza a coisa, faz uma ponte um elo com aquilo que está sendo discutido que é identitário e importante no passado com uma linguagem, uma metodologia de uma tecnologia que é de agora, é uma ponte extremamente necessária, como o desenvolvimento tecnológico é progressivo a educação tem que ser dessa forma.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARTINHA

Entrevistas com o professora Martinha. Data da entrevista: 17/11/2021

Professora, a senhora pode nos relatar o que sabe sobre a origem da cerâmica em Icoaraci?

Para que possamos entender a história da cerâmica em Icoaraci, mais precisamente do polo ceramista do Paracuri, a gente precisa voltar um pouco no tempo, mais precisamente nos anos de 1700. Todas essas terras de Icoaraci, elas foram passadas para Sebastião Souza em 1701 para que ele povoasse, como sesmarias. De 1701 a 1705 nasceu um povoado, é onde hoje é o centro de Icoaraci. Cinco anos depois, por motivo de doença, ele passou essas terras para os padres carmelitas dos pés calçados. Em 1705 essas terras foram divididas em duas grandes fazendas, uma às margens do grande rio, eles definiram como fazenda São João de Pinheiro, e pra cá, pro Paracuri, fazenda Nossa Senhora do Livramento, onde encontraram em grande quantidade argila, na área do Paracuri, e lá mesmo já implantaram a primeira olaria. Eles trabalhavam com materiais de construção e provavelmente com cerâmicas utilitárias pro seu uso diário. Isso se estendeu por mais de 200 anos esse trabalho.

E sobre a ideia de se utilizar o grafismo marajoara nas peças de cerâmica aqui em Icoaraci, o que a senhora viu ou ouviu?

Pois é, já na década de 1960 aconteceu a grande novidade, nessa cerâmica utilitária, que comumente era utilizada desde o início. Um morador do Paracuri, chamado Antônio Farias Vieira, o Mestre Cabeludo, que era pintor, ele de posse de um livro chamado “A planície amazônica”, de Raimundo Moraes, ele viu as cerâmicas, cerâmicas marajoaras e outras cerâmicas e se encantou com o grafismo das cerâmicas. Apesar de não ser ceramista, ele começou a desenhar a pintar a mão livre na cerâmica que já era conhecida no bairro, chamada utilitária, a fazer suas experiências e viu que ficou bonito, e outros ceramistas também do bairro, começaram a ver também que aquilo dava uma certa beleza maior pra cerâmica que eles produziam. Isso se expandiu de uma hora pra outra de uma forma gigantesca, que outras pessoas foram implantando olarias já pra trabalhar com a cerâmica com o grafismo.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LEDA

Entrevista com a professora Leda. Data da entrevista: 17/11/2021

Como a senhora começou a trabalhar no Núcleo de Artes do Liceu?

Eu já trabalhava com cerâmica antes (antes de começar a trabalhar no Liceu), desde que eu vim morar no Paracuri em 71 (1971). Aí a gente conheceu o Mestre Cabeludo, que foi o pioneiro na produção de cerâmica marajoara e lá eu aprendi a trabalhar com a cerâmica decorada, trabalhei dois anos com ele e adquirir o conhecimento da produção de cerâmica do Paracuri. Quando iniciei aqui, participei de vários colóquios, workshops e formações envolvendo o tema da cerâmica, só não participei mais porque fiz um concurso público e comecei a trabalhar como professora em turmas regulares.

A senhora estava aqui quando o trabalho do Núcleo de artes começou?

Sim, eu estava. A escola iniciou um ano antes da inauguração do prédio do núcleo ficar pronto, as oficinas eram realizadas em um galpão no meio do espaço da escola, lá aonde fica o coreto.

Quem coordenava esses trabalhos?

Logo no início era a própria Lálada. O Mestre Cardoso sempre estava por aqui, pela escola, sempre conversando e orientando osicineiros e quem quisesse ouvir seus ensinamentos.

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LEDA

Entrevistas com a professora Anahí. Data da entrevista: 20/12/2021

Professora, por favor, me fale sobre a sua experiência em trabalhar no Núcleo de Artes do Liceu.

Eu tinha acabado de me formar quando eu entrei aqui, eu tinha mais ou menos um mês de formada, fui aprendendo a ser professora, a dar aula. Aqui eu fui trabalhando direto com projetos interdisciplinares. Eu sempre gostei muito de trabalhar aqui, eu sempre tive muita liberdade, não precisamos listar um monte de conteúdo, mas era um trabalho em que a gente elaborava toda a metodologia da aula, de acordo com os alunos que iriam participar, de acordo com os objetivos, então sempre era um trabalho de criação também. Eu precisava fazer o diagnóstico dos alunos, ver o que cada turma precisava. Muitas vezes quando se tinha mais de uma turma trabalhando no mesmo projeto, as duas turmas tinham metodologias diferentes, com abordagens diferentes.

Eu era a única professora efetiva da equipe do Núcleo, quando eu entrei existiam 12 pessoas trabalhando lá, trabalhando nas diversas oficinas. Então, quando eu entrei aqui no Liceu tinha a mesma equipe a praticamente 20 anos, desde a fundação da escola, na década de 90. Só que quando chegou em 2016, essa equipe foi toda retirada e passamos o ano de 2017 praticamente sem ter uma equipe fixa. Foi lá pelo fim do ano de 2017 que foi recomposta a equipe do Núcleo, só que com outros profissionais e passaram mais dois anos. Quando foi em 2018, começou a reforma da escola, aí foi muito ruim porque a gente passou praticamente o ano de 2018 e 2019 inteiros sem ter nada no Núcleo, porque a escola estava em reforma e a maioria das salas de aula do Núcleo estavam sendo usadas como sala de aula.

Para a senhora, quais os maiores problemas desse tipo de educação no Liceu?

Para mim, foi uma falha na fundação da escola, foi não ter deixado estruturado [uma legislação que desse estabilidade aos oficineiros em suas funções] de fato a situação dos profissionais que vão trabalhar no Núcleo. [...] não tiveram em momento algum, preocupação de dar uma segurança para essa equipe de funcionários. [...]

essa equipe que estava aqui, que estava trabalhando aqui, passou por várias formações de reciclagens, de aperfeiçoamento, que eram específicas para o contexto da escola e da comunidade. Então esse conhecimento não tem como ser replicado, não tem como ser repetido para os funcionários que vierem depois. E quando os novos funcionários começam a entender a proposta da escola eles também são perdidos, pois vão embora ao final do contrato deles. Então acaba caindo numa função muito utilitarista das oficinas. Durante muito tempo, nesses quatro anos, já houve vários períodos que as oficinas serviram só para preencher horário, os alunos estavam com horários vagos, estavam sem aula, e às vezes era prejudicado a realização dos projetos do Núcleo